



A

CANTORA BRAZILEIRA

RECITATIVOS

A VENDA NA MESMA LIVRARIA

ALVARES DE AZEVEDO.—Obras completas, 3 vol. in-8.º	9\$000
CASIMIRO DE ÁBREU.—Obras completas, 1 v. in-8.º	3\$000
GONÇALVES DIAS.—Poesias, 2 v. in-8.º br. 4\$, enc.	6\$000
JUNQUEIRA FREIRE.—Obras completas, 2 v. in-8.º	6\$000
GONZAGA.—Marilia de Dirceu, 2 v. in-8.º	6\$000
BITTENCOURT SAMPAIO.—Flôres sylvestres, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
BRUNO SEABRA.—Flôres e fructos, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
LUCIO DE MENDONÇA.—Alvoradas, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
NORBERTO DE SOUZA SILVA.—Flôres entre espinhos, contos poeticos, 1 v. in-8.º	2\$000
JOAQUIM SERRA.—Quadros, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
SILVA ALVARENGA —Obras completas, 2 v. in-8.º	6\$000
ALVARENGA PEIXOTO.—Obras completas, 1 v. in-8.º	3\$000
CASTILHO (J. F de).—O outomno, collecção de poesias, 1 v. in-4.º br. 3\$, enc.	4\$000
CASTILHO (Julio de).—Primeiros versos, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
BERNARDO GUIMARÃES.—Poesias, 1 v. in-4.º	6\$000
» —Novas poesias, 1 v. in-8.º	3\$000
GUIMARÃES JUNIOR. — Corymbos, poesias, 1 v. in-8.º br.	3\$000
GUIMARÃES JUNIOR. — Nocturnos, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
MACHADO DE ASSIS.—Americanas, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
MACHADO DE ASSIS.—Chrysalidas, poesias, 1 v. in-8.º br. 2\$, enc.	3\$000
MACHADO DE ASSIS. — Phalenas, poesias, 1 v. in-8.º	3\$000
VARELLA. — Cantos do ermo e da cidade, 1 v. in-8.º	3\$000
ZALUAR.—Revelações, poesias, 1 v. in-4.º	5\$000

NOVA
COLLECCÃO
DE
RECITATIVOS

TANTO AMOROSOS COMO SENTIMENTAES

precedidos

DE

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A MUSICA NO BRAZIL

RIO DE JANEIRO

Vende-se na livraria de—B. L. GARNIER

65—RUA DO OUVIDOR—65

—
1878

IDÉAS SOBRE A MUSICA NO BRAZIL

Tratando das *modinhas brasileiras* diz o distincto litterato portuguez Theophilo Braga :

« Das *modinhas brasileiras* !... Antonio José fez um elemento especial das suas composições dramaticas. A *modinha* é uma criação musical do genio portuguez : á medida que esta fôrma se ia obliterando nas classes elevadas, foi ficando privada dos costumes populares, como vemos na *vida de Manoel Machado de Oliveira*. O mesmo succedeu com a festa do Espirito Santo. No principio do seculo XVII as cantatas e serenatas italianas corromperam a originalidade da *modinha* ; deu-se então o mesmo facto que já mostramos com o romanceiro popular : assim como nas ilhas dos Açôres se conservou pura a tradição epica do tempo dos colonisadores, quando já em Portugal se extinguíam os cantores cavalleirescos, tambem no Brazil se conservou a *modinha*, levada para alli pelos negociantes e colonos, e do Brazil a trouxe na sua inteireza primitiva Antonio

José da Silva, que abandonaram a patria aos oito annos de idade, e achava n'essas canço~~netas~~netas uma recordação da infancia. (*)

« Na carta VIII, de Lord Beckford, escripto de Portugal em 1817, descreve-se o uso das *modinhas brazileiras* em Lisboa :

« N'uma janella divisamos as duas formosas irmãs
« Lacervas, damas de honor da rainha, accenando com
« as mãos a convidar-nos : era incentivo bastante para
« galgarmos vastos lanços de escadas até ao seu apo-
« sento, que se achava atulhado de sobrinhas, sobri-
« nhos e primos, apinhando-os em torno de duas jo-
« vens muito elegantes, as quaes acompanhadas de seu
« mestre de canto, um frade baixo e quadrado, e de
« olhos verdes, garganteavam *modinhas brazileiras*.

Quem nunca ouviu este original genero de musica,
« ignorará para sempre as mais feiticeiras melodias que
« tem existido desde o tempo dos sybaritas. Consistem
« em languidos e interrompidos compassos, como se
« faltasse o folgo por excesso de enlevo, e a alma
« anhelasse se unir a outra alma identica de algum
« objecto querido.

(*) *Historia do theatro no seculo XVIII.*

« Com infantil deleixo insinuam-se no coração antes
« de haver tempo de o fortificar contra a sua e lúptuo-
« sa influencia ; imaginaes saborear o leite, e o vene-
« noso da sesmalidade vae calando no mais intimo da
« existencia : pelo menos assim succede aquelles que
« sentem o poder dos sons harmonicos ; porém não
« respondo n'esse caso polos animaes do norte bleng-
« maticos e duros de ouvido.

« Uma ou duas horas correram quasi impercepti-
« velmente no deleitoso delirio que aquellas notas de
« serea inspiravam, e não foi sem magua que eu vi a
« companhia dispersa e o incauto despeito. As donas
« do aposento, tendo recebido aviso para assistirem a
« cêa de Sua Magestade fizeram-nos uma mezura com
« o maior donaire, e desappareceram. »

« Lord Beckford fallava como amator ; ouçamos
Stafford, como theorico, na sua *Historia da musica* :

« O povo portuguez possui um grande numero de
« arias lindissimas e de uma grande antiguidade. Estas
« arias nacionaes são os *lundus e as modinhas*. Estas em
« nada se parecem com as arias das ontras nações, a
« modulação é absolutamente original. As melodias
« portuguezas simples, nobres e muito expressivas.

« E' para sentir que os compositores portuguezes abandonem o estylo da sua musica nacional para adoptarem a maneira italiana. »

« Antonio José na sua opera *D. Quixote*, deu em grande desenvolvimento a esta parte, introducindo no theatro o elemento nacional das *modinhas*. »

« As *modinhas bazileiras* converteram-se em arias. »

Segue no tomo III.

RECITATIVOS

PRIMEIRA PARTE

A GENTIL CAROLINA ERA BELLA

(?)

A gentil Carolina era bella,
Como é bella nos campos a flôr ;
Em seu rosto brillava a innocencia,
Em seus olhos o fogo de amôr.

Aos encantos de lindo mancebo,
Coroção, alma e vida entregou :
Era d'elle e sómente por elle
Que em seu peito o amôr se abrazou.

Tambem elle era della, e por ella
Ternamente seu peito batia ;
Taes extremos de amor puro e firme
Peito humano sentir não podia.

Meia-noite no bronze da torre
Gravamente o silencio cortou ;
Pelos ares a brisa rolando
De écho em écho o zunido levou.

Carolina, que que as horas contava,
Meia noite ! murmura e estremece :
Lança os olhos além da janella,
Branca lua nos céos apparece.

Eis que acorda, de manso abre a porta.
Sahe de casa tremendo e medrosa,
No quintal entre o vasto arvoredado
Move os passos, gentil, cautelosa.

Eis que vai a passar os canteiros
De repente scismando parou ;
As florinhas que o vento agitava
Ao clarão do luar contemplou.

Carolina, onde vais a esta hora,
Que não tremes de susto e terror ?
Não, não tremo que as forcas me sobram....
Vou levada nas azas de amôr.

NOSSA MAI

(? ..)

Ama o bardo seus cantos, seus sonhos,
Como pode na terra se amar,
Passão annos, já velho, infeliz,
Nem dos sonhos já quer-se lembrar.

Dôces frases d'amôr mutuamente
Os amantes só sabem jurar ;
Mas o tempo, a distancia, a auzencia
Tudo póde essas juras quebrar.

Cresce a flôr junto a margem do rio
E perfumes só quer exhalar ;
Nõs amamos a flôr quando é bella
Desprezamos se a vemos murchar.

Mas o tempo, a distancia, não pódem
De uma mãi, o amôr acabar ;
Minha mãi, eu vos amo na terra
Como a Deos lá no céo hei-de amar.

Este amôr nem a morte cruel
Podera em minh'alma acabar ;
Se navida vos sagro meu peito
Junto á campa irá elle estalar.

A CANTORA

Hade o tempo, a distancia, a auzencia,
D'este amor doce laço estreitar ;
Minha mãe, eu vos amo na terra
Como a Deos lá no céo hei-de amar.

VIRGINIA

(J. NORBERTO DE SOUZA SILVA.)

Bella mãe! Limpa o pranto que corre!
Alça os olhos á aerea visão
Tu não choras a filha querida perdida?
Ella baixa da diva mansão!

Ouve as vozes — que vozes tão doces!
Quem te falla é um Anjo do Céu;
— Vê que é nada da Campa a Victoria,
— Vê que é nada da morte o tropheo!

« Cara mãe! (Ella diz) Não mais chores.
Limpa o pranto mitiga tua dor;
E contempla na filha querida perdida
Mais um anjo do eterno Senhor!

« Não irás com as tranças cahidas
E descalços os pés te prostrar
Ante o throno da Virgem Celeste
Que a existencia não quiz me poupar.

Não irás ; para a terra sou morta
[as nasci para o throno de Deos ;
ma filha de menos tu contas,
[as um Anjo de mais tem os Céos !

Tu dizias que eu era no mundo
[a da vida na breve manhã
inda Aurora de um dia formoso
[surgir no horisonte louçã.

[as agora nos Céos mais fulgente
ou um raio celeste de luz,
[ue só para guiar-te na vida
[a do throno do Eterno transluz.

Tu dizias que o nome que eu tinha
[esoava qual hymno de amor,
[omo a briza roçando nas flores
[fugindo, e deixando um rumor.

Mas agora nos Céos mais divino
' meu nome harmonia sem par,
[ue nos cantos que dulcios alternão
[uros anjos costumão me dar.

Tu dizias qu'inquieta e errante
[e mostrava da idade no albor
[orboleta do prado eu corria,
[omo ella, de flor para flor!

[as agora, nos Céos rutilantes
[inhas azas tem todo o esplendor ;
[infinito é agora meu prado,
[meu canto é um hymno ao senhor.

Eu na terra dormia n'um berço,
E no berço só hia sonhar
Com mil fadas, fantasmas, encantos,
Desses contos que ouvia contar.

Mas agora nos Céos mais ditosa,
São meus sonhos mais gratos, reaes;
Vejo a gloria de Deos, que não podem
Ver da terra teus olhos mortaes !

« Sim, a flor para o mundo murchou-se,
Mas a odor que espargio, é no Céu ;
Pó, ou cinza é da campa a victoria,
Pó ou cinzá, é da morte o trophéo. »

Ella diz, e em seu rosto reflecte
Almo rasgo celeste de luz,
Que só para guiar-te na vida
Lá no throno do Eterno transluz.

Bella mãe ! Limpa o pranto que corre !
Alça os olhos á aerea visão....
Mas não ouves !... Abraços e choros
Real campa da triste mansão !

AMANHÃ

(MACEDO)

Extremoso mancebo adorava
Gentil moça, feitiço d'amor ;
Era dama que em graças primava,

E primava também no rigor ;
Que esperanças também accendia,
Mas que nunca um favor concedia.

Dia e noite o mancebo gastára
Em provar terno amor pela bella,
Dia e noite o mancebo chorára
Por deleites gozar ao pé della ;
Mas tão féra, quão linda e louçã,
Ella sempre dizia : — amanhã.

Ah ! senhora ! exclamava o amante,
Até quando quereis ver-me assim ?
Nem sequer o favor de um instante...
Nunca, nunca, tereis dó de mim ?...
Quando, pois, pagareis tanto afã ?
E a cruel respondia ; — amanhã !

Amanhã... essa phrase do inferno
Já mil vezes de vós tenho ouvido ;
Já mil vezes amor louco e terno
Abrazado vos tenho pedido ;
Mas tão féra, quão linda e louçã
Vós dizeis rindo sempre : — amanhã !

De horizonte limite afastado,
Que debalde se quer conhecer ;
De uma flor o botão desgraçado,
Que jamais flor aberta ha de ser ;
Ironia, illusão, phrase vã
Eis o que é esse vosso amanhã !

Basta, emfim de zombar. Eu vos amo
Como ama o favonio uma flor ;
Por gozar-vos ardente me inflammo,
Junto á vos morrer quero de amor !...
Quando, pois, pagareis tanto afã?
E a cruel respondia : —amanhã.

E o mancebo esperava, esperava,
Que chegasse essa hora de amor,
Cada dia mais terno voltava
A pedir da ternura o penhor ;
Mas tão féra, quão linda e louçã
Ella sempre dizia : —amanhã !

Chega um dia ..era noute formosa,
Tudo em doce socego jazia,
Estava a lua no céu radiosa ;
Bella, a dama entre as flores dormia ;
No jardim foi de somno apanhada
Pelas auras da noute embalada.

Junto della ninguem esta velando...
Mas, por entre os arbustos viçosos,
Os raminhos c'o as mãos afastando ;
Vem o amante com passos cuidadosos ;
Ei-la alli a dormir descuidada,
Ei-lo alli com sua alma abrazada !

O que mais succedeu ninguem vio...
Sabe-o a lua que estava no céu...
Só do amante um suspiro se ouviu

E um ai terno que a moça gemeu !...
E depois que algum tempo passou,
Todo em fogo o mancebo exclamou :

Ah ! é pouco... não basta um favor
Para a chamma que ardendo em mim vês ;
Dize —quando p'ra gloria de amor
Dormirás no jardim outra vez ?
E vermelha qual flor de romã
Disse a moça outra vez : — amanhã !

HYMNO DA DESCRENTE

Foi ditosa e feliz minha infancia,
Toda cheia de crenças de amor ;
O porvir eu amava com ancia
Que mais tarde devia transpor.

Quão mentida me foi esta esp'rança,
Muito cedo perdi a illusão !
Ai de mim—que inda sendo creança
Vi morrer este meu coração.

E morrer sem gozar um instante
O porvir que no berço sonhei...
Inda moça e do crime distante,
Bem depressa no crime acordei !

Acordei, quiz voltar—era tarde,
Já não pude á desgraça fugir !
Só me resto hoje, triste e covarde,
O meu negro destino carpir.

Essa crença de amores que eu tive
Ai p'ra sempre, p'ra sempre a perdi,
Em vez della o cynismo revive.
Junto ao fel que inda moça bebi.

Que m'importa que nada me reste
Dessa idade de crença e prazer?
Que m'importa que o mundo deteste
Esse pranto que a dôr faz verter?

Que m'importa a indiff'rença do mundo,
Se p'ra o mundo indiff'rentê já sou?
Do meu crime o remorso profundo
Já a esp'rança e a fé me roubou!

Só me resta o socego da campa
Onde em breve irei repousar!
Esta nodoa que o crime m'estampa
Só com a morte eu a posso apagar.

O BARDO

(?)

Frio manto d'estrellas bordado,
Vai a noite trajando no céo;
Cahe o orvalho nas azas da briza,
Que gelado entre as folhas morreu.

Na mansão dos finados divaga
Triste bardo com a lyra na mão;
Acha á campa que busca, sentado,
E disfere esta triste—canção

Tantos raios de luz lá no céu,
E nenhum de esperança eu achei !
O cypreste e o goivo da campa
Forão restos de um bem que adorei ?...

Entretanto, aqui venho, de balde,
Alta noite teu nome invocar
Chamão isto loucura na terra
Mas em chamo constante adorar.

Uns têm pranto chorado nos olhos,
Dentro d'alma chorado é o meu ;
Pois não ha que o venha enxugar,
Pois quem sabe é só Deos e eu.

Era cinza gelada por fóra,
E no centro vulcão a escaldar :
O oceano tranquillo na face
E no fundo revolto a bramar.

Em roupagem de neve abafado
Desce um anjo da etherea mansão :
Se é ella, foi Deos que a mandou
Me valer n'esta negra afflicção.

Lá se vai a visão com a nuvem,
Só não vai este meu padecer !
Justos céos ! se meu mal não abrando
Vezes mil eu prefiro morrer !....

E os échos saudosos ao longe
Repeitão por vezes—morrer ;
Era o verbo final de seus labios
Nesta noite de horrivel soffrer.

E o sol da manhã descurtindo
Triste scena que faz compungir ;
Um cadaver com a lyra no peito
Era o Bardo para sempre a dormir !..

VISÃO

(GONÇALVES DIAS)

Quando o somno me peza nos olhos,
Rever sinto em torno de mim,
Vaga sombra que ameiga os meus sonhos
Talvez fórma de algum seraphim.

Toda a noite um adejo suave
Me acalenta com meigo frescôr,
Vem meu anjo dos cilios retinctos
Vem levar-me nas azas de amor.

Passo a noite se acaso repouzo,
Sempre a ver-te nos meus sonhos d'ouro
Alva a tez, breve boca rosada,
Sobre o véo escondido um thesouro !

N'uma rede d'encantos me prendes
Com grinalda de mystico odôr,
Vem meu anjo dos cilios retinctos
Vem levar-me nas azas de amôr.

Bella fada que doura meus sonhos,
Que sympathica a vida me fez !
Já não és illusão mentirosa
Eu te vejo acordando talvez !

Bello anjo d'uma alma celeste
Seu doce olhar de graça e pudor,
Vem meu anjo dos cilios retinctos
Vem me arroubar d'extremos de amôr !

AO TROVADOR

PRIMEIRA RESPOSTA

Trovador eu lastimo contigo
Dessa ingrata tão fero rigor ;
E do pranto que vertes, tão triste,
Eu bem vejo o cruel dissabor.

Eu detesto a mulher que no peito
Te cravou esse espinho de dôr ;
Ai ' esquece a perjura que adoras,
Mas, por Deus ! acredita em amor.

O amor da mulher é sublime,
E' do céu um lampejo divino ;
E' estrella brilhante e serena
Que precede o clarão matutino.

O amor da mulher é a brisa
Quando á tarde suspira saudosa!
E' a fonte que doce murmura
N'uma praia deserta, arenosa.

A mulher é um ente infeliz,
O seu fado é soffrer e amar;
Quando os homens a tornam escrava,
Linda os ferros vão meiga beijar.

E, coitada! illudida e sincera,
Quer nos homens firmeza encontrar:
Não se lembra que quando elles juram
A' mulher só procuram enganar!

A mulher é ludibrio da sorte
Quando firme, constante e fiel;
Mas os homens um culto lhe rendem
Quando é falsa, perjura e cruel.

Para exemplo: vê tu essa Helena
Que o consorte trahido deixou;
Pois por ella ser falsa e perjura
Foi que Paris tão cego ficou.

O amor da mulher é perfume
Que exhala o fragante jasmim!
O amor da mulher é constante,
Não conhece lemites, nem fim.

Só por uma quebrar os seus votos,
Todas ellas perjuras não são!
No amor da mulher acredita
Trovador. ai! não chores mais não.

AO TROVADOR

SEGUNDA RESPOSTA

Trovador o que tens! tu não soffres,
Bem fingida é a tua afflicção ;
Nesse pranto que a face te orvalha
Eu só vejo um signal de traição.

Se a mulher a quem dizes que amavas,
Te tratou com acerbo rigor,
Foi por ter conhecido que amava
Um infame, um cruel seductor.

Se o amor da mulher é a nuvem,
Qual o vento que a faz agitar !...
Não será o amôr d'um ingrato
Que esta nuvem procura arrastar !

Se o amôr da mulher é luzerna
Para o homem que a não sabe amar ;
O amôr da mulher é estrella
Por que firme hade sempre brilhar.

O amôr da mulher não é fragil,
Pequenino, adoidado batel ;
O amôr da mulher é constante
Mesmo achando um amante infiel.

O amôr da mulher é qual roza,
Que insensatos procurão colher ;
Vis insectos que trazem veneno
Para a pobre da flôr fenecer.

A mulher que promette, não falta,
Se ella jura, hade a jura cumprir ;
A mulher é fiel, é sincera,
A mulher não precisa mentir.

Um exemplo só, não, porém muitos
Eu aqui os podia mostrar ;
De que só a mulher sente amôr,
De que só a mulher sabe amar.

Quando meiga se mostra a mulher,
Com agrados, com ternos carinhos ;
Um futuro lhe mostrão de flôres,
Destas flôres que occultão espinhos.

A mulher tem o dom da belleza,
Tem maneiras que sabem enlevar,
A mulher é um todo perfeito
Se dinheiro ella tem a fatar.

A mulher tem feitiço nos olhos,
Diz o infame, cruel lisongeiro !....
A mulher é um anjo no mundo,
Se elle vê que a mulher tem dinheiro!

O amôr da mulher é tão firme,
Quanto é firme o rochedo gigante ;
O amôr da mulher não se vende,
Ella só, é quem ama constante.

AO TROVADOR

TERCEIRA RESPOSTA

Trovador, o que tens, o que soffres,
Porque choras com tanta afflicção?
O teu pranto assáz me compunge,
Trovador, ai! não choras mais não!

Si acaso a mulher que tu amas,
Te tratou com acerbo rigor.
Trovador, ai! por isso não chores,
Ai! não creias por Deus em amôr,

O amôr da mulher é a nuvem
Quando o vento a impelle no ar...
O amôr da mulher é voluvel,
E' tão vario qual onda do mar.

O amôr da mulher é um fragil
Pequenino, adoudado batel,
Que vagueia sem norte, sem rumo,
Té quebrar-se em ignoto parcel!

O amôr da mulher é luzerna
N'uma noite de inverno a luzir;
E' estrella do céo entre nuvens
Que a custo se vê reluzir!

A mulher tem o dom da belleza,
Tem maneiras que sabe enlevar,
Mas no meio de seus attractivos,
A mulher tem o dom de enganar.

A mulher tem feitiço nos olhos,
 E nos labios veneno lethal;
 A mulher nos illude chorando,
 E sorrindo nos crava o punhal.

Trovador, ai! esquece essa ingrata
 Que causou-te cruel amargor!
 Trovador, ai! por isso não chores,
 Ai! não creias, por Deus, em amôr!

AO TROVADOR

QUARTA RESPOSTA

Trovador, tudo isso é verdade:
 A mulher é tyranna, é cruel!
 A mulher, com ternura nos olhos,
 Nos embebe nos labios o fel.

Porém vós, o tyrannos, não vós,
 Que sois causa de todo o seu mal;
 Que, sem pena, sem dó, sem piedade,
 Sem cessar lhe cravais o punhal?

Podeis vós, por ventura negar
 Ser com ella em tudo uns tyrannos?
 Vossas leis são tornal-a uma escrava,
 Ou mantel-a com vossos enganos.

Podereis, por ventura, negar,
Que, senhores da sua fraqueza,
Abusais dessa força que tendes
Para bem rebaixar vossa presa ?

A mulher é um ente sublime,
Porém vós não amaes as fieis ;
Com o exemplo de vossos enganos,
As fazeis igualmente crueis.

Não amaes, certamente, a mulher,
Que, sincera, por vós dá a vida :
Abusaes de um amôr extremoso,
Com excesso adoraes uma infida.

Porque então vós fallaes, ó infames,
No geral, insultando a mulher,
Se depois de roubar-lhe o socego,
Della os gozos o homem só quer ?

Se a mulher em astucia vos vence,
Se, sensivel, por vós é pisada ;
Não amais as doçuras e excessos,
Só astucia por vós é prezada !

Quereis inda, ó monstros, negar
Ser verdade o que digo de vós ?
Que sem pejo de serdes malvados,
Infamantes sois sempre de nós ?

Se soubesseis prezar a virtude
Da mulher que vos sabe adorar,
Podereis então conhecer
Que a mulher só nasceu para amar.

SEGUNDA PARTE

DONZELLA, POR PIEDADE NÃO PERTUBES

(?....)

Donzella, por piedade não perturbes
A paz que se abrigou no peito meu :
Não queiras, com teus cantos de sereia,
Acordar um amôr que já morreu.

Amei-te, sim, ó virgem, sim amei-te
O quanto o coração amor podia !
O verdor de meus annos consagrei-te,
Só a ti, a ti só no mundo eu via !

Faço timbre hoje emfim de conhecer-te,
Mil vezes faço timbre de adorar-te :
Minha viva paixão manda querer-te,
Tuas faltas de amôr mandam deixar-te.

Se procuro, cruel, deixar de vêr-te,
A tristeza me cerca em toda a parte :
Arrependo-me, oh! sim, de conhecer-te
Se para allivio meu busco fallar-te.

O VAGABUNDO

(ALVARES DE AZEVEDO)

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano
Fumando meu cigarro vaporoso ;
Nas noites de verão namoro estrellas ;
Sou pobre, sou mendigo, e sou ditoso !

Ando rôto, sem bolsos nem dinheiro ;
Mas tenho na viola uma riqueza :
Canto á lua de noite serenatas,
E quem vive de amôr não tem pobreza.

Não inveja ninguem, nem ouço a raiva
Nas cavernas do peito, suffocante
Quando á noite na treva em mim se entornam
Os reflexos de baile fascinante.

Namóro e sou feliz nos meus amores ;
Sou garboso e rapaz... Uma criada
Abrasada de amôr por um soneto
Já um beijo me deu subindo a escada...

Oito dias lá vão que ando scismando
Na donzella que alli defronte mora,
Ella ao vêr-me sorri tão docemente!
Desconfio que a moça me namora!...

Tenho por meu palacio as longas ruas;
Passeio a gosto e durmo sem temores;
Quando bebo, sou rei como um poeta,
E o vinho faz sonbar com os amores.

O degrau das igrejas é meu throno.
Minha patria é o vento que respiro,
Minha mãe é a lua macilenta,
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De paineis a carvão adórno a rua;
Como as aves do céo e ás flôres puras
Abro meu peito ao sol e durme á lua.

Sinto-me um coração de lazzaroni
Sou filho da calor, odeio o frio;
Não creio no diabo nem nos santos...
Rezo á Nosa Senhora, e sou vadio!

Ora, se por ahí alguma bella
Bem doirada e amante da preguiça
Quizer a nivea mão unir á minha
Ha de achar-me na Sé domingo á missa.

SEGREDO

(? , . .)

Não sabes quem de tarde, junto á fonte,
Repete o nome teu com voz saudosa?
Quem da brisa nas azas perfumadas
Te mando as folhas espalhar de rosas?

Não sabes quem no calix das boninas
Pede aos anjos derramem ambrosia?
A' lua solitaria o brilho argenteo,
Vividros raios ao fulgor do dia?

Quem na sala, se cantas ao piano,
O teu *romance* acompanhar parece,
Nesses echos que ouves bem distinctos,
Se tua voz n'um threno desfallece?

Quem no sorriso de teus labios vive,
Quem de teu pranto as perolas recolhe,
Que espirito invisivel te acompanha,
E sempre a senda que preferes, escolhe?

Quem do teu leito junto á cruz velando,
Sombra impalpavel, te vigia attento,
Transmittindo a teus sonhos amorosos
O reflexo de um outro pensamento?

Oh! se o não sabes, não serão meus labios
Que hão de revelar-t'o. Invoca aos céos,
A natureza inteira, a consciencia
E ouve o que te diz a voz de Deus?

NESTAS PRAIAS DE LIMPIDAS ARÊAS

(?)

Nestas praias de limpidas arêas,
 Prateadas á noite pela lua,
 Passo as horas scismando nos amôres
 Qu'embebido bebi na imagem tua.

Quande o sol pelos montes declinando,
 Vai no mar sepultar os seus ardores,
 Uma lagrima me róla pelas faces
 Recordando sósinha esses amôres.

O' campinas, ó praias seductoras,
 O' montanhas, ó valles de saudade,
 Meus segredos guardai em vosso seio
 Desses tempos de tanta felicidade.

Do recinto ah ! não passem destas praias,
 Os votos que eu a ella dediquei,
 Guardem, praias, montanhas e campinas,
 Quantos ais e suspiros lhe enviei !

 A FESTA E A CARIDADE

(THOMAZ RIBEIRO)

Para uus, abre o céo manhã de flôres ;
 meio dia de fructos e doçuras ;
 tarde d'encantos mil ; noites d'amores ;
 sonhos de gloria, affectos, e venturas.

Para outros, as noites não têm lua ;
o sol é sem calor ; o ar, sem perfume :
o leito... sem enxerga ! a mesa...ceia !
os armarios... sem pão ! o lar... sem lume !....

Eis o quadro da vida : entre matizes,
o grupo dos mimosos da existencia ;
a lida, ao pé, morgado d'infelizes ;
e, por fundo, os andrajos da indigencia !

Do pobre ao rico ha distancias
cortadas por muito abysmo,
que a sorte, ou, quem sabe ? o egoismo
d'espaco a espaco afundou.

Salva-as com aereos passos
meiga virgem da piedade ;
chamou-lhe Deus Caridade,
e o mundo o nome exalçou.

A' noite a virgem modesta,
a casta filha de Deus,
furta-se aos hymnos da festa,
e envolva em candidos véos,

desce a escada somptuosa ;
mãe aos maus, irmã dos bons,
lá vai levar, carinhosa,
a toda parte os seus dons :

Aqui, perfuma, suaviza,
como a aragem matinal,
velho que triste agoniza
na enxerga d'um hospital.

Sahe : busca afflicta viuva
na sobre-loja sombria,
e aquece na mão sem luva
mão pobre, engelhada, e fria.

D'alli, sobe a estreita escada,
são-lhe guia afflictos ais,
e encontra na agua-furtada
filhos nus, famintos paes ;

e leva esmola e carinho
ao casal desventurado,
que foi armar o seu ninho
entre os musgos d'um telhado ;

imitando o que entre flores
faz o amante rouxinol,
que só conta os seus amores
à noite, ás auras, e ao sol.

Onde assoma o transparente
sendat da candida fada,
tudo é formoso e ridente
como os prismas da alvorada :

as rugas cahem das fronteas ;
os prantos fogem dos olhos ;
as rochas abrem-se em fontes ;
brotam lyrios dos abrolhos,

Se descerra os purpurinos
labios de finos rubis,
suas palavras são hymnos
que Deus, aceita e bemdiz !

C'róda de mysticas flores
lhe entretece a loira trança ;
nos olhos -riem-lhe amores ;
n'alma, a fé ; no seio a esp'rança .

E quando emfim desaparece
aos infelizes da terra,
e, após a nocturna prece,
pousa a face, e os olhos cerra,

velam-lhe o leito os carinhos
que ella deu a tanta dor ;
as preces dos pobresinhos ;
e, á cabeceira do Senhor !

E pois que vos disse qual seja a virtude
mais bella e querida na terra e na gloria,
deixai-me contar-vos, ao som do alaúde,
um só dos seus feitos que vivem na historia :

No tempo em que passou no mundo esse terrivel
Napoleão, —o heroe ! o immenso ! o incomprehensivel !
o anjo do exterminio ! o raio ! o deus da guerra,
que enriquecia a França empobrecendo a terra, —
um arcebispo, um velho... um santo, era pastor
d'almas que apascentava aos olhos do Senhor !

Faminto era o rebanho, esteril o rebanho,
e á beira-mar o aprisco, —a igreja.

Era divina

a missão do bom velho ! Oh ! sim ! mas que tormento
para o triste pastor ouvir balar o armento !

queimada a urze ao monte, as relvas aos valleiros!
 sem alimento as mães! sem leite os seus cordeiros!....
 Deu-lhe o quanto podia: a prece, a esp'rança, o pão,
 tudo o que lhe escogita o honrado coração!
 e, quando achou vasia a sua mão tão nobre
 julgou-se mais ditoso: era o primeiro pobre!...
 Uma noite o bom velho acorda antes da aurora!
 rumor sinistro o esperta!...

Ai, Deus! pois lá por fóra
 anda a chorar disperso o meu rebanho, e em risco?!...
 Quem sabe, ó Deus, se o lobo entrou no manso aprisco?!
 Acode-lhe, Senhor!... » —

Corre para a janella...
 abre... espreita... No ar não luz nem uma estrella!...
 O céu negro a poisar nos tectos da cidade,
 raios a mil e mil rasgando a escuridade,
 os roncões do trovão, e o sibilar do vento,
 um cahos revoltoso o mar e o firmamento,
 foi tudo quanto vio, e ouviu!

Cheio d'horror,
 eleva o pensamento ao Deus de eterno amor,
 e cahe.

Horas depois, os raios da alvorada
 foram beijar-lhe a fronte, altiva, e tão sulcada
 pelo minar do estudo e o reflectir da idade,

O vento adormeceu; cahira a tempestade
 Ergue-se, e da janella...

Ai ! que montão de horrores !
Falta na praia um bairro ! Os pobres pescadores
lá viram perecer nas ondas do seu mar,
muitos a propria vida ! outros, o barco e o lar !

Empenha a cruz e o anel ; e o triste bando implume
teve n'aquelle dia abrigo, e pão, e lume.
Mas... no seguinte, o almoço?! embora fosse parco!
e construir-lhe um ninho?! e dar-lhe a rede, o barco? !..

Nisto pensava a noite o homem do Senhor,
co'os olhos rasos d'agua, immerso em negra dor!
Elle, tão pobre e velho!... A quem pedir sustento?!...
A ponto, uns sons d'orchestra entraram no aposento!..
Ouvio... pasmou!...

— « Meu Deus ! em noite assim funesta,
quando a miseria chora, os hymnos de uma festa !... »—
Medita longo tempo!... Após, como se a chamma
do alto o illuminasse, humilde ajoelha, e exclama:
— « Meu Deus, que ouviste a prece ao pobre peccador!
comprehendo o teu decreto, entendo-te, Senhor!
Ha baile na cidade ! a musica m'o attesta!...
Falta-me o anel e a cruz ! embora, hei de ir a festa ! »—

E' meia noite. No baile
esplende inteira a alegria,
luzes, flores, e harmonia,
brilham na fausta mansão.

Inflamma-se ó jogo e a dança :
recendem mais os perfumes ,
ardem mais vivos os lumes ;
pulsa mais o coração.

Reina o prazer !... Mas a orchestra
Destôa, pára, emmudece !
o entusiasmo arrefece,
e o redemoinho... parou !
Ninguem mais a voz levanta !
reina um silencio agoureiro !
Corre ao fundo um reposteiro,
e o velho arcebispo entrou.

Todas as fronte se acurvam
ante o pastor venerado,
que ao seu baculo encostado
percorre lento o salão,
Todos accorrem as benções
que elle aos dois lados envia,
e têm por d'alta valia
beijar-lhe a rugosa mão .

Chega á dona do palacio,
que estava immovel, absorta,
regelada, semi-morta,
perante o velho fatal.
Para ella, o santo velho
era um remorso que entrava
no seu baile, e que a buscava
hirto, livido, mortal !

O velho quebra o silencio:
— « Em noite de tanta dita
se vos faço uma visita
importuna, perdoai !
Na vossa casa, senhora,
tendes festa, à festa venho ;
e nunca parece estranho
que os filhos visite um pae.

Sabeis o que vai lá fóra !
Contraste dos vossos brilhos ;
tenho um rebanho de filhos,
chorosos, famintos, nús !
deixei-os no meu albergue ;
ia... nem para onde ia !
da vossa festa a harmonia
aqui meus passos conduz.

Encostai-vos ao meu braço ;
tomai-me esta bolsa : agora
vamos mendigar, senhora,
erguendo supplices mãos :
—Pelo amor de Deus, senhores !
esmola, ricos e nobres !
esmola aos meus filhos pobres !
esmola aos vossos irmãos ! » —

Diz : e a turba dos convivas
foi pressurosa á porfia
dar quanto alli possuia,
e prometter mais e mais !

As damas dos seus enfeites
arrancam giro e brilhantes,
anneis, perolas, e coraes.

O velho, chorando e rindo,
exclamou :

— « Estes penhores
heis de havel-os, meus senhores,
com largos juros nos céos !
Vós, minhas candidas filhas,
ficais assim mais formosas ;
para rosas bastam rosas !
valeis mais ao mundo e a Deus ! »

Vou fazer outros ditosos ;
a minha missão foi esta :
reviva, recresça a festa !
folgai, meus filhos, folgai ! » —
Eu digo como o bom velho :
folgai ! que festa consola
a quem hoje deu esmola
a tantos filhos sem pae.

PENSANDO EM TI

(ZOSSOÉ.)

Pensando em ti, meu bem, sinto minh'alma
Abrir-se á luz do sol de teus amores ;
Sorri-se o mundo, e a esperança vaga
Brilhante nos teus olhos matadores.

Pensando em ti, as magoas se esvaecem,
Sinto no peito reviver o gozo ;
E n'esse enlevo peregrino e doce
Pensando em ti, meu bem, sou venturoso.

Pesando em ti, eu vejo-te innocente
Sorrindo à vida descuidosa e pura ;
De ternas illusões cerco meu peito,
Nada minh'alma em mares de ventura.

Pensando em ti—eu sinto-me poeta,
E de inspirado o canto arranco d'alma,
Preludio breve de um amor eterno
Vai dos ares talvez roubando a calma.

Pensando em ti, eu acho a vida bella,
Porque é por ti que existo inda na terra,
Respiro porque sei que tu respiras,
E o ar que eu bebo teu alento encerra.

Pensando em ti, meu bem, a Deus m'elevo
Na doce scisma de um sonhar ditoso,
Prende-me amor à terra inda um momento
E sinto o coração bater de gozo !...

E pois rosa do céu—já que na vida
Pungentes magoas por te amar soffri,
Quando em meu peito deslizar-se á morte
A vida deixarei pensando em ti !...

PENSA E PROCEDE

(L. FELIX.)

Pensei quando te dei de-amores flôres
Que de tu'alma a palma obteria !
E' soffrer o prazer, descrença a crença...
Meu Deus ! quanto senti por ti, Maria !

Do paraiso um riso achavas, davas,
A quem no peito um leito te sagrou !
Mas hoje foge, vae-se, esvae-se o sonho
Tão lindo, infindo, que a paixão matou !

Despeito, e perto, nevoeiro inteiro
Ao pobre encobre festival porvir !
D'outr'ora, agora, o desespero austero
Renovo, provo, n'um cruel sentir !

A fada amada, de cabellos bellos,
Morena, amena, no gentil fallar,
Jura, perjura, vae mentindo, rindo,
Dando, tirando, traiçoiero amar !...

Repara... pára !... Vaes caminho asinho !
Concede, cede a paz ao teu viver !
Ai ! tanto encanto dá contento, augmento,
A' calma d'alma que não faz soffrer !

Revive, vive nos teus passos lassos...
Mas o'ha—antolha-se a mortalha fria !
Então, perdão irás, constricta, afflicta,
Dos males teus a Deus pedir, Maria !

Virge'a vertigem de um tormento len to
Retira, atira a virgindade ao chão !
Pensa na crença que a menina ensina
O anjo archanjo maternal condão.

Ainda és linda ! Tão criança lança
A vista á lista das perdidas Lais !
Nos factos gratos da materna, eterna,
Rude virtude uma lição terás !

CANTO DO CYSNE

(LAURINDO RABELLO)

Quando eu morrer não chorem minha morte,
Entreguem o meu corpo á sepultura,
Pobre e sem pompa ; — sejam-lhe a mortalha
Os andrajos que deu-me a desventura.

Não se insulte o sepulchro apresentado
Um rico funeral de aspecto nobre ;
Como vivo a zombar dizia rindo,
Podem morto dizer-me : — ahi vai um pobre.

De amigos hypocritas não quero
Publicas provas de afeição fugidas ;
Deixem-me morto, só, como deixarão-me
Lutar só, contra a sorte, toda a vida.

Outro pranto não quero que não seja
 Esse pranto de fel amargurado,
 Da minha companheira de infortunio
 Que me adora apesar de desgraçado.

O pranto — açucena de minh'alma,
 Do coração sensível, d'alma sã ;
 De um anjo que também sente meus males,
 De uma virgem que adoro como irmã.

Tenho um joven amigo, também quero
 Que junte em minha eça os prantos seus.
 Aos de um pobre ancião que perfilhou-me
 Quando a filha entregou-me aos pés de Deus.

Dos meus todos eu sei que terei preces,
 Saudades e lagrimas também ;
 Que não tenho lembrança de offendel-os
 E sei quanta amizade elles me tem.

E contricto, meu Deus, a vós entrego,
 Peccador — de mil culpas carregado ;
 Mas os prantos dos meus — perdão vos pedem.
 E o muito que também tenho chorado.

QUANDO EU MORRER (*)

(ADEODATO DE NELLO)

Quando eu morrer, não quero em minha campa.
 Lindas, perfumosas, brancas flôres ;
 Deixem dormir tranquillo em fôfa terra
 Quem apenas só da vida colheu dôres.

(*) Imitação do *Canto do cysne* de Laurindo Rabello.

Dispensó funeraes, pompas á morte,
Como eu desditosa creatura,
Peço apenas ter humildemente
Uma cruz que me marque a sepultura.

Lgrimas fingidas, não as quero,
Quero o pranto sentido da amizade ;
E que lancem no meu jazigo pobre,
Como emblema da dôr, uma saudade !

Eu sinto que esta vida, em flôr ainda,
Parece de improvisó emurchecer ;
Um sentimento tenho que me diz,
Que moço, muito moço hei de morrer !

E tu mesma a quem amo e por quem choro,
Se eu morresse amanhã, abandonado,
Talvez que chorosa assim dissesses :
— Eil-o morto, findou-se o desgraçado.

A MARINA

(ALVARENGA NETTO)

Quando um dia me vires vacilante
Percorrendo esse trilho de amargura,
Não me dês um olhar, não me maldigas
Nem sorrias das minhas desventuras.

Não sorrias, mulher, pois não soubestes
Dar vida ao infeliz que agonisava,
Fostes o vento maldito que soprando
As petalas da flôrinha desfolhava.

Vampiro feminino que sugaste
O alento d'esta alma enfrebecida,
Insecto venenoso que perpassa
E rapido como a setta rouba a vida.

Sem dó, sem compaixão anniquilastes
Um futuro tão ledo que sonhei,
Mulher, tu me illudistes, não me falles
Nem digas que eu tão louco te adorei.

Tu não és a visão que eu contemplava
Em meus sonhos de amor junto ao meu leito,
Que essa tinha ó mulher, um coração
Palpitando de leve no meu peito.

Tu não és a visão de vestes alvas
Que tão pura e gentil me apparecia,
Sua voz era meiga como a rôla
Soltando pura endeixa de harmonia.

Quando um dia me vires sobre a estrada
Succumbindo infeliz ao desalento,
Não me dês um olhar, não quero ouvir-te
Não venhas avivar o meu tormento.

Se as turbas curiosas perguntarem
O nome de quem jaz agonizando:
Responde desdenhosa á populaça
Um louco por amor, um miserando !

SE EU MORRESSE AMANHÃ

(ALVARES DE AZEVEDO)

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã ;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã.

Quanta gloria presinto em meu futuro !
Que aurora de provir, e que manhã !
Eu perdêra chorando essas corôas
Se eu morresse amanhã.

Que sol ! que céu azul ! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã !
Não me batêra tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã.

Mas essa dôr da vida que devóra,
A ancia de gloria, o dolorido affã,
A dôr no peito emmudeçêra ao menos
Se eu morresse amanhã.

FESTAS DE DOR

(VIRGINIO DE CARVALHO)

Tu queres que te dê magos encantos,
Cantos santos d'uma harpa que morreu ?
Negro crepe involvêra minha vida,
Lida, lida das dôres no escarcêo !

Do templo de meu ser na branca nave,
Ave grave, funerea se aninhou ;
Eu senti da esperança, então fugindo,
Inda, findo, o sonhar que a acalentou.

De meus seios morrendo a doce calma,
Alma á palma correu da solidão ;
De meus bríncos da infancia só me resta
Esta festa de dôr, que os prantos dão.

Arrancado bem cedo de meus lares,
Ares, mares differentes avistei ;
E pisando do mundo o trilho incerto,
Certo, perto da campa me prostrei.

D'azas negras, funerea, vaticina
Sinafrina, o archanjo, aos dias meus ;
De saudades, assim, no extremo alento
Lento vento erguerá minha alma a Deus !

TEU SORRISO

(PINTO DA COSTA)

Vi teu sorriso ! inebriou minh'alma
De amor, de crença, de sonhares mil !
Vi teu sorriso ! e da ventura a palma
Vi d'entre abrolhos rebentar gentil !

Qual n'um deserto de abrasada areia
De sêde exhausto o viajor desinha,
E embalde os olhos alongando anceia
Por verde oasis, e a gemer caminha.

Assim da vida no Sahara ardente
Em vão buscava da esperança a flôr !
Tudo era pedra ! e o coração descrente
Já começava a succumbir de dôr !

Tudo era esteril ! só crueis espinhos
Via cobrirem da existencia a estrada !
De falsos risos, de fataes carinhos
Eu via sempre uma mulher armada !

Me parecião de seu rosto as rosas
De astuta serpe as cambiantes côres ;
E as meigas fallas, que fallava airos,
Subtil veneno a recender odores.

Mas hoje apost'lo de uma nova crença,
Lhe erijo thronos, lhe consagro altar ;
Sei—que ella é fonte de ventura immensa,
Que em risos muda os mais crueis pezares,

Já vejo o monte se toucar de relva ;
Já vejo o prado se vestir de flôres ;
Já ouço o pombo a saluçar na selva,
Já ouço a brisa a suspirar de amores ;

Já tem o sol um resplendor mais puro ;
A terra inteira me sorri agora...
Tu me salvaste—que de meu futuro
Mudaste as trevas em risonha aurora !...

Sou teu escravo, teus grilhões acceito ;
Pede-me a vida, e t'a darei contente !
Mas guarda sempre no teu casto peito
Do amor a chamma divinal e ardente.

VIRGEM SANTA

Virgem santa, tão meiga, a quem amo,
Mais do que se ama a vida, patria e céos ;
Deixa que no teu collo eu deite a fronte,
E adormeça a sonhar com amores teus.

Assim quero passar tranquillo somno,
Sonhar contigo e te abraçar sonhando ;
As tuas mãos sentir unida ás minhas,
Um beijo teu, um meu, de quando em quando.

Bella virgem de amor, meu ser conforta,
Tu és a flôr que me embriaga com perfumes,
Quero vêr-me feliz, no céo julgar-me.
Ter esp'ranças, ter fé, mas não ciumes.

Escuta, ó virgem minha :—quando á noite,
Nas horas do silencio e do almo pranto,
Surgir a lua, clareando os montes,
Recorda-te de mim, que te amo tanto.

Virgem santa—por ti só quero a vida,
Só por ti quero amar esta existencia ;
Quero em doce ventura entresticida
Gozar—o teu amor—dos céos essencia.

Deste sonho de amor não me despertes,
Antes dá-me o carinho, o teu amor :
Quero ser venturoso nos teus braços,
Quero ser teu amante, o teu cantor.

TERCEIRA PARTE

ADEUS !

(ZALUAR)

« Adeus ! adeus » eu murmurei fitando-te
Com alma oppressa de tristeza e dôr !
« Adeus » ! disseste ; e me apertaste tremula
A mão que em febre te estendi d'amor !

Trajavas preto nesse dia, e pallida
Inda te vejo, apparição do céu !
Eram-te adorno refulgentes perolas
No braço eburneo e sob o casto véo !

Foi curto e breve a despedida subita...
Longa a saudade que a pungir ficou !
Como esquecer-me d'esse instante rapido
Que entre suspiros a fugir passou ?

A meiga face reclinaste candida
Quasi abatida na formosa mão !
Luz ineffavel de teus olhos vividos
Senti banhar-me em gozo o coração !

Assim ficaste—emquanto despedindo-me
Inda te disse um demorado « Adeus ! »
E sem fallar-me, respondeste languida
Saudosa, os olhos levantando aos céos !

Parti, deixei-te. Na folhagem tremula
Ouvi teu nome o vento suspirar...
E a cada passo que avançava, extatico
Cuidava ver-te... ao longe te escutar...

Oh! que era engano! No teu rosto livido
Cava bem fundo da saudade a dôr
Até que finde do desterro a supplica
Que ao céo levanto pelo nosso amôr!...

FATALIDADE

(CASTRO ALVES)

Adeus ! adeus ! ó meu extremo amigo !
Adeus, eu digo-te a chorar de dôr
E' o derradeiro suspirar das crenças,
Que se despedem das visões do amor.

Pallido e triste atravessei a vida,
Sempre orgulhoso, concentrado e só...
E' que eu sentia que um fadario estranho
Meus sonhos todos reduzia a pó.

Mas tu vieste... e acreditei na vida...
Abri os braços... caminhei para a luz...
E a borboleta da fatal cystalida
Soltou as azas pelos céos azues.

O tronco morto—reflorio de novo,
Ergueu-se vivo, perfumado em flôr,
Abençoando a primavera amiga...
Ai ! primavera de meu santo amor !

Porém qu'importa si ha fadarios negros...
Frontes voltadas do sepulchro ao chão...
Pedras colladas de um abysmo á beira...
Astros sem norte, de cruel clarão.

Quem mostra o trilho ao viajor das sombras?
Quem ergue o morto que esfriou no pó ?
Quem diz á pedra que não desça ao pégo ?
Quem segue a estrella desgraçada e só ?

Ninguem !... na terra tudo vae... gravita
Lá para o ponto que lhe marca Deus.
Tombam os raios— as estrellas sobem !...
Lutar co'a sorte—é combater os céos !

Vae, pois, ó rosa, que em meu peito, outr'ora,
Acalentava a suspirar e a rir...
Deixas minh'alma como um chão deserto...
Vae, flor virente, mais além florir...

Vae flor virente ! no rumor das festas,
 Entre esplendores, como o sol viver ;
 Emquanto eu subo tropeçando incerto
 Pelo patibulo—que se diz—soffrer !

Que resta ao triste, sem amor, sem crenças?
 —Seguir a sina... se occultar no chão.
 Mas quando, estrella ! pelo céo voares
 Banha-me a lousa de feral clarão.

PORQUE SOFFRO ?

(M. LEITÃO)

Ah ! nem tu pensas?! Se me vês tristonho,
 Sombria a fronte, amortecido o olhar,
 E' que da vida no vai-vem medonho
 Esvae-se a crença de um melhor sonhar !

E' eterna a luta !... O coração e a mente
 Debalde intentam à illusão fugir !...
 Talvez choráras se souberas—crente—
 A magoa intensa do cruel pungir ?!

Mas não ; não digo ! De minh'alma triste
 Não te commovam as expansões da dôr !
 N'um teu sorriso muita vida existe...
 Goza da quadra o perennal fulgôr !

E não, não queiras perscrutar arcanos
 De quem da sôrte só martyrios tem !
 Qu'importa o pranto? No florir dos annos
 Não sei dos gozos que o existir contém !

Gastei os dias a devanear chimeras!
Nem mesmo em sonhos a ventura achei!
Perdida a crença de melhores éras
Se vivo agora—nem dizer-te sei!

Mas tu que passas tão serena e linda,
Brilhante estrella em matutino céo,
Ah! não te ennubles... é tão cedo ainda!
Oh! não, não saibas do tormento meu!

Bemdito sejas compassivo archanjo
Que na desdita consolar-me vens;
Pudesse um dia—mais feliz—meu anjo
Viver dos risos que nos labios tens!

NO ERMO

(F. VARELLA)

Ah! que eu não possa me afastar das turbas.
Curar a febre que meu ser consome,
E entre alegrias me atirar cantando
Nas seccas folhas do sertão sem nome!

Ah! que eu não possa desprender aos ermos
O fogo ardente que meu craneo encerra,
Gastar os dias entre Deus e os genios
Nas mattas virgens da Cabralia terra!

Eu não detesto, nem maldigo a vida :
Nem de despeito me lacera a chaga,
Mas, ai ! sou pobre, pequenino e debil,
E sobre a estrada o viajor me esmaga!

Fére-me os olhos o clarão do mundo,
Rasgam-me o seio prematuras dores,
E á magoa insana que me enluta as noites
Declino á campa na estação das flores !

E ha tanto encanto nos desertos vastos,
Tanta belleza do sertão na sombra,
Tanta harmonia no correr do rio,
Tanta doçura na campestre alfombra .

Que inda pudéra se alentar de novo
Entre delicias fluctuar minh'alma,
Fanada planta que mendiga apenas
O orvalho, a noite, a viração e acalma !

VIRGEM

(OCTAVIANO HUDSON)

Ah! se te visse a divagar incerta,
Descalça e triste em arenosa praia
Em horas mortas, quando o mar, bramindo,
Se quebra rouco o seu furor desmaia ;

Ah ! se te visse pensativa e muda,
Contando a esmo n'ampidão do ar
Essas estrellas que rutilam pallidas,
E tibias furtam-se ao terreno olhar :

Ah ! se te visse sobraçando a lyra,
Tangendo as cordas a cantar endeixas,
Soltas ás brizas, derramando olencias
Essas sedosas e lustraes madeixas ;

Ah ! se te visse o palpitar do collo,
A medo arfando n'um voraz anseio,
E se dos labios um—te ame—ouvisse
Mas que o dissesse a corar d'enleio ;

Então a terra me seria um Eden,
A vida—um sonho deternal porvir,
E cada lagrima derramada—archanjo
Eu trocaria por um teu sorrir.

ROSA BRANCA

(HELEODORO)

Ai ! branca rosa, se aqueceu-te as pet'alas
Dos olhos virgens esplendente lume,
Se o labio puro te roçou n'um beijo,
Sorveu-te o ardente e divinal perfume ;

Ai ! branca rosa, se colhida foste
Por mãos de um anjo do formoso hastil ;
Se agasalhou-te, e no seu peito angelico
Te deu um leito de purezas mil ;

Ai ! branca rosa, se murchaste pallida
Ao fogo vivo dos eburneos seios,
Se ouviste o tenue e soluçado arquejo
Do peito virgem nos febris enleios ;

Tu não morreste, que não morrem flores
Que os anjos roçam pelos labios seus,
Tu te ausentaste do jardim, n'um vôo,
Sublime e puro, e te elevaste aos céos !

OUTR'ORA

(GARCIA MONTEIRO)

Ai ! flor de neve, com doirada côma,
que alvor ! que aroma se não perde aqui !
ai ! rosa minha, de matiz vestida,
que amor ! que vida que eu sonhei por ti ! »

Vi-te formosa, perpassar tão bella,
qual meiga estrella que no céu assoma ;
o prazer doce que senti foi breve...
ai ! flor de neve, com doirada côma !

P'ra mim sorriste com 'gentil bonança,
como a crença para o céu sorri !
como eu te amava, repetindo em somma :
que alvor ! que aroma se não perde aqui !

Junto a janella, sempre ao sol já posto,
teu meigo rôsto me offertou guarida :
dêsto-me esp'ranças que em mim não tinha,
ai ! rosa minha, de matiz vestida !

O tempo tudo destruiu depressa,
mesmo a promessa que fizeste ali !
que doces sonhos ! que ventura q'rida !
que amor, que vida que eu sonhei por ti !

VOLTA DA PRIMAVERA

(CASTRO ALVES)

Ai, não mal digas minha fronte pallida,
E o peito gasto ao refter de amores,
Vegetão louros—na caveira esqualida
E a sepultura se reveste em flores.

Bem sei que um dia o vendaval da sorte
Do mar lançou-me na gelada areia,
Serei... que importa ? o D. Juan da morte
Dá-me o teu seio—e tu serás Haydeia !

Pousa esta mão—nos meus cabellos humidos ! ...
Ensina a brisa ondulações suaves !
Dá-me um abrigo nos teus seios tumidos !
Falla !... que eu ouço o pipilar das aves !

Já viste ás vezes, quando o sol de Maio
Innunda o valle, o matagal e a veiga ?
Murmura a relva : « Que suave raio »
Responde o ramo : « Como a luz é meiga. »

E, ao doce influxo do clarão do dia,
O junto exhausto, que cedéra à enchente,
Levanta a fronte da lagôa fria...
Mergulha a fronte na lagôa ardente...

Se a natureza apaixonada acorda
Ao quente affago do celeste amante,
Diz !... Quando em fogo o teu olhar transborda
Não vez minh'alma reviver ovante ?

E' que teu riso me penetra n'alma—
Como a harmonia de uma orchestra santa —
E' que teu riso tanta dôr acalma...
Tanta descrença !... Tanta angustia !... Tanta !...

Que eu digo ao ver tua celeste fronte :
« O céo consola toda a dôr que existe
« Deus fez a neve—para o negro monte !
« Deus fez a virgem—para o bardo triste ! »

A' LUZ DA AURORA

(VARELLA)

A' luz d'aurora nos jardins da Italia
Floresce a dhalia de sentida côr,
Conta-lhe o vento divinaes desejos
E geme aos beijos da mimosa flôr.

O céu é lindo, a fulgurante estrella
Ergue-se bella n'amplidão do sul,
Pallidas nuvens do arrebol se córam,
As auras chorão na lagôa azul.

Tu és a dhalia dos jardins da vida,
A estrella erguida no ceruleo véo,
Tens n'alma um mundo de virtudes santas
E a terra encantas n'um sonhar do céu.

Basta um bafejo na inspirada fibra
Que o seio vibra divinaes encantos,
Como no templo do Senhor, vendado
O orgão sagrado se desfaz em cantos.

Pomba innocente, nem se quer o indicio
Do escuro vicio presentistes apenas!
Nunca manchaste na charneca impura
A doce alvura das formosas pennas.

DEVANEIO

(R. DA SILVA)

Amar-te é a sina deste peito ardente,
Que almeje crente teu amor também ;
Amar-te é a vida que me infiltra n'alma
A doce calma que venturas tem.

Embora a sorte me comprima o peito,
Em duro leito de bem agras dôres,
Quero adorar-te assim mesmo, virgem,
N'esta vertigem de um soffrer de amores.

Mas ai eu sei que em vão procuro
No meu futuro descobrir esp'ranças,
Hoje meu peito de soffrer cansado
Somno passado vai colher lembranças.

Dessas lembranças do viver d'outr'ora,
Bem triste chora quem por ti suspira,
Ai ! offuscadas, só me restão dôres
Mirrhadas flôres no vibrar da lyra.

Quem sabe ainda voltarão risinhos
Os lindos sonhos da estação florida ?
Oh ! quão ditosa me seria a sorte
Nestes transportes respirando a vida.

Oh ! quanto é doce a esperança linda
Que vive ainda entre o meu soffrer ;
N'ella sorri-me tua imagem ida
E dá-me a vida para amar-te e crer.

A REVISTA NOCTURNA (*)

(RODRIGUES)

A' meia noite quando todos dormem
E ladra á lua o solitario cão,
Ouvem-se rufos : um tambor estranho
Acorda os mortos que enterrados são.

Das negras campos apressadas surgem
Hostes guerreiras que tiverão fim ;
A caixa rufa repetidos rufos,
Retumba ao longe marcial clarim.

Da Italia bella nos fecundos campos,
Da Russia fria no terreno atroz,
No Egypto ardente, na briosa Hespanha
Repetem echos do instrumento'a voz.

Os bravos formão as tremendas filas,
Que ao peito incutem natural pavor ;
Não correm, voão os corseis fogosos,
Que a espora incita o desmedido ardor.

Os alvos craneos ao luar reluzem,
Tremem pennachos que formosos são,
As armas tremem, os cavalloos rinchão,
Mastigão freios, escarvando o chão.

(*) Vertido de Seidlitz.

Entre mil vivas o famoso chefe
Eis que da campá resurgindo vem ;
Não traz divisa no casaco branco,
Move impassível o corselet que tem.

Seguem-se aos lados marechaes valentes,
Que a morte arrostão, que não tem temor:
Ney, destemido na refrega intensa,
Murat, fervendo em marcial ardor.

Erguem os soldados as luzentas armas ;
Beijando a terra o pavilhão está ;
E o chefe exclama : — A denodada França
Eterna gloria nas nações terá !

E' a revista que o moderno Cesar
Passa aos guerreiros que enterrados são :
A' meia noite quando todos dormem
E ladra á lua o solitario cão.

ENLEVO

(BITTENCOURT DA SILVA)

A' meia noite, silenciosa a terra, ;
Eu quero a vida reviver contigo ;
Nova existencia de doirado enleio
De amôr ditosa, venho sonhar comigo.

Sobre o meu peito enrubecida, anciosa
Eu quero vêr-te de meos — ais — rendida,
De amôr captiva, perfumados beijos
Minh'alma triste colherá na vida.

E tu em gozcs de um sentir profundo
Caricias ternas, meu amôr fruindo,
Sempre a meu lado, divinaes prazeres,
Celestes sonhos, gozarás sorrindo.

Assim da vida as esmaltadas flôres
De nossas almas nascêrão formosas ;
Aereo mundo habitaremos ambos,
Amante imperio, que existir de rosas !

E então contigo, em anhelando abraço
Vendo-te bella, a palpitar tremendo,
Sobre o teu collo de volupia cheio
Quero o meu rosto reclinar morrendo.

MESSALINA

(FERREIRA NEVES)

Amôres, flôres, da perdida vida,
Mulher, não pôdes respirar jámais !
Teu brilho, filho da descrença immensa
Que em ti nascêra, não fulgura mais.

O mundo immundo, seu desprezo em peso
Sobre o teu nome recahir já fez !
Agora chora ; que da festa resta
O abandono que cercar-te, vês !

Teu peito, affeito ao sentimento lento
Do amôr impuro que prazer te deu,
Na orgia ria, mas n'est'hora implora
Perdão dos homens, compaixão do céo !

Mas, arde tarde a laberada lêda
Do fogo santo que te quer remir !
Tu'alma a palma de celeste veste
Nãomais na terra poderá cingir !

Amante, errante, perjuraste, andaste,
Vendendo affectos, sem pudor, sem fé !
Opranto, ai ! quanto, que a vivace face
Te orvalha hoje, do remorso é !

Impia e fria, desprezando o mando
Da verdadeira, da mais sã moral,
Seguiste o triste e desgraçado fado
Das existencias que não têm fanal !

Vendeste preste essa capella bella
Que em tua frente virginal brilhou !
Perjura, impura, n'essa humilde lide
Aniquilado teu amôr ficou !

Maldicta, afflicta, porém linda ainda,
Eis-te pedindo compaixão e dó !
E o mundo, immundo, por affronta aponta
A flôr que desce desfolhada ao pó !

E ora chora teu passado amado
De festas risos, que não voltão mais !
Ditosos gozos da perdida vida
Fôrão-se todos, só te restão —ais !

AMO-TE !

(OCTAVIANO HUDSON)

Amo esses olhos seductores castos
Quando scentelhas sobre os meos atirão ;
Amo esses lábios entre-abertos rubros
Que beijos pedem se d'amôr suspirão

Amo as madeixas setinosas negras
Que s'espreguição sobre o collo teu,
Ai ! se pudessem enchugar-me o pranto
Quando ditoso não seria eu ! ?

Amo teos seios offegantes virgens
Puros e santos como os sonhos teos ;
Amo-te as fórmãs, teo olhar, teo rosto,
Imagem — sopro — divinal de Deos.

Tu que minh'alma n'um olhar captivas
A paz turbando de meo sér errante,
Ai ! não me fujas que a teos pés prometto
Viver prostrado — te adorar constante !

Se sou culpado d'um amôr fremente
Se n'esses olhos embebi os meos,
Se te desejo e se adoro tanto
E' porque vivo n'um olhar dos teos.

A' ALGUEM

(CAMARGO)

Amo-te muito, graciosa e bella,
— Gentil visão da mocidade em flôr !
— Estrella solta da azulada téla,
— Anjo dos sonhos de eternal fulgor !

D'onde baixaste ? do sidéreo oâisis,
— Primor sublime do poder de Deos ?..
Se são teos labios da ventura o calix,
Deixa beijando-os elevar-me aos céos !

Oh ! flôr, seduz no juvenil anceio,
Depois da luta, da fadiga atrós,
Curvar-se a fronte n'um virgineo seio...
Fugir-se ao mundo segredando a sós !

Depois dos beijos no febreto canto
Retemperado de infinita fé,
Como dous anjos por um mesmo encanto
Ir se ajoelhar da Eternidade ao pé !

Falla, formosa ! o pipilar das aves,
Sôa em teos labios de gentil carmim !
— Labios que sabem as canções suaves
Que os genios cantam peloscéos sem fim !

Oh ! primavera que de amor deliras,
Solta-me n'alma os temporaes de luz !
Se gemes — ouço vaporosas lyras !
Se cantas. — ergue-me as solidões azues !

Queres, mimosa, nos teos labios cálidos
Irei diademas arrancar aos sóes !
Queres ? farei com que os astros pallidos
Humildes sigam de teo passo em pós !...

Serás a nymphá dos ethereos lagos,
Da crença e fé, a luminosa flôr !
Tu tens no peito turbilhões de affagos
E eu sinto n'alma o trestoucar do amôr !..

TEUS OLHOS

(MARQUES RODRIGUES)

Amo teus olhos que desprendem chammas
Que o peito abrasão, que nos dão amor :
Amo esse pejo que te sobe ás faces
Os teus sorrisos, a tristeza, a dôr...

Mas os teus olhos, que são negros, negros,
Fazem render-me, sem saber porque ;
Minh'alma prendem, meus sentidos matão.
Visões celestes nos meus olhos lê?!

Desprendem lumes os teus olhos bellos,
Como as estrellas que no céu estão :
Dizem teus olhos : Meu amor é d'anjos.—
—E os anjos dizem · Que formosos são !

Descantam aves nas umbrosas selvas,
A' noite geme o solitario mar,
A lua corre sem toldar-lhe nuvens,
A terra, o tudo nos convida a amar.

Como são baixas deste mundo a cousas,
Vendo em teus olhos a formosa luz :
Não oiço cantos, não contemplo a noite,
De prata as ondas eu não vejo a flux !

Castos e castos são teus bellos olhos,
Como os das virgens no céu estão :
Dizem teus olhos : Meu amor é virgem—
—E as virgens dizem : Que formosos são !

Ou scismem cousas que não são da terra,
Ou Deus, ou anjos, ou celeste amor,
Amo teus olhos que emmudecem tudo,
Que fallão n'alma com tamanho ardor !

Palmeiras busca o sabiá canóro,
Sombras suaves a palmeira dá,
O orvalho anima a ressequida planta,
A flôr mimosa que pendida está.

Orvalho doce deleitosa sombra,
Teus lindos olhos exprimindo estão :
Dizem teus olhos : Tenho amor eterno.
E diz o Eterno : Que formosos são !

A SUPPLICA DA VIRGEM

(FERREIRA NEVES)

Anjo bemdito que em meus sonhos magos
Déste-me affagos e illusões do céo,
Vem ser, da magoa me enxugando o pranto,
Arbitro santo do destino meu.

Dize se devo de minh'alma as flores
Dar por amores que sentir não sei ;
Dize se devo, cherubim querido,
Lançar no olvido quanto á ti jurei ?

Devo esquecer teus cabellos louros,
Divos thesouros que a sonhar colhi ?
Devo por outro condemnar á morte
Este amor forte que consagro a ti ?

Devo trocar celestiaes carinhos
 Pelos espiñhos d'este mundo vil?
 Porque juraste que me tinhas feito
 De noiva um leito ao teu céu de anil?

Oh! apparece... desce lá do empireo,
 Vem .. do martyrio colho a palma, vês...
 Quero contigo lá dos teus no gremio
 De amor o premio ter de Dees aos pés.

PRIMEIRO AMOR

(ROSENDO MUNIZ BARRETO)

Antes de vêr-te, fui qual bruto marmore,
 Mas hoje, ardendo em teu ceeste ardor,
 Eu sou a estatua que animaste, oh' idolo,
 A's puras crenças do primeiro amor.

Só para amar-te quero a vida eterna,
 Oh! graça ternã, em que me fôrro á dor,
 A — liberdade — que eu perdi não choro,
 Escravo adoro — o meu primeiro amor!

Nutrem minl'alma teus fragantos halitos,
 Qual nutre o rocio a desprezada flôr,
 N'um riso teu, que do peccado é antidoto,
 Que effluvio bebe o meu primeiro amor!

Mais altos postos a vaidade atinja,
Mais louros cinja o marcial valor,
Que á fama imposta em tão ruidosas palmas
Prefiro as calmas do primeiro amor !

Por ti s'enflora o laranjeira soffrega
De engrinaldar-te o vegetal candor,
Confunde, oh ! virgem ! n'essa fronte angelica
Alvo dos beijos do primeiro amor !

Não turbe a inveja da inconstancia oriunda
Gozos que infunda o virginal pudor :
O mundo as rosas não converta em goivos
Aos ledos noivos do primeiro amor !

Filhas da magoa—nunca empanem lagrimas.
Nos olhos teus, o divinal fulgor ;
Primeiro eu morra em teu regaço provido
Antes que morras, meu primeiro amor !

SCISMANDO

(PAULA BARROS)

A noite é clara ; tem no céo estrellas,
Nos ares nuvens, na campina flores,
No bosque sombras, na lagôa encantos,
Nas auras hymnos, no luar amores !

E eu, sentado no vergel relvoso,
Digo scismando : — como a noite é bella !
E nos meos sonhos de amorosas crenças
Como me alegro de viver por ella !

Em cada nuvem desconfio vél-a
Em desalinho, dos jardins fugindo,
Na boca um riso, na madeixa um lirio,
Per'las no seio, do collar cahindo.

Vejo na estrella que luceja e brilha
Seos olhos paros captivando os meos,
Quer desmaiados no fervor de um beijo,
Quer, luz divina, contemplando os céos !

Vejo-a nas flores que a campina traja,
Pallida e triste, pensativa, em choros...
Vejo-a, contente, feiticeira e bella
Nos verdes annos conquistar seos louros.

Vejo-a na sombra que retracta o bosque,
Vejo-a, dormindo como dormem as flores :
Perfumes n'alma, no cabello brisas,
Rócio nos labios, no regaço amores.

Vejo-a no lago, tão azul, tão claro,
Limpido e manso como um céu de Maio ;
Vejo-a serena, a reflectir-lhe d'alma
No rosto encantos, na pupilla um raio.

Vejo-a na brisa que tremúla o collo
Da bella dhalia, que o jardim creou,
Vejo-a sublime, se tornando aérea
N'um ai do peito, que o prazer mandou.

Vejo-a nas ondas do luar que á terra,
 N'um beijo d'oiro fez ligar os céos,
 Vejo-a, qual anjo que no albor da aurora
 Contempla o mundo n'um sorrir de Deos.

E ella, a virgem que me faz poeta,
 Talvez, não crendo que lhe amo assim,
 Vá junto ás moitas de jasmims e rosas
 Chorar saudades, sem chorar por mim !



VENUS E EU

(EZEQUIEL FREIRE)

Ao nascer d'alva, quando a luz irrompe
 No céu, e a noite a escuridão arruma,
 Surjo da nuvem dos lençóis de linho,
 Tal como Venus — dos lençóis d'espuma.

Ella, aljofrada pelos pingos d'agua
 Na tez luzente do moldado peito,
 Eu, sobre influxo do cruel acaloro,
 Suando em gottas do calor do leito !

Venus no dorso do elemento salso,
 Vela os contornos .. em total nudez !
 Eu, sob a concha de sapé do tecto,
 Conchego ao dorso o sobretudo inglez.

Ella, corando de vergonha e os roseos
 Labios transidos da salsugem fria;
 Eu, bocejando de preguiça e tédio,
 Boca travada do amargor da azia.

Ella, com mêdo aos D. Juans marinhos.
 Meros, camellos — que sensata moça !
 Eu, com o receio que devore a critica
 « As trovas simples do cantor da roça. »

Venus, nas fôrmas, seductoras, lubricas,
 Revela o typo do idéal, do bello ;
 Eu, na magreza da structura ossea,
 Mostro que soffro... o que soffreu Stello.

Depois, a deosa, de Morpheu nos braços,
 Voa serena na amplidão infinda ;
 Eu... *por motivos que dir-i ao Bispo*
 Volto ao meu leito e vou dormir : ainda.

PEREGRINA ESTRELLA

(JERONYMO DE SERQUEIRA)

Arabe ardente, — de uma esperança filho —
 Procuo os sulcos de polar estrella ;
 Sigo... mas fonde minha mente paira,
 Desperto em trévas, procurands vel-a ? !..

No azul dos olhos, no setim das faces,
Junto a incerteza que meu ser agia,
Vôa minh'alma a escutar-lhe as fallas...
Vôa-n e a idéa— borboleta afflcta!

O sol incende de rubor as tardes...
Mil sons s'escutam... rumoreja o insecto...
— E tu, que choras a infantilidade,
Nunca t'esqueças do primeiro affecto!
Se amar é sonho que povôa o cerebro.
Na desesperança do pungir sedento,
Ouve-me a endeixa — no teu seio a occulta...
Valha-te ao menos o infeliz lamento!

Eu amo as tardes de verão, sombrias :
As noites frias sem luar, sem astros...
E a nuvem triste que acompanha a estrella,
No firmamento — despargindo rastros!

E como as lendas que a criança escuta,
A brisa passa — quem procura vél-a?
Entre a descrença e o suicidio, aos poucos...
— Serei a noite, serás tu a estrella!

LINDOYA

(J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA)

Arromba a campa que sellou a morte
O' meu consorte ! Quero os braços teos !
Sem ti a vida me parece um ermo,
E um termo brusco para os dias meos.

Oh alma grande generosa e bella,
Sê minna estrella — vem-me pois guiar ;
Leva-me os passos ao fatal jazigo
Onde contigo possa só morar !

Nossas cabeças que cingião flores
Por mão de amores, dormirão no pó ;
Morrerão nos labios os gelados beijos
Baldos desejos para a cinza só.

E quando a noite, á dubia luz da lua,
A sombra tua a minha sombra uuir,
Juntos iremos aos jardins das flores
Nossos amores murmurar, carpir.

Nossos espectros se alcançarão ferozes
Contra os algozes de tão casto amor ;
Do somno erguidos pelo nosso grito
O seu delicto escutarão com horror.

Oh ! Deos, perdôa ! O' tão crueis momentos
O' soffrimentos, acabaæ, findae !
Eis-me, ó serpente ! Dá-me prompta morte !
Vem, meo consorte, receber meo ai !

SEMPRE VIVA

(FRANÇA JUNIOR)

A sempre-viva que me déste, ó bella,
Oh ! sempre-viva me será na mente,
Nas pet'las d'ouro que esta flôr ostenta
Leio o protesto d'um amor ardente.

Se a flôr mimosa desbotar não pôde
Mesmo dos annos ao poder nefando,
Ao seio unida viverei com ella,
Beijando as pet'las morrerei te amando.

Amor tão puro como eu sonho, archanjo,
Vejo exhalar-se desta flôr divina ;
Oh ! seja embora meu amor um crime
Hei da adorar-te como a flôr me ensina.

A sempre-viva que me dêste, ó bella,
Oh ! sempre-viva me será na mente,
Nas pet'las d'ouro que esta flôr ostenta
Leio o protesto d'um amor ardente.

FLORES D'ALMA

(THOMAZ RIBEIRO)

As flôres d'almas que se alteião bellas,
Puras, singelas, orvalhadas, vivas,
Tem mais aromas, e são mais formosas,
Que as pobres rosas, n'um jardim captivas.

Sol bemfazejo lhes aquece a rama,
Lucida chamma, sem ardor que mata ;
Banhão-lhe as hastes, retratando as fontes,
Limpidas fontes em ramaes de prata.

Que amenidade ! Nos vergeis suaves,
Cantão as aves, sem cessar amores.
Se ha céu na terra, se ventura ha nella,
D'alma singela se achará nas flôres.

Filhas das crenças, como as crenças puras,
De mil venturas, mensageiras bellas,
Se o vento um dia lhes soprar e as córte,
Deus ! dá-me a sorte de morrer com ellas.

Ao ermo embora, a divagar sósinho,
Corra o mesquinho por amor traído,
Quando o remorso lhe não turbe a calma,
Nas flôres d'alma ha de encontrar olvido.

Naufrago lasso a sossobrar nas vagas,
Sem ver as plagas em que almeja um porto,
Embora o matem cruciantes dôres,
D'alma nas flôres achará conforto.

O pobre monge que, de pé descalço,
D'um mundo falso os areas percorre.
Quando lhe entregão do martyrio a palma,
A's flôres d'alma se encommenda, e morre.

CANÇÃO DO ESCRAVO

(PEREIRA DA SILVA)

Auras ligeiras, que passaes brincando,
Passae beijando o infeliz captivo ;
Levae os sons do retinir de ferros
Aos longes serros, e dizei que eu vivo.

Dizei que eu vivo á triste mãe, coitada,
Escravisada por tyrannica sorte,
Dizei aos ermos do sertão de Minas
Quaes são as sinas em que a vida é morte.

A vida é morte quando, infante ainda,
Nos mostra linda o pensamento, a cóva :
Berço de gelo, mas reponso certo,
Que aponta perto uma existencia nova.

Uma existencia sem as magoas d'esta,
Sem ter a festa do leilão de escravo,
Onde o martello ao vendilhão ricaço
Mede a compasso montes de ouro ignavo.

E o ouro é paga d'este sangue nobre
Que o luto cobre—da tristeza emblema ;
Tu, que mais deste, traze a corda e o laço,
E os pés e o braço d'este negro algema.

Algemas negras a meus pulsos derão
Quando tiverão de ceder-me ao extranho ;
Choraste, mãe, e de teu oranto rirão,
Pois repartirão entre si o ganho.

Se eu ganho, mãe, enriquecendo cedo
Quem o segredo dos martyrios sabe.
Além o brejo amiga febre cria,
Seu beijo um dia o captiveiro acabe.

Então irei do Senhor Grande ao throno,
No qual meu dono, por me ter, não crê,
E deixarei do soffrimento a palma,
E irá minh'alma visitar você.

Auras ligeiaas que passaes brincando,
Gemei, chorando a minha dura sorte,
Dizei aos ermos do sertões de Minas
Quaes são as sinas em que a vida é morte.

A VEZ PRIMEIRA

(?.....)

A vez primeira que avistei-te, oh! virgem,
Tu foste origem de um amor sem fim:
Teu lindo rosto para o céo voltaste,
E depois me olhaste a sorrir p'ra mim!

Fallei-te: e as horas que passamos juntos
Derão assumptos a primorosas fallas;
Era de noite, reflectia a lua
Na face tua as refulgentes galas! ..

Então me apertastes em teus niveos braços
Seguros laços de um amor sem fim,
Então disse-te: —amas-me, anjo lindo?
Inda sorrindo me disseste—sim!

Tu me olhaste com teus olhos bellos
Por teus cabellos raramente occultos;
Ergui meus olhos, fascinei-me ao ver-te
Jurei—render-te meus amantes cultos.

Senti no peito tal prazer ouvindo,
Meu anjo lindo, a confissão de amor;
Que arrebatado tentei dar-te um beijo,
Mas logo o pejo produziu temor!...

Tu que sentiste, meu desejo ardente
Que de repente a timidez matou ;
Déste-me a face, desprezando o pejo
E meu desejo se cumprio, sôou...

Sôou com elle o campanario ao longe
Por mão de um monge mal signal nos deu ;
Adeus, disseste, meia noite é dada,
Fugiste, oh ! fada, e o meu amor soffreu !...

Ainda a seguir-te me atrevi, meu peito,
A amar afeito estremeceu, cahi !
Para lembrar-me o coração batia :
Pois me esquecia que p'ra amar nasci !...

AMOR

(FRANKLIN TAVORA)

A vida passa como cahe a folha ;
Riso de sala é seducção fallaz :
Desfaz-se o amor como desfaz-se a bolha
Da branca espuma que a torrente traz.

Amor ! encanto rosiclér que illude !
Amor é nota de prof:na voz,
E' flôr de veiga delecterea e rude
Que nos perfumes tem veneno atroz.

Ha fogos fatuos no paúl deserto ;
Brilhão de longe com formosa luz :
O peregrino quer chegar bem perto,
Caminha e chega, mas só vê paúes.

Amor é fogo dos paúes da vida ?
Fallas promessas de mulher que diz :
« Amo-te, louca de paixão, perdida,
« E' só quem póde me fazer feliz... »

Juras solemnes pelas cinzas frias
Dos paes, em nome de Jeeus, de Deus ;
Conversa á noite em solidões sombrias,
Doces conchegos contra os seios seus...

Ouvi, mancebos, mocidade louca :
Tudo é mentira, sacrilegio, vão ;
Mentem os beijos da cheirosa boca,
Mente o aperto da sedosa mão.

Amor se estuda no compendio-espelho,
Amor se ensaia nos salões em flôr,
Amor discute o paternal conselho,
E aos quinze annos *já se sabe* amor.

Mente a doçura dos olhares humidos,
Mente a elegancia do pisar gentil,
Mente a volupia dos vestidos tímidos,
O leque, a luva, o borzequim, subtil.

A vida passa como cahe a folha ;
Riso de sala seducção fallaz ;
Desfaz-se o amor como desfaz-se a bolha
Da branca espuma que a corrente traz.

A VIDA

(?)

Borrifa a planta o matutino orvalho,
Cresce no galho meigamente a flôr,
Sópra-lhe a brisa com subtil docura,
Dá-lhe a Natura perfumosa côr.

Mostra a aurora resplendente dia,
Branda harmonia lhe festeja ainda,
O sol nascente vai prestrar-lhe auxilio,
Solta um idilio a primavera linda.

Murmura o campo : como é bella a aragem
Diz a folhagem : como é bella a flôr ?
Sólta um gorgueio o sabiá do matto,
Diz o regato como é bello o amôr ?

Canta a rolinha murmurando endecha,
Sólta uma queixa a viracão do Sul,
Sobre o espaço a borboleta adeja,
As flôres beija o bizourinho azul.

Palpita a planta n'esse dôce enleio,
Tendo em seu seio divinal agrado ;
O sol da tarde dá-lhe então mais gala,
O bico estála o beija-flôr doirado.

Depois... um dia... o primavera finda,
A planta linda fica ao abandono,
O tempo fuge... a primavera corre...
E a flôr morre sem gozar o outoinno !

Assim é a vida : pressurósa e lenta
 Começar augmenta tristemente e só...
 Na primavera a mocidade é louca,
 A gloria é pouca porque a vida é pó!

Borrifa a planta o matutino orvalho,
 Cresce no galho meigamente a flôr,
 A vida é a planta acostumada ao estio,
 Que morre ao fio d'invernoso amor.

BRAZIL, ACORDA !....

(A. J. DE SOUZA.)

Brazil acorda do dormir profundo,
 O velho mundo—te contempla a furto
 Vendo tolher-te—da moleza o laço—
 Da gloria o passo—para ti tão curto.

Gigante immenso pelo céu votado
 A marcio fado — de brilhante louro,
 Porque fremente qu'il bramir das vagas
 Já não esmagas — quem te traz desdouros? !...

Em sonho, ao menos, meu Brazil, não vês
 Não entrevês — essa cohorte ousada
 Que — traçoeira — do teu somno á sombra
 A honra assombra — sob á dextra armada?!..

E tu dormitas!.... quem dormir te faz?....
 Que mão audaz — o teu valor reprime?!....
 Ah!.... tens razão... que *do passado os guis*
 Forão harpias a vender-te ao crime!....

Porém qui'mporta!.... do lethargo acorda!...
Esmaga a horda — oue voraz — servil —
Ousou tocar o teu emblema santo,
Manchar-te o manto — traçoeira e vil!....

Vê de teus filhos como jorra o sangue!....
Um povo exangue — já descrido clama!....
Eia!.... em teus olhos, meu Brazil valente,
Brilhe fremente — do valor a chamma!....

Tens elementos que os inveja o mundo;
E's sem segundo — á covardia pune
Ergue terrível esse busto — e mostra
Que não se arrasta — teu furor impune?....

Ah!.... estremece, meu Brazil querido?....
Emfim!....ouvido foi da patria o grito!....
Moves ós membros do torpor escravos
Ao som dos bravos de teus povos afflictos

Erguesse o collo e teu olhar certo
O quadro inteiro — devorou — terrível;
A fronte enrugas - - teu olhar e chamma
Que o raio inflama — de vingança horrível!

Hosana!.... hosana!.... povo rei. hosana!
Do ceo dimana nossa gloria certa!....
Em marcio fogo, meu Brazil já ardes!
Tremei, cobarde.!... Meu Brazil desperta !

A BRUMA

(JULIO DA GAMA)

Bruma cinérea da invernosa vida,
Onde perdida vais esquivá assim?...
Ai!... não me fujas, que este céu te mente,
Que elle não sente quanto ou sinto em mim.

Queres amores tu gozar no enleio,
D'um triste seio, no harpejar da dôr?...
Não corras tanto, que o tufão te cança...
Ai! da bonança, no cançado ardor...

Vês no infinito quanto azul se ostenta?...
Vês suarenta, meiga nuve'alli?...
O sol requeima-a : — triste sorte dura,
Fôra tão pura, como és pura aqui.

Ves tanto azul de que se tinge agora,
E a meiga aurora, nessa negra côr ?
Vês mais a nuvem, junto ao sol, ainda ?
Eil-a que finda no tormento a dôr.

Rouco trovão a estallidar de irado,
Esse enrubado — e assustador luzil,
Não vês louquinha, a te mentir perjuro?...
Ai ! tanto escuro no teu céu de anil...

Ai ! que sumidas na porcella as côres,
Das tristes flôres da esperança eu vi !
Hoje só restam resequidas crenças,
Trevas immensas, minha bruma, a ti !...

Não corras tanto que o tufão te cança,
Ai ! què a esperança te fará soffrer...
Quebra a anxiedade, no parcel da vida,
Se a tens perdida —vem aqui morrer.

RESPOSTA Á SUPPLICA

(NUNO ALVARES)

Candida virgem, que em scismar d'amores
Singela tanges maviosa lyra,
Apaga a idéa de morrer tão cedo,
Atêa a chamma de amorosa pyra.

Ah ! não profirão teus mimosos labios
Amargas queixas, maldizendo a sorte ;
Terás um dia por ditosa paga
Palmas de gloria, não canções de morte.

Então tua alma gozará tranquilla
Doce ventura que a virtude encerra ;
Então teus cantos voaráõ, ó joven
Aos pés d'aquelle que dá leis á terra.

E em paz amena repousando o corpo
Nos meigos olhos não terás o pranto,
Que bellos sonhos, qual tu és, tão lindos
A tua vida povoaráõ de encanto.

« Nas horas mortas do cahir das tardes »
Tua fronte esbelta adornarás de flores ;
N'ella os espinhos da existencia amarga
Não têm assento, não promovem dores.

Se tens um anjo como os anjos bello,
Se estás na quadra mais gentil das flores,
Ah! que receias? Esse anjo amado
De ti bem longe porá termos às dores.

Vê que a existencia te sorri tranquilla ;
Missão tens nobre, que será cumprida ;
Sapho mimosa, desdenhando a morte,
Gosa os dulçores, que te offerta a vida.

CARMINIA

(GUALBERTO PEÇANHA)

Carminia em trajas que a manhã consente
E' reclinada n'um divan—sózinha,
Espera a noite p'ra tornar-se bella
E do seu baile se fazer rainha.

Tem ella o peito de paixões eivado
No pensamento só possue amôres,
Pensa em delicias, não sabendo ella
Que após os gozos se succedem dôres.

Esquece tudo, p'ra lembrar-se a penas
Que é moça é linda—que possue grandezas ;
Só de seus labios se desatão risos
Se em dextra alheia ella vê riquezas.

E' uma dessas cortezãs da época
Que tudo exprime n'um olhar sómente,
Recebe em troca dos amantes seus
Montões de ouro por um beijo ardente.

De Margarida Gauthier é copia
Despreza o homem que a venera tanto,
Sorri de jubilo se nas faces delle
Enxerga os sulcos de amargoso pranto.

São estes entes o retrato vivo
Da flôr garbosa—de manhã nascida,
Que apenas chega o tufão da tarde
Ei-la sem folhas—pelo chão cahida.

E aquelles mesmo que no hostil a viram
Que a contemplaram tam garbosa e bella
Nem se recordam da manhã passada
E vão passando sem ella p'ra ella.

E a pobre rosa pelo chão rojada
Reflecto como a felicidade corre ;
E impellida pelo vento a flôr
Vae ter ao ceno que a recebe e—morre !

COMO E'S FELIZ !

(B. F.)

Como és feliz ! Enquanto o desgraçado
Consome os dias n'um martyrio atroz.
Tu folgas, brincas e sorrindo vôas
Da walsa doida no correr veloz.

Depois cançada, nos coxins macios
Teu corpo langue reclinar-se vai,
E no abandono de indolente somno
Não dás ao pobre nem sequer um ai.

E enquanto o triste na agonia infinda
Desfaz as crenças que não voltão mais,
Tu n'outros sonhos de um melhor futuro
Mais bellas crenças disputando vais.

Ah ! Como louco te julguei só minha !
Que louca idéa, disputar-te amor !
Longe, bem longe se finára o sonho,
Meu sonho bello de eternal fulgor.

Que vale o pobre que só tem martyrios ?
Que vale o mísero a sonhar venturas ?
Que importa o louco a desejar-te ainda !
Que importa agora as passadas juras ?

Mas ah ! criança, n'este pobre seio
Existe um'alma que viveu por ti,
Existe a crença de um amor eterno,
Do amor infindo que feliz senti.

Do amor sincero que se não confunde
Com vãos pretextos de fingido amor,
D'esses amores de uma noite bella,
Que desaparecem no primeiro alvor.

Na chamma ardente de paixões ligeiras
Ah ! não te queimes mariposa linda,
E guarda os sonhos desse amor sagrado
Ao sem ventura que te adora ainda.

LUZ

(ERNESTO CIBRÃO)

Como o ribeiro, que desdobra rapido,
Ama da estrella o scintillar inquieto.
Amo teus olhos, que no fogo timido
Vem reflectir-se no sonhar dilecto.

Como na praia do areal um atomo
Ama das ondas o partir nevado,
Amo teus risos que descobrem perolas
Dormindo em leito de setim rosado.

Como dos ramos no arquejar monotono
Ama a avezinha balançar-se á brisa,
Amei teu seio, no palpito languido,
Quando a meu seio te preendi, Elisa.

E como o bardo, no sonhar fantastico,
Ama a lembrança que levou da festa,
Adoro o sonho, que despargue balsamos,
Amo a saudade, que de ti me resta.

AMOR SEM FIM

(NOVAES)

Como se amavão essas grandes almas !
Que verdes palmas que esse amor lhes deu !
Tanto não fôra Julieta amante,
Que tão constante nem o foi Romeu !

Fracções dispersas de partida esphera,
Nenhum dissera ser metade só ;
Virão-se um dia—tão iguaes se virão,
Que alli se unirão n'um estreito nó !

No chão da vida só pisavão flôres !
Que amor ! Que amores ! Que prazer sem fim !
Dizei-me, oh anjos das mansões celestes !
Se lá tivestes um amor assim !

Ambos entregues á ventura extrema
Que a lei suprema suffocar tentou,
Cegos, illusos, nem sequer pensavão
Que um céo sonhavão !... E o sonhar findou !

Ai !... Quantas vezes fulgurante dia,
Que á terra envia festival prazer,
Lega ao finar-se, tormentosa noite,
Funesto açoite, que nos faz tremer !

Assim, oh tristes, vosso lindo sonho
Foi tão risonho quanto foi veloz :
Era loucura !... Ter aqui vivido
Sem n'um gemido desprender a voz !

Oh ! não, que um dia, sobre escuro leito,
Partem d'um peito gemebundos ais ;
E ao lado a triste, de pavor, de susto,
Domina, a custo, convulsões fataes.

O mundo esquece, que adorou outr'ora,
Que a dôr agora só a tem de pé,
Toda cuidados, orações, blandicias,
Amor, caricias, caridade e fé !

Baldado esforço !... que o Juiz Supremo
O dia extremo decretára já ;
Recrescem ancias nos finaes tormentos,
Restão momentos... que pedir—não ha !...

Aos olhos baços da fiel consorte
O anjo da morte, a voejar, passou...
Já fria, a triste, de pavor transida,
Cahio... e erguida... recahio... ficou !...

E um côro de anjos, a sorrir, saudava
Mais um que entrava na feliz mansão...
Após momentos, sem saber, o esposo
Voava ao gozo da eternal junccão !...

Fugirão ambos ! que ao amor que derão
Ambos quizerão immortal trophéo :
Deve quem n'alma tal amor encerra
Morrer na terra, para amar no céu.

SEMPER !

(JOÃO QUIRINO)

Da infancia n'ancia te adorando, quando
Me uniste triste no apertado adeus,
Deixei-te ; dei-te de minh'alma a palma,
E ardente a mente te chamou—seu Deus !

Partia ; ia, por alheios seios,
Errante amante, soluçar, gemer :
Por cantos—prantos, por amores—dôres,
E enfermo, e o ermo—pelo meu viver.

Chorava—amava ! indoudecia e cria !
 E tinhas minhas orações por ti.
 Ai louco ! Em pouco te inclinaste n'haste,
 E eu tanto encanto desfazer-se vi !

« A terra encerra feias magoas, fragoas, »
 Fallaste e alçaste o teu voar ao céu ;
 Celeste veste te envolvia fria,
 Por noivo—o goivo, de neblina o véo !

Que importa ? morta tanta esp'rança, herança,
 Que o peito, affeito ao teu amor, juntou,
 Eu ardo e guardo inda na mente quente
 Risonho o sonho, que a tua voz criou.

Oh ! quando errando toda núa a lua
 Desmaia e caia de alvaide os céos,
 Viçosa a rosa rente a pedra medra :
 — Esfolho, e mólho dos soluços meus !...

FICÇÃO

(LOBO DA COSTA)

Da lorangeira na roupagem molle,
 A tarde estende vespertino véo ;
 Dizem as aves : Como é bella a tarde !
 Responde o bosque : Como é lindo o céu !

Das palmas tristes da formosa olaia,
 As flôres descem suspirando amores ;
 Sorri-se a fonte murmurando juras,
 Treme a viola dos gentis pastores.

A noite é proxima... no crepusculo brando
Tremem os serros na subtil vertigem.
E a virgem corre, procurando a abelha,
E a abelha vòa procurando a virgem...

Doudejão ambas... duas flôres soltas !
E paira a moça a se sorrir gentil,
Murmura a abelha : Que bonitos dentes !
Responde a moça : Que voar subtil !

No manso arroio os aguapès imitação
Em frios beijos, infantis amores,
Feehã-se as folhas da floresta verde,
E os seios se abrem de cheirosas flôres.

E... vem a noite, as andorinhas fogem,
E o céu distante lutulento véo...
A borboleta se escondeu na serra,
E a virgem em sonhos despertou no céu.

TEU DOCE AMOR

(BETHENCOURT DA SILVA)

Da luz sublime que de teus olhos parte
Vem dar-me um raio de eternal fulgor,
E no meu peito a suspirar amante
Dá-me as delicias de teu doce amor.

Quero-te muito, minha estrella d'alva,
Celeste musa, peregrina flôr ;
Por ti velando, suspirei gemendo,
Chorando a falta de teu doce amor !

As auras brandas do correr da tarde,
 O ether puro de azulada côr,
 Não tem encantos, como teus nos labios
 Nos ternos beijos de teu doce amor !

O céu, os astros, a prateada lua,
 O fogo ethereo que nos dá calor,
 Não tem imperio no meu ser inteiro
 Como os perfumes de teu doce amor !

Não era um sonho que eu guardava n'alma
 Nas vivas chammas de um sentido ardor,
 Erão as rosas de um affecto immenso...
 Erão—saudades—de teu doce amor !

Mas hoje sinto que acordci de novo,
 Que ás faces volta o virginal rubor ;
 Nova existencia no teu ser encontro,
 Nos teus affagos—no teu doce amor.

A PERJURA

(LOBO PITTA)

Da mulher a jura é perpassar da brisa
 Que meigamente, balanceia a flôr,
 Da mulher a jura é scintillar da estrella
 Que mostra o brilho mas occulta a côr.

Da mulher a jura é desabrochar da rosa
 Que após colhida desfolhando vái !
 Da mulher a jura é formar das vagas
 Que mostra o dorso e n'um beijar s'esvai.

Juraste archanjo um amor constante
Mas tua jura foi cruel delirio !...
Trahiste ingrata e no jurar fingido ;
Nada me resta, que cruel martyrio !

Hoje descrido só me resta a endeixa,
Que o peito solta ao descahir da vida :
Amei, fui louco ! pois trahido sempre,
Nada me resta, que cruenta lida !

Talvez encontre junto á campa fria,
Calma a meu peito de soffrer cansado :
Encontre um'alma como eu descrente
Que dê-me um riso, um amor sagrado.

A ELLA

(LOBO DA COSTA)

Da noite densa que apavora os seios,
Virgens receios da esperança vã,
Tu foste a estrella peregrina e fida
Nuncia querida de gentil manhã.

Ao riso casto de suave aurora,
Minh'alma agora despertando vim...
— Bemdita estrella que allumia o espaço,
— Bemdito o braço que se estende a mim !

Não foram baldas essas noites frias,
E os negros dias de martyrios vãos,
Em que ao poeta se fechára um mundo,
Pesado e fundo, por secretas mãos.

Hoje, acordado do —marasmo escuro,
 Erga ao futuro minha frente,— aos céos!
 E aos pés do anjo que adorei sincero,
 Palmas espero dos vergeis de Deus!

Não fôra o nada—meu amor de louco!
 Não fôro pouco—do martyrio a dôr!
 — Por ella, os dias que me restam d'alma...
 — Por ella—a palma de perpetuo amor.

Que a rosa esvelta empallideça em chôro
 Se abelha d'ouro não amal-a assim!...
 —E a rola triste que emmudeça... calle...
 Se a ver no valle a suspirar por mim.

A ti, formosa, meu condão secreto,
 E o doce affecto que me liga aos céos...
 Prantos d'auzencia... inspirações do ermo,
 E a luz sem termo dos amores meus.

Reflecte, estrella— neste mar de anceios...
 Da-me em teus seios virginal calor!
 — Aura serêna que no céu vais solta,
 Não tardes... volta... quero um sôpro — Amor.

O POBRE

(FERREIRA NEVES)

De porta em porta, sobre lentos passos,
 Acompanhado dos filhinhos seus,
 Eil-o que brada,— tendo os olhos baços :
 « Esmola! esmola! pelo amor de Deus!

E com a brisa na amplidão dos ares
A voz do pobre se perdendo vai !
Ninguém responde— e com seus pezares
O pobre segue—desprendendo um ai !

Esmola ! esmola ! n'outra porta implora ;
Por ella espera de chapéo na mão ;
Mas em resposta se lhe diz : Agora
« O Deus dos céos o favoreça, irmão ! »

E o coitadinho seu caminho segue,
Envergonhado de pedir assim !...
Quasi recúa,— mas os olhos ergue,
Contempla os filhos—e prosegue alfim !

O dia inteiro no pedir se passa,
E' raro aquelle que um vintem lhe dá.
Depois recolhe-se á morada escassa
Onde soccorros que esperar não ha !

E quando a estrella da festiva aurora,
Enfeita a vale co'os primores seus,
Eil-o coitado ! que outra vez implora,
Esmola ! esmola ! pelo amor de Deus !

E com a brisa no amplidão dos ares
A voz do pobre se perdendo vai !
Ninguém responde e com seus pezares
O pobre segue— desprendendo um ai !

DIZE !

(GUILHERME CHAVES)

Dize se quando a meiga lua adoras,
Nas brandas noutes d'inspirado sonho,
Não sentes n'alma n'essas breves horas,
Que os anjos buscão teu olhar risonho?

Dize se quando a perfumada aragem
Perpassa leve pelo teu cabelo,
Não sentes n'alma que uma doce imagem
Em ti se inspira do mias puro anhelo?

Depois em sonhos, palpitante o seio,
Sonhos de rosas, da mais linda flôr,
Dize se ainda n'esse doce enleio
N'um céu não vives d'inspirado amor?

Dize se ainda quando o mar suspira,
E tu vagueias na extensão da praia,
Os sons não sentes d'amorosa lyra,
Na mansa vaga, que a teus pés desmaia?

Se a estrella fitas nos umbraes divinos,
Candida pomba, que aspirais aos céos,
Tua alma presa d'inspirados hymnos
Dize se sentes elevar-te a Deus?

Dize se sentes o que o lyrio fala
Quando te invejo o divinal palôr?
Dize se ao fogo que de ti se exhala
Tudo na vida te não diz— amor?!—

SEPE

VISÃO DE CACAMBO

(J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA)

Dorme Cacambo quando a patria afflicta
Horrida grita manda aos justos céos ?
Descansa humilde — nem lhe importa a gloria ;
— Nem a victoria de immortaes trophéos !

Acorda, acorda, meo fiel guerreiro ;
Vôa ligeiro ao invasor hostile
Involve em chamma todo o vasto campo
Como o relampo que passou subtil.

Leva o incendio e a ruina e o susto,
Reduz sem custo tudo a fumo e pó,
Mostra a destreza de teu braço forte
Vencendo a morte — desarmado e só.

Oh ! vinga a terra que te deo o berço,
Agora immerso no poder lethal ;
Oh ! vinga o amigo que de ti ao lado
Bateu ousado o invasor fatal.

Náda nas aguas da cruel vingança,
E a banda alcança que te fica além ;
— Propricia sombra, favoravel vento,
Oh ! para o intenso não vigia alguem.

Acorda, acorda, meo fiel guerreiro,
Vôa ligeiro ao invasor hostile,
E envolve em chammass todo o vasto campo,
Como o relampo que passou subtil.

A JUDIA

(THOMAZ RIBEIRO)

« Dormes? e eu vélo, seductora imagem.
 Grata miragem que no ermo vi :
 Dorme— impossível— que encontrei na vida!
 Dorme, querida que eu descanto aqui!

Dorme! eu descanto a acalantar-te os sonhos,
 Virgens, risonhas, que te vem do céos!
 Dorme! e não vejas o martyrio, as magoas,
 Que eu digo ás aguas, e não conto a Deos!

Anjo sem patria, branca fada errante,
 Perto ou distante que de mim tu vás,
 Ha de seguir-te uma saudade infinda,
 Hebréalinda, que dormindo estás!

Onde nasceste? onde brincaste, ó bella?
 Rosa singela que não tens jardim?
 No Cairo? em Malta? em Nazareth? no Egypto?..
 Mundo infinito, e tu sem berço? oh! sim,

Folha que o vento da fortuna impelle!
 Victima imbelle que um tufão roubou!
 Flor que n'um vaso se alimenta, cresce,
 Ri, desaparece e nunca mais voltou?

Filha de um povo perseguido e nobre,
 Que o mundo encobre seo martyrio, e crê!
 Sempre Ashavero a percorrer a esphera!
 Desgraça autera! inabalavel fé!

Porque ha de o lume de teos olhos bellos
 Mostrar-me anhélos de infinito ardor ?
 Porque esta chamma a consumir-me o seio ?
 Deos de permeio nos maldiz o amor !..

Peito ! meo peito, porque auceias tanto,
 Pranto ! meu pranto, basta já não mais !
 E' sina, é sina ! remador, voltemos ;
 Não n'a acordemos... para que, meos ais.

Dorme, que eu vélo, seductora imagem,
 Grata miragem que no êrmo vi :
 Dorme —impossivel— que encontrei na vida !
 Dorme, querida, que eu não volto aqui ! »

E' ELLA ! E' ELLA !

(ALVARES DE AZEVEDO)

E' ella ! é ella ! — murmurei tremendo,
 E o écho ao longe murmurou— é ella !
 Eu a vi — minha fada aérea e pura
 A minha lavadeira na janella !

D'essas aguas furtadas onde eu moro
 Eu a vejo estendendo no telhado
 Os vestidos de chita, as saias brancas ;
 Eu a vejã e suspiro enamorado !

Esta noite eu ousei mais atrevido
 Nas telhas que estalavam nos meus passos
 Ir espiar seu venturoso somno,
 Vê-la mais bella de Morphéo nos braços!

Como dormia ! que profundo somno !...
 Tinha na mão o ferro do engommado...
 Como roncava maviosa e pura...
 Quasi cahi na rua desmaiado !

Afastei á janella, entrei medroso :
 Palpitava-lhe o enseio adormecido...
 Fui beijal a .. roubei do seio d'ella
 Um bilhete que estava alli mettido...

Oh ! de certo... (pensei) é doce pagina
 Onde a alma derramou gentis amores ;
 São versos d'ella... que amanhã de certo
 Ella me enviará cheio de flores...

Tremi de febre ! Venturosa folha !
 Quem pousas-te comigo n'este seio !
 Como Othelo beijando a sua esposa,
 Eu beijei-a a tremer de devaneio...

E' ella ! é ella — repeti tremendo ;
 Mas cantou n'esse instante uma coruja...
 Abri cioso a pagina secreta...
 Oh ! meo Deos ! — era um rol de roupa suja !

Mas se Wether morreu por vêr Carlota
 Dando pão com manteiga ás criancinhas,
 Se achou-a assim mais bella, — eu mais te adoro,
 Sonhando-te á lavar as criancinhas !

E' ella ! é ella ! meo amor, minh'alma.
A Laura, a Beatriz que o céo revela...
E' ella ! é ella ! — murmurei tremendo.
E o écho ao longe suspirou : — é ella !

CÁO-PORA

(F. QUIRINO DOS SANTOS)

E' noite, a lua na extensão celeste
A curva senda mais de meio andou ;
E' diva a pompa que a espessura veste
Depois que a noite n'este val tombou !

Tudo é silencio na deserta plaga,
Ninguem sósinho por ahí vagueia ;
A voz do rio que a planicie alaga
Lá vem baixinho murmurar na areia.

Por entre as folhas a fazer caminho
Um vulto emtanto da floresta sae :
Bem como a pomba que perdesse o ninho,
Fugindo, os ramos recortando vae.

E' terno o aspecto, seu andar gracioso,
Seos olhos brilhão com gentil fulgor ;
As magas fórmãs de seo corpo airoso
Mal cobrem pennas de singello alvor.

Quem és tu ? sombra de visão mentida
Que a noite encarna com subtil magia ?
Ou és a virgem do Senhor sentida,
A imagem casta da eternal poesia ?

Seu rosto é lindo ! Na morena testa
Brilha um lampejo de celeste luz !
Mas o seu gesto pezaroso attesta
De algum martyrio bem pesada cruz.

Ai como é linda ! mas a dôr aguda
Vê-se no rosto que pendida está ;
Brota um suspiro na sua bocca muda
De cada aneio que seu peito dá.

Qual écho torvo que abalou o espaço
Do cedro immenso que no chão cahio,
Gigante féro de um aspecto baço
Com uivo tredo e infernal rugio.

O vulto negro do colosso horrivel
Por sobre os montes lá no ar campêa,
Os pés em terra e o cócar temivel
Por entre as nuvens com o vento ondêa.

E' elle ! é elle ! que a vagar nocturno
Traz morte a tudo com funesto ardil,
Ao som medonho do bramir soturno
Se abalão valles e montanhas mil.

E' elle ! é elle ! e a sonhar, que mimo !
A virgem erra na floresta só,
Ella tão fraca sem nenhum arrimo !
Nem Deus, ai, teve da morena dó !

Eil-o que chega ! seu no peito duro
Cerrando-a as fórmãs celestiaes magôa ;
Nas torpes ancias de deliquio impuro
Arranca à triste a virginal corôa.

Cerra seus labios á sua bocca breve,
Aperta ao della o seu nervudo seio,
Com os beijos brancos de espumante neve
Sorve os suspiros, lhe comprime o enceio.

Como elle a estreita no fogoso abraço !
Que beijos dá-lhe na macia tez !
Ai dura sorte ! no cerrado laço
Sua existencia findará talvez !

Pendeu-lhe a fronte ! seu olhar brilhante
Involvem nuvens de mortal pallor ;
Rouco bramido lá no ar sonante
Restruge ao longe com sinistro horror !

E' delle o grito ! repetio a serra
Em longos échos prolongando-o além :
E baque surdo que ferio a terra
De um corpo frio resoou tambem !

Emtanto a lua na extensão celeste
A senda toda com vagar andou,
E morre a pompa que a espessura véste
Depois que a lua do céo tombou.

A essa hora na longinqua taba
Com ancia e choro procurou-se alguém,
Era ella virgem ! mas que della saiba
Ninguem existe, não a vio ninguem.

No outro dia, quando a aurora veio
Doirando as grimpas das montanhas lá,
Pallida a fronte, enregelado o seio,
Forão achal-a, mas sem vida já !

A NOIVA

(PAULA BARROS)

Eil-a trajando virginaes roupagens,
Branças. tão puras como a luz de céu ;
Botões de flôres de laranja c'roão
A fronte occulta no filó de um véo.

E vae .. e segue... sem que um anjo, ao menos,
Vá despertá-la do scismar de amores...
Pobre açucena ! porque deixas hoje
A vida ingenua do sorrir das flôres ? ! ...

Oh ! não caminhaes ; inda é cedo, pára...
Sempre se é moça quando o seio é virgem ;
A flôr renova si a amorosa brisa
Não vai matá-la, na fatal vertigem.

Olha que a limpha, cuja face é lisa,
Mais transparente que as macias gazas,
Treme e desmaia si a gavota ao vê-la
Vae abraçá-la no bater das azas.

Pára... não queiras que a virginea c'roa
Troque-se em pranto de sentido goivo ;
Que se desfolhe, n'um lascivo abraço,
N'um beijo ardente, sensual, de noivo !

Pensa um instante, retrocede o passo,
Não vás contente, porque Deus é triste ;
Lembra que a vida de amorosos sonhos
Não é na terra que de facto existe.

Aqui, apenas, a donzella sonha,
Mas só no céu a realidade está ;
Alli, a virgem tem por noivo um anjo,
Que, sem manchal-a, sem amor lhe dá.

E quando á noite, no tapiz das flôres,
Ella se deita no macio leito,
Nem um suspiro lhe descora os labios,
Nem um soluço lh'estremece o peito.

Jámais a sombra de tristonha scisma ;
Vae arrancar-a do prazer na calma ;
E os risos doces dos carmeos labios
São sempre rosas espargidas n'alma.

E dorme e sonha.. mas nos sonhos d'ouro,
Em vez do rosto do lascivo amor,
Ella sorri-se vendo um anjo louro
Beijar-lhe a c'roa da laranja em flôr.

E dorme e sonha... n'um sonhar tão doce
Como os anceios do rosal dos ceos
Quando em segredo lhe murmura a brisa :
« — Que amor de virgem se resume em Deus ! »

Pára... não queiras que a capella virgem
Troque-se em prantos de sentido goivo ;
Que se desfolhe n'um lascivo abraço,
N'um beijo ardente, sensual de noivo.

O OPULENTO (*)

(SOARES PASSOS)

Eil-o que passa em seus trens faustosos
Ebrio das pompas que a riqueza dá,
Solta dos olhos um olhar d'affronta,
Ligeiro roda e nem se avista já.

Insulto, escandalo, a miseria extrema
As portas bate do infeliz que só,
Vive em penuria se é viver a vida
Eivada sempre de martyrio e dó.

Por altas noites em salões dourados
Se agitação danças de um folgar sem fim,
E o rico mostra esplendor qu'ostenta
Ornatos propios de um real festim.

São descantes e harmonias são
Que infiltração n'alma a languidez d'amor,
Entre os folguedos que de véos se rasgão
Celestes véos de virginal pudor !

E as noites vão, fugitivas, ledas
Entre as delicias que a ventura tem,
E aos sons festivos que ao prazer convida
Lá vão saudosas murmurando alem.

A's mesmas horas quantas familias gemem
Tragando o calix d'armargoso fel,
A quantos crimes não arrasta a fome
Com seus tormentos de um pungir cruel !

(*) Este recitativo anda tambem sob o nome de Pinheiro Caldas.

Triste viuva e que vivia pobre
Lutando em balde contra acerba dôr,
Vendeu as filhas ao brilhar da infamia,
Cedeu ao crime, santo Deus que horror !

Sobre as escadas de um mosteiro antigo
Que a luz esmalta com saudosa luz,
Dous orphãosinhos sem um tecto ao menos
A' sombra dormem do velar da cruz.

Honrado artista sobre um leite humilde
Cahe sem alento que não póde mais,
Trabalha sempre na miseria immerso
Para soffrer penas no porvir fallaz.

Velho soldado que ao bradar da patria
Vertêra o sangue no calor d'acção,
Vergonha, opprobrio, maldição eterna
Hoje esquecido, lá mendiga o pão !

A casta virgem á penuria cede,
Do erro ao crime só um passo vai,
Era hontem pura, criminosa hoje,
Amanhã perdida nas orgias cahe.

E o rico folga nos sarãos luzidos
Sorrindo a todos com um sorrir mordaz ;
E o rico baldo aos sentimentos nobres
Seu ouro esgota no prazer fallaz.

Só não tem ouro para valer o pobre,
Só não tem ouro para calar a dôr,
Só não tem ouro para salvar a virgem
Dos torpes laços de um mentido amor.

Homens ditosos que folgais no luxo
Vergai á dôr, á compaixão vergai,
E os agros prantos de martyrio e sangue
Nos bassos olhos do infeliz seccai.

Dai-lhes o sobejo dessas mesas lautas,
Que as mais das vezes arrojais ao chão,
Folgai embora m's roubai a fome
A' tantas familias, que mendigão o pão.

ENGANO

(HONORATO LOPES)

Em serena noite de luar brilhante
Vi um semblante, divinal candura,
Na formozura era tão singela
Que só em vê-la recebi doçura.

Não tinha galas d' illusorios adornos,
Os seus contornos fascinava alim ;
Quem a veria, que não sentisse o peito
Logo sujeito a esse encanto... quem ? !

A deusa Venus, que da formozura
Tem a belleza adornada em flôres,
Triste ficára vendo esta deidade,
Que a divindade lhe dotou d'amores.

Eu quasi, louco já d'amor em chamma,
Ella me chama seu querido amante,
Então não sei o que senti nest'alma,
Perdi a calma, fiquei delirante.

A seus pés prostrados, vi o céu d'amor
Onde em furor lhe pedi um... beijo !
Ella em silencio para mim olhava,
Talvez pensava neste meu desejo.

Foi quando então em delirio louco,
Fui a pouco a pouco me chegando a ella ;
Porém que espanto, que tremor de susto
Eu vi a custo, era... Marilia bella.

NOITE DE LUAR

(ALMEIDA CUNHA)

E' meia noite. Vagarosa lua
Nos céos fluctua com serena luz,
Ah ! que saudade que de si derrama !
Que doce flamma que de amor seduz !

Ah ! como é bella na carreira infinda !
Ah ! como é linda a eterna flôr do céu !
Parece um anjo de prazer chorando,
Noiva corando ao descahir do véo !

Noites de lua ! como sois formosas
Por entre as rosas do jardim terreal !
Lua fulgente de gentis desmaios
Amo esses raios que lançaes no val !

Quando vos vejo a allumiar cidades,
Ai, que saudades me não vem tocar !
Sabeis meu peito que lembrança encerra ?
E' minha terra, meu amor, meu lar !

A volitante, namorada brisa
 Na flôr deslisa a murmurar—amor—
 E se inclinando sem haver ciume,
 Dá-lhe perfume a langorosa flôr :

As aves dormem no alvoredo annoso...
 Tudo formoso se nos vem mostrar...
 Mesmo o repucho do jardim desata
 Nuvem de prata que se vê brilhar !

Tudo embriaga, tudo a amor convida !
 A flôr pendida no gentil jardim,
 A brisa e a lua que sósinha véla...
 Oh ! como é bella a meia noite assim !

SAUDADE

(JOSÈ BONIFACIO, O MOÇO)

Era mentira quando o seio ardente
 Inda tremente sobre o meu senti !
 Oh ! que loucura nesse vão desejo,
 Naquelle beijo que ao te dar morri !

Lembra-me ainda o clarear da lua
 Quando na tua minha mão tremeu ;
 Inda imagino teu vestido aereo
 Nesse mysterio que me enlouqueceu.

Humida nuvem de urua luz saudosa
 A face rosa te cobrio... passou ;
 Como de orvalho esse véo nitente
 Que o lyrio algente de pudôr curvou.

Oh ! que alegrias, nos jardins, nas salas,
As dôces fallas de te ouvir sonhei !
Entre as roseiras do luar, queridas
Hoje esquecidas a memoria achei.

Ficou-me apenas nesta curta idade
Murcha saudade do sonhar fagueiro :
E' flôr que exprime, quando passas linda,
A vida finda do amor primeiro.

AO LUAR

(?)

Era no estio quando a sombra tua
Pallida á lua— tão formosa eu vi ;
Nesse teu rosto tão fulgente e bello
Um doce anhelos—vi raiar p'ra mi !

Então eu preso de vertige ardente
Cahi trememente— a teos pés, ó virgem :
Tu te sorríte para mim a eito
E no meu peito—vi de amôr a origem !

Desde esse instante de amoroso enleio
Eu no teu seio—reviver senti ;
Lembra-te ó anjo que luar fazia ?
Que poesia—contemplar-te, houri !

Oh ! bem te lembra, minha virgem bella,
Que arage' aquella—suspirava ali ;
Era no estio quando a sombra tua
Pallida a lua—tão formosa vi ! . . .

ERA NO OUTONO

(B. PATO)

Era no outono quando a imagem tua
A' luz da lua seductora vi.
Lembras-te ainda nessa noite, Elisa,
Que doce brisa suspirava ali ?

Toda de branco, em tua fronte bella,
Rosa singela se ostentava então,
Vi-te, e perdido de te ver buscava
Se me apartava da gentil visão !

Era de balde ; quanto mais te via,
Mais me perdia delirante amor ;
Magicas fallas proferiste incerta,
Toda coberta de infantil pudor !

Tremulo, ancioso, quiz pedir-te um beijo,
Louco desejo, pois fugir-te vi !
Vendo-me triste para mim voltaste,
Não me fallaste ; mas eu bem senti !

Fresca, arroubada de perfume a brisa,
Lembras-te, Elisa ? suspirava então ;
Tu nos meus braços reclinaste a fronte,
E meigamente me disseste : Não !

NÃO CHORES

(D. JULIA DE GUSMÃO)

Era o sol posto ; n'essa hora magica
Surgia a lua com serena luz ;
E d'olhos negros, seductora, pallida,
Eu vi a virgem abraçada á cruz.

A linda virgem ! de seus olhos languido
Corria o pranto ; que formosa estava !
Erguia as vistas, de seus labios atremulos
Ardente prece para os céos mandava !

E n'aquella hora de impressões magneticas,
Vendo-a tão bella, mal pisando o chão,
No adro antigo, junto á cruz marmorea,
Oh ! não disséreis ser do mundo, não

Vendo-a sósinha, pensativa e timida,
Co'as mãos erguidas evocar Jesus,
Soltar dos labios fervorosa supplica,
Banhar chorando o pedestal da cruz ;

Quem não diria : — oh ! divinal mysterio,
Anjo formoso, que deixaste os céus,
Ensina aos homens a rogarem férvidos,
Pede por elles compaixão a Deus ! —

Mas era a virgem, que em sentidas magoas,
Quando a existencia lhe sorria em flôr,
Já n'este mundo em seus caminhos arduos
A par das flôres encontrava a dôr.

Ditosa virgem, orando, ingenua,
 Co'os lindos braços, enlaçaste a cruz,
 Não viste um anjo que desceu do empyreo,
 Cercado d'alva, resplendente luz ? !

Baixou, olhou te, com aspecto angelico,
 Cravou momentos seu olhar no teu ;
 Depois, não viste, com sorriso candido,
 Dizer — não chores ! — e volver ao céu ?

O anjo, ó virgem, era o doce nuncio,
 De mil encantos, de venturas mil,
 Resurge, espera, que um provir suavissimo,
 Vai dar-te as rosas de festivo abril.

E eu n'este dia de inefaveís jubilos,
 Tambem te imploro, que não chores, não.
 Recorda o anjo da mansão etherea,
 Lembre-te a meiga, divinal visão !

A ELVIRA

(ALMEIDA CUNHA)

Escuta a luta que devora agora
 Meu seio cheio de cruel pezar !
 Elvira, Elvira, ao teu desprezo prezo,
 Não minto, sinto que me vou findar !

Olhar-te e amar-te. bemdizer-te ao vêr-te
 Foi n'alma a palma que nasceu brotou...
 Ai, tanto encanto me cegava ! e a lava
 De um peito affeito ao desamor—jorrou !

Loucura escura ! O pensamento lento
Sentou-se... alou-se e para ti correu !
Prendi-me... ri-me como escravo ignavo,
Que— estulto—o insulto sem corar soffreu !

Tormento lento em disfarçado agrado
Que a morte em sorte me vem dar cruel !
— Bachãnte amante decorreste preste
Desgraça ! á taça me atirei do mel !

Suspira a lyra que uma endeicha, deixa
Revolta solta que se perde além... !
Zephiros diros não a escutão, lutão
E correm, morrem sem me ouvir também !

Desmaia—á praia, que se alaga—a vaga ;
Deslisa a brisa em festival jardim...
Vai núa a lua, vagarosa, airosa ;
E' tudo tudo... e a desventura em mim !

Ferina ! a sina que me déste, enfeste
A fronte insonte de cruel amor !
Maltrata, mata pouco a pouco um louco
Perdido, ungido por immensa dôr !

Mas... basta ! Affasta borboleta inquiêta
Os ferros perros que lançaste em mim !
Adora e chora, como adoro e choro...
Murmura pura : também amo assim !...

UM SONHO

(XAVIER DE NOVAES)

Escuta, Elvira !... Vou contar-te um sonho,
Bello, risonho, que uma vez sonhei ;
Inda, ao lembrar-me desse gozo brando,
Se estou sonhando, se a pensar... não sei !...

No véo da noite, que a voar fugia,
Raios do dia penetrando eu vi ;
E a luz que d'arte seu fulgor mantinha,
Da luz que vinha já tremia alli !

Fugia o somno, dos mortaes—regalo,
Breve intervallo de fadiga atroz ;
Que a branca aurora negro véo rasgava,
Longe bradava do tambor a voz.

Já o campino, da cabana pobre
Que ao mundo encobre tão feliz viver,
Com prazer n'alma, de socego cheia,
Na terra alheia seu suor verter.

Cantos suaves, divinaes gorgeios,
D'enlevo cheios, a subir ao ar,
Vinhão ás magoas que me andavão n'alma,
Repouso, e calma, por momentos dar.

O novo dia, como o dia findo,
Surgia ouvindo matinal canção ;
Chamando os homens ao trabalho, á vida,
Diurna lida começava então.

Ai !... minha Elvira !... como foi risonho,
Suave, o sonho que eu então sonhei !
Oihá... inda agora, que t'o vou contando
Se estou sonhando, se a pensar, não sei !

A luz nascente levantando a fronte,
Lá no horizonte nuvem branca eu vi :
Candida neve, no rigor da alvura,
Seria escura collocada alli.

Já viste o cysne, que do lago perto
N'um vôo incerto quer voar além,
E abrindo as azas, no bater serenas,
Mais niveis pennas a mostrar-nos vêm ?

Assim a nuvem, que se abrira ao meio,
Rasgando o seio, novo ser mostrou ;
Candido vulto, magestoso, lindo,
Meigo, sorrindo, que do céu baixou.

Alva roupagem, vaporosa e leve,
Rival da neve, qual virgineo véo
Deixava aos olhos, que inundavão prantos,
Prevêr encantos que só ha no céu !

Dos ternos olhos, onde amor fallava,
Pura emanava seductora luz,
Pallida e bella, como a luz da lua,
Se em noite sua com fulgor seduz.

Mostrava a face divinal candura !
Leve tintura lhe animava a côr :
Era açucena do jardim, mimosa,
Ligada a rosa, n'um festim de amor.

Como a florinha na manhã d'estio
Abre ao rocio que do céu lhe vem,
Abria os labios um sorriso ameno,
Puro, sereno, que a mulher não tem ?

Mal podem cantos de sentida lyra
Dizer-te, Elvira, como ao céu subi
Nas azas leves do prazer levado,
Quando a meu lado voz celeste ouvi !

Som deleitoso que a meu ser prendia,
Quando eu ouvia que a feliz missão
Era jurar-me que lá d'alto vinha
Prender na minha, a delicada mão ! .

Ouvi-lhe em phrases, como o som cadente,
Votos ardentes d'um amor sem fim :
Deus ordenára que este amor profundo.
Fosse do mundo premiado assim !

Alli colhião da victoria as palmas
Ditasas almas que a paixão ligou ;
E um doce canto de harmonia immensa.
Filho da crença para o céu vôou !

Voz tão sonora, locução tão pura,
Tanta candura, quem podia ter ?
Esse anjo vindo de eternas espheras,
Se tu não eras, quem poderá ser ?

Eras, Elvira, qua eu te vi chorando,
Mas... acordando nesses gozos meus,
Cedêrão sonhos á cruel verdade !
Resta a saudade, teu amor e Deus ! ...

A ESTATUA DA VIDA

(BITHENCOURT DA SILVA)

Estatua inerte, insensível, calma,
Mimoso corpo não conhece a vida,
Pallida estrella, que brilhar não sabe,
Perola santa para os céos perdida.

Jardim sem flôres, sem perfumes secco,
Lodosa argila, egoismo só,
Orgulho, inutil sentimento morto,
Gelado peito não conserva dó.

Formosa e linda, alabastrina Venus
E' muda e fria, nem um riso tem,
Alma de marmor, sem fé, sacrilega,
Aos céos prendel-a nem os sonhos vem.

Altar sem culto, sem amor, sem idolos,
Religião sem crentes, muda está,
Sacratio augusto, esperança morta,
Nem um suspiro o coração lhe dá.

Vaso esculpido de valor sublime,
Que doce orvalho não colheu do céu,
Bello horisonte mas sem luz, sem brilho,
Sempre escondido por funereo véo.

Adormecido, sepuchral archanjo ..
Celeste aroma—nem a Deus orou,
Apenas folhas—desbotada rosa,
Sem ter amor seu coração ficou.

UM TEU DOCE AGRADO

(CANDIDA COTRIN)

Eu amo as flôres em manhã serena
Frescas, viçosas, perfumando o prado,
Porém adoro, amo mais ainda
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Eu amo os cantos maviosos, puros,
Gorgeios brandos de mimoso aládo,
Mas... ah ! que amo, muito mais eu amo
Um teu sorriso, um teu doce agrado !

Eu amo vêr em deserta praia
O mar sereno qual leão domado,
Porém mais amo, mais prazer me dá
Um teu sorriso, um teu doce grado.

Eu amo as meigas eternas caricias
Da mãe querida ao filhinho amado,
Mas, mais eu amo um carinho teu
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Eu amo ouvir os accordes santos
D'orgão divino em templo sagrado,
Mas amo... adoro com fervor maior
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Eu amo os brincos d'infantil menino
Que fólga isento do menor cuidado,
Porém eu amo muito mais que tudo
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

NA ESTRADA

(CARLOS FERREIRA)

E eu disse á turba que passava rindo :
— Minhi'alma geme de saudade e dôr !
E a turba alegre a perpassar nem via
Na estrada, ao longe, o juvenil cantor.

E eu disse então às primaveras doces :
— Sonhos ! meus sonhos de azulada côr !
E as primaveras a sorrir deixarão
Gemer na estrada o juvenil cantor!

E eu disse ao sol que despontava altivo :
— Oh, dá-me um raio de vital calor !
E o sol aváro caminhou deixando
Morrer na estrada o juvenil cantor !

Mas tu passaste. Eu me prostrei pedindo
A crença, a vida... aspiração .. fulgor !
E erguendo os olhos para os cêos, disseste :
— Bem haja oh Christo, o juvenil cantor !

E eu disse então ajoelhando crente :
— Salve divina inspiração do amor !
Meu Deus, eu sei que me escutaste as preces
Seja bemdito o teu poder, Senhor !

SUPPLICA

(D. AMELIA G.***)

Eu dei-te os risos de sonhar de amores,
E os sons primeiros que vibrei na lyra ;
Oh como louca me abrazei tão cêdo
Na chamma ardente de amorosa lyra.

Porém agora não ouvirão meus labios
 Em vão queixume murmurar da sorte ;
 Venho pedir-te d'esse amor a paga
 Quando a minh'alma se envolver na morte :
 — Quando a minh'alma descansar tranquilla
 Na doce paz que a sepultura encerra,
 Ah ! não te esqueças d'esta triste joven
 Que a desventura fez baixar á terra,
 Na fria pedra que esconder meu corpo
 Vae tu, meu anjo, derramar-lhe em pranto !
 E dos seus labios juvenis e lindos
 Murmura em hymnos de celeste incanto...
 « Nas horas mortas do cahir das tardes
 Na minha çampa deposita flôres ;
 E recordando minha vida amarga
 Dirás : — morreste, mas findarão dôres ! ... »
 Oh ! é tão doce ter um anjo bello
 Que sobre a campã nos derrame flôres !...
 Que de joelhos no sepulchro amado
 Suspire queixas de amorosas dôres !
 Assim, meu anjo, morrerêi tranquillo,
 Se a minha prece fôr por ti cumprida ;
 Então minha alma gozará na morte
 O que o meu corpo não gozou na vida.

ANGÉLICA

(THOMAZ RIBEIRO)

Eu nunca penso no teu rosto, Angelica,
 Sem me lembrar de um jasmineiro em flôr :
 Tens d'elle tudo : a cora nivea , canticos,
 Aromas, sonhos, impulsões de amor.

Dão-te à porfia madrigaes idyllicos,
Protestos, queixas, indistinctos ais,
Aves—poetas das balseiras floridas,
Poetas—aves dos jardins ideaes.

Fallas? gorgeia um rouxinol suavissimo!
Ris? desabrocha ao jasmineiro a flôr!
Choras? do orvalho as matutinas perolas
Vestem de luz o immaculado alvor.

Quando perdidos neste mar sem terminos
Te avisto ao longe, reparando em mim:
— Se acaso, penso, ao meu extremo anhelito
Me desses sombras, ó divinal jasmim!...

Se recostado sobre o musgo flaccido
A ver distante o largo mar e o céo
Morresse envolto em tuas folhas mormuras!...
Causára invejas o que alli morreu!

Tu és o arbusto dos canteiros mysticos,
Eu, o Ashavero que procuro em vão,
Que vá? que passe?... Ainda e sempre!... enganás-te,
Eu já não posso caminhar mais, não!

Cancei! perdi-me embellezado e ezanime;
Deixe-me agora descansar aqui!
Que eu viva e morra nesse immenso jubilo
A ver-te, a ouvir-te, a delirar por ti!

Ha no Oriente a mancenilha morbida,
Branda, florente e de mil crimes ré;
Não é da sombra, é dos aromas lubricos
Que vem a morte ao que lhe dorme ao pé.

Morrer é bom se nos momentos ultimos
 Da grande luz, de apaixonada flôr,
 Se goza em cheio ! e se n'uns olhos humidos
 Floreja um pranto de saudoso amor !

Deixa que morra á tua sombra e abraça-me !
 Peno sem ais ! morro sorrindo ! — vê!
 E' tão suave o teu aroma célico !
 Tão basta e branda essa folhagem é !

Nas horas tristes, quando a noite gélida
 Me arrefecer, não chores, não ! sorri !
 Feliz, feliz o que no extremo anhelito
 Pensar em Deus, no paraizo, em ti !

LUIZINHA

(?)

Eu sou pequena como a flôr mimosa,
 — Botão de rosa em matinal frescor ;
 Sou meiga e linda, mesmo assim pequena,
 Como a açucena n'um vergel em flôr.

Eu sou pequena como a borboleta
 Que da violeta para a dhalia vae :
 Eu sou pequena como a nuvemzinha.
 Quando á tardinha pelo céo s'esvae.

Eu sou pequena, mas a Deus adoro
 E humilde imploro com fervor christão :
 Me ensina as rezas que eu constricta rezo
 Mamãe, que eu prezo... e sou pequena então ?...

Eu sou pequena, porém canto e danso
E não me canso de brincar jámais ;
Sei lêr meus livros, sei pegar na penna ;
— Eu sou pequena, mas, Chiquinha é mais !

Eu sou pequena, meu vestido é curto,
Sem ser a furto, podem vêr meu pé,
E' pequenino e minha perna é grossa...
Não ha quem possa me vencer, quem é ?

Se sou pequena, hei de crescêr um dia ;
Mamãe, não ria !... Hei de crescer tambem !
Olhe, eu sou bella, que um poeta o disse...
Ah zomba ?... Ri-se ?... Pois eu... creio bem !

Mamãe, não falla que a mentira é feia !
Pois bem, me creia... ora, mamãe a rir !
Pois um poeta como aquelle mente ?
Não ; certamente, para que mentir ?

Mamãe, perdôe, mas a verdade obriga,
Deixe que diga o que mamãe dirá ;
— Eu sou bonita — o nosso espelho falla,
Vamos para a sala que mamãe verá.

Eu sou pequena, porém sou formosa
Botão de rosa em tropical manhã ;
Eu sou pequena, porém mais sabida
E mais crescida do que minha irmã.

Vestido longo, de uma cauda immensa,
Dê-me licença, hei de tambem trazer,
Altiva prôa de um *chignon bien chique*
Sabendo fique, hei de garbosa erguer !

Minhas bonecas deixarei á mana...
De côr de havana, côr de rosa e azul
Hei de vestir-me, ter custosas prendas.
Fitas e rendas, rico anel taful.

Mana zangou-se?... Pois não vale a pena,
Eu sou pequena, estou brincando, vê?
Havemos ambas de crescer, havemos,
Juntas brinquemos... mas que tem você?...

Somos pequenas — ambas nós — dous ramos
Desabrochamos n'um só tronco, iguaes ;
Mal começamos a viver apenas...
Somos pequenas, porém mana é mais !

E' mais pequena, não lhe ferva o sangue...
Mas não se zangue por eu ser maior !
Ha de findar-se nosso infantil roteiro,
O meu primeiro do que o seu, melhor !

Eu sou pequena, estas lições que o digam
Que nos obrigam de continuo a lêr ;
De lapis, pennas e papeis de estudo,
Livre de tudo, hei de tambem me vêr.

E a Luizinha que hoje lêr precisa,
— D. Luiza ha de chamar-se então ;
Terá vestidos de compridos caudas,
Livre das laudas de um compendio vão.

O CANTO DA VIRGEM

(BETHENCOURT DA SILVA)

Eu sou qual rosa, na manhã serena,
Ao sol rompendo o coralino encanto ;
Se a brisa passa, na singela aragem.
Aos céos envio meu perenne canto,

No líso espelho de azuladas aguas
Eu miro ás vezes meu gentil semblante :
E as estrellas de meus olhos lindos
Alli retratam seu luzir brilhante.

Das meigas flôres que no prado cõlho
Não ha nenhuma como eu tão bella...
Mas aos perfumes eu lhe ajunto beijos
E d'ellas teço virginal capella.

A' claridade de um luar ameno,
Nas verdes folhas de meus louros annos,
Eu passo a vida descuidada e pura,
Do mundo longe, dos mortaes enganos.

Se as avezinhas ao albôr da aurora,
Nos seus gorgeios vem saudar o dia,
Eu rezo á noite uma oração de amores,
Gratos perfumes de immortal poesia.

Feliz, ditosa, só em Deus pensando,
Caricias gozo de uma mãe querida ;
No seu regaço doce amor me enleia
E aos seus affagos eu entrego a vida.

DESVANEIOS

(C. DA ROCHA)

Eu quero ver-te de esplendor cercada,
A fronte ornada de mimosas flôres,
No ardor de um baile me fallar mansinho
Murmurar baixinho secretando amôres.

Nos salões da moda não desejo ver-te
Toda embeber-te em pensamentos vãos,
Nem ver um outro receber sorrindo
O ramo lindo de tuas niveas mãos.

Na valsa oh! bella quero ver-te exangue
Curvada e langue sobre o peito meu,
Arguejando tremula de febril cansado
Comprimir-me o braço sobre o peito teu.

No ardor da valsa perpassar ligeira
Voar faceira eu não te veja eu não!
Sobre outro peito descansando a fronte
Qual flôr do monte que pendeu p'ra o chão.

Quando o baile em meio mais prazer encerra
Ver-te quizera abandonar as salas,
E a sós commigo te isolar contente
Pretendendo á mente em amorçosas fallas.

Eu que ver-te de esplendor cercada
A fronte ornada de mimosas flôres
No ardor de um baile me fallar mansinho
Murmurar baixinho secretando amôres.

O SONHO

(RICARDO DE ALMEIDA)

Eu tive um sonho em que vi— senti,
Lucinda, linda, para mim partir ;
E os labios bellos entr'abrindo—rindo,
Ditoso gozo demonstrar fruir.

Era seu rosto de encantos, tantos,
Serenos, amenos, de morêna côr ;
Pedi-lhe um beijo, e n'um engano lhano,
Delirei, manchei seu juvenil pudor.

Ella anciosa nesse enredo ledos
Furtivo squivo um olhar lançou-me ;
Julguei estar nesse instante, ante ;
Estrella bella que o céo fadou-me.

Foi desses sonhos que a mente sente....
Dourado fado ao perpassar da vida....
Sonho que indica mil venturas puras,
Estreito preto de existencia fida.

Engano d'alma que existe triste,
Soffrendo, crendo em idéais primores....
Illusão ficticia que n'um momento lento,
Contente sente quem sonhar amôres.

Mas despertando do risonho sonho,
Lucinda, linda, jámais pude achar !
Não pude vê-la ! mas.... embora.... agora
Disperto certo de que a deve amar.

O LOUCO

(CAETANO DA SILVA)

Eu vi-o !... eu vi-o ! — espadecendo as vestes,
 Rasgando as carnes do espaçoso peito !
 Eu vi-o !... eu vi-o ! — tremuloso, arfando,
 Cahir exausto sobre um duro leito !

Nas ferreas gradas da prisão sombria
 Mil vez lança-se, em cruel penar !
 Pallido o rosto, co'o cabello hirsuto,
 Rubio sorriso, desmaiado olhar !

Elle não dorme ! — n'alta noite, em furia,
 Ergue-se ao leito a maldizer de si !
 Depois, n'um como serenar do espirito,
 Repete um canto que começa assi :

« Eu louco !?...—eu louco !?...—maldição eterna
 A' quem de louco me appellida a mim !
 Não foi loucura, que lançou-me em ferros...
 Mas linda virgem qu'eu amei sem fim !

« Não foi loucura, mas cruel desprezo.
 Seu odio enorme . seu fatal desdem, —
 Que, moço ainda ! — m'envolveu no espaço
 D'este aposento que só trevas tem !

« Bem sei que aos poucos, se me foge a vida...
 Que, em breve, a tumba se abrirá p'ra mim !
 Mas não estou louco !—amaldição a virgem,
 Perjura ingrata—que tornou-me assim !

E mal acaba, delirante accesso
 Alma lh'invade...já de Deus maldiz !
 Brama convulso !—o desespero é tanto
 Que não s'entende o que articula e diz !

E' louco !... é louco !—bem me diz aquelle
 Rosto tranzido, aquelle olhar de esguelha !
 Aquelle tremulante, automato,
 Onde não luz racional scentelha !

E' louco !... é louco !—no verdor dos annos
 Era um poeta—que cantava amores !
 Donzella infinda atraçôu-lhe o affecto...
 Louco ! —lançou-se sobre um mar de dores !

Eu vi-o !... eu vi-o ! — a rebramir de raiva.
 Unido ás grades da cruel prisão !
 Lindos cabellos arrancando ao vento,
 Sons desconjunctos proferindo então !

FALLA

(M. LEITÃO)

Falla, meu anjo ! Que tuas vozes candidas
 A meus ouvidos venham ter bem ternas !
 Ah ! falla, falla ! De teus labios tremulos
 Solta essas notas divinacs, eternas !

Deixa em meu peito vir cahir, dulcissimas,
Oscillando uma a uma entre o receio,
As tuas fallas que em minh'alma gelida
Mudam-se em chammas me abrasando o seio!

Falta ao canario um harpejar tão magico,
E falta á lyra um dedilhar tão dino!
Nada te iguala no fallar angelico...
São tuas vozes sacro-santo hymno.

Quando tu dizes « eu te amo » e pudica
O rosto esconde com ternura e medo,
Sem ti, no céu, não se desprende um cantico
Assim vibrado, tão sublime e lêdo!

Se em alta noite—entristecida e pavida,
Gemer a flauta na soidão é bello,
Mais bello ainda é proferida syllaba
Pelos teus labios com infantil desvelo!

Na matta umbrosa a sabiá extatico
Cala seu quebro que vencido fica!
Tudo emmudece á tua voz, e o misero
Na magoa immerso seu soffrer deifica!

Falla, meu anjo! Tua voz é balsamo
Que suaviza do martyrio a chaga!
Com tuas fallas, desta vida lugubre
Mata a descrença que meu peito esmaga!

SCHAMYL

(EDUARDO MEIRELLES)

Fêndem o dorso do penedo umbroso
O sabre, a lança, o dardo e o fuzil,
Alli succumbe o resto valoroso
Das hordas firmes do inclito Schamyl.

O surdo estouro do canhão ousado
Razando as faces da muralha forte,
Excita os brios do Circacio irado,
Que sem recurso só se rende á morte.

Gonnib, o ponto de defeza extrema
D'esse pugilo intrepido de bravos,
Brilha nas chammas como um diadema
Da gloria iniqua dos crueis slavos.

Eil-o despojo de soberba plaga,
Esse colosso, que abortára o mundo !
Simoun valente, que varrêra a vaga
Do caspio mar no sopro furibundo.

Heroe cansado de sagrado pleito
Jámais sonhára sossobrar-lhe a sorte ;
Marmoreo bloco no rollar desfeito
Pelas torrentes horridas do norte.

Nem a lembrança de victorias tantas
A dôr lhe somme da cruel paixão :
Da liberdade as iras sacrosantas
Fremem nos pulsos do feroz Leão,

FILHA NÃO POSSO

(?....)

— Filha ! não posso agazalhar-te em vida :
rosa pendida que te vais finar !
quem te arrancára dessas mãos ferozes
dos meus algozes ; te vão matar !

A' campa vamos ! Ai ! depois da morte
quem sabe a sorte a que estas almas vão !...
que aneio ! filha ! que toldado abysmo ?
tu ! ... sem baptismo ! ... e eu ! ... sem confissão !

Não ! Deus é pai ! sómente os máos condemna.
Foi por quem pena. que penou Jesus !
Sejão meus prantos do baptismo as aguas !...
Deus ! pelas magoas que te deu a cruz !

Vai filha ! os anjos te recebem ledos !
guarda os segredos que me ouviste aqui.
Quando avistares do Senhor a séde,
por mim lhe pede, que tambem morri !

Vai ! Dize aos anjos que te dêm seus cantos
por estes prantos que meus olhos têm !
e se em mim perdes maternal ternura,
a virgem pura, que te seja mãe ! ...

Ai ! flôr de neve com dourada côma
que alver ! que aroma ! se não perde aqui !
Ai ! rosa minha de matiz vestida :
que amor ! que vida ! que eu sonhei por ti !

Teu pai rojando por ingloria senda,
que vida horrenda viverá tambem !
rico inda hontem, poderoso e nobre !
hoje, tão pobre, que nem nome tem !

E eu fui a sombra que toldou de escuro
todo o futuro que o verá viver ! ...
Eu fui a estrella que em lugar de um norte,
lhe aponta a morte, que fará morrer !

Aos meus perdôo, que me derão tratos !
raça de ingratos ! com quem eu vivi !
Não choro os dias que sonhei serenos...
que em paga ao menos, morrerei por ti.

A ti, a elle, deixarei sómente.
n'um beijo ardente o derradeiro—adeus ! ...
Correi algozes ! já me não constranjo ! ...
martyr e anjo, tem direito aos céos !

BRANCA ROSA

(J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA.)

Flôr de candura, ó minha branca rosa,
Sorrio-se a brisa que refresca os portos
Porém abrio o vendaval suas azas
E esfolhou-se sobre o chão dos mortos.

Qual a ventura que te deu a terra ?
Por sol ardente coube te o trabalho
E por espinhos te surgirão dôres,
Lagrimas tristes forão o teu orvalho.

Desabrochasse com o sorrir dos anjos
 Tua virtude foi o ter perfume ;
 Deus acolheu-o em seu immenso seio,
 A onde as glorias immortaes resume.

E como a rosa de botões cingida
 Vive dos anjos rodeada agora,
 E a filha tua, que ficou na terra,
 Sobre a tua campa miseranda chora.

Flôr da candura, ó minha branca rosa,
 Aceite a offerta que te vota esta alma,
 Dá-me um sorriso lá da eternidade,
 E a saudade de meu peito acalma.

FLOR PERFUMADA

(?....)

Flôr perfumada do jardim da vida
 Deixe que eu góze dos aromas teus,
 Luzente estrella em céos de amor erguida
 Vem ser o guia nos caminhos meus !

Se nos rochedos da fatal descrença,
 Espedacei meu juvenil batel ;
 Vem tu trazer á minha dôr intensa
 Um lenitivo que mitigue o fel.

Ah ! não te negues, quando louco anceio
 Entre torturas, m'estender a mão,
 Traz-me a bonança ao inquietado seio,
 Dá ao faminto o caridoso pão.

Se em densas trevas me perdi um dia.
Victima incauta de subido amor ;
E se de tudo que mais santo havia
Eu blasphemei na convulsão de dôr ;

Eu me arrependo, que o castigo vejo,
N'este amor santo que por ti senti ;
D'essas blasphemias sinto agora péjo
Pela pureza que deparo em ti.

Tens no semblante a candidez de um anjo,
Nos lindos olhos celestial langor ;
Debalde ao vêr-te o coração confranzo,
Debalde busco refrear o amor.

Oh ! por teus olhos eu daria tudo !...
Olhos tão vivos nunca os vi assim !
Extasiado, fico louco e mudo
Quando tu volves um olhar p'ra mim.

Bastou um sôbro de teus labios quentes
Para das cinzas nova chamma arder ;
E com um gesto das feições viventes,
Pudeste a esperança no meu peito erguer.

Ah !... não consintas que paixão tamanha
Se despedace nos umbraes da dôr !
— Se dos tormentos já soffri a sanha,
— Vem dar-me allivio no innocente amor !

ALICE

(MUCIO TEIXEIRA)

Gotta mimosa de celeste orvalho,
 Lyrio viçoso dos jardins divinos,
 Dore harmonia de encantados hymnos,
 Tibio lampejo de oscilante estrella !

Tu és morena, divinal, singela,
 A estrella d'alva a illuminar-me as scismas !
 Luz cambiante — de fulgentes prismas,
 Chispa do astro — que afugenta as brumas !

Tu és o cysne de nitentes plumas,
 Vogando a esmo em crystallino lago...
 Echo sentido — d'um idyllio mago !
 Brisa — que tange d'harpa-eolea as cordas.

Scismas, formosa ?... e no scismar recordos
 As bellas plagas — que nacer te virão ?
 E as sertanejas — que seu canto ouvirão ?
 E os passarinhos — que p'ra ti cantavão ?...

Lembras os dias que subtis passavão
 Sem uma nuvem de sombrias côres ?...
 Ou dos tropeiros as canções de amores
 Junto á fogueira, da cabana ao lado ?...

Scismas, morena ? — e teu olhar cançado
 Procura as noites de verão que forão ?...
 Ou os lampyrios — que as campinas dourão ?...
 Ou as campinas — onde as flôres tremem ?...

E quando os euros — que entre as folhas gemem ,
O som divino de tua voz imitação,
De amor teus seios a gemer palpitão ?...
Ou desconheces esse affecto santo ?...

Tu és a baga do sidéreo pranto
Que os astros chorão ao luar tardio...
— Fróco d'espuma de azulado ria,
— Sorriso incauto de gentis meainos !

Doce harmonia de encantados hymnos,
Tibio lampejo — de oscillante estrella !
Tu — és o lyrio dos jardins divinos,
Flôr, que minh'alma respirar anhéla...

TERRA SANTA

(L. GUIMARÃES JUNIOR)

Ha certa noite em que minh'alma pavida
Fugindo ao mundo, — solitaria e bella,
Vai, peregrina, ajoelhar-se tremula
Na terra santa do sepulchro d'ella.

E lá bebendo o negro fel das lagrimas,
Calca da morte o negro chão sombrio,
Emquanto geme a viração dos tumulos
Nos hirtos ramos do cypreste esguio.

Mudos os astros me contemplão funebres,
Medonha a lua no horisonte véla,
E eu pouso a fronte extasia la e pallida
Na terra santa do sepulchro d'ella.

Mas, ah! de balde, em minha acerba angustia
Supplicio o Eterno maldizendo a sorte :
O écho apenas me responde lugubre,
Lugubre apenas me responde a morte !

E o véo da noite sobre mim desdobra-se
E a lua dorme na estrellada téla,
E eu beijo as flôres machucadas humidas
Da terra santa do sepulchro d'ella.

Maria, escuta ! Vem ouvir-me, oh, candida,
Candida rosa que cresceu comigo,
Dá-me um lugar n'essa mortalha angelica,
Deixa-me ao menos repousar contigo.

Em vão ! Em vão toda minh'alma erguendo-se
Na voz pungente as afflicções revela :
Em vão meus labios se confundem soffregos
Na terra santa do sepulchro d'ella !

A campa é surda, e do feral envolucro
Só Deus podéra arrebatat-te um dia :
Mas, ah ! se acaso estás me ouvindo, alegra-te,
Que em breve, em breve eu te verei, Maria !

O CANTO DA NOIVA

(M. LEITÃO)

Horas serênas d'essa quadra bella,
Brisas da tarde que passaes, ouvi ;
Cerca-me a fronte a virginal capella,
O véo de noiva, — o branco véo cingi.

Não mais os sonhos virginaes de outr'ora,
Não mais as crenças que o ideal creou !
Mais véros laços vão prender-me agora,
Santos deveres a cumprir eu vou.

Sou noiva ! o pranto que m'invade o seio
Não é causado pela dôr, oh, não !
Do esposo ao lado, se feliz me creio,
Que magoa é esta que me actua então ?

Soffro saudades d'esse lar querido
Onde tranquilla me senti viver,
Choro essa quadra de um sonhar florido,
Não mais minh'alma a poderá rever !

Sou noiva ! amigas que gozaes ainda
D'essa existencia folgazan, feliz,
Adeus ! D'esta alma a confidencia finda.
Outros cuidados, dar-me a sorte quiz.

Mãi, que na vida o desvelado manto
De teus carinhos desdobraste em mim,
Da filha aceita agradecido canto,
Sou d'outro agora, Deus o quer assim !

Horas serenas d'essa quadra bella,
Brisas da tarde que fugis, adeus !
Cinge-me a fronte a virginal capella,
O véo da noiva confiou-me Deus.

LEMBRAS-TE ?

(B. PATO)

Lembras-te, Elisa, quando a face pallida
Da casta lua despontou no céu,
E dentro a balsa suspirada, e languida,
Mavioso canto o rouxignol rompeu ?

Naquella noite em que o perfume vivido
De matto agreste rescendia no ar,
Em que as estrellas fulguravam tímidas
Nas doidas ondas do esmeraldo mar !

Lembras-te, dize, quando tu mirando-me,
Com todo o fogo de infantil paixão,
Em voz sumida murmuravas : Amo-te !
E me apertavas decemente a mão ?

E que eu perdido de ventura olhando-te
Da meiga lua ao divinal fulgor,
Teu rosto d'anjo contemplava estatico.
Candida pomba de inspirado amor !

Nesse momento fervorosa supplica
Do intimo d'alma murmuraste a Deus,
Que amor, que encantos nos teus olhos humidos,
Quando os cravaste na amplidão dos céus !

Depois, sentada nos degrãos de marmore,
Sombra encantada, celestial visão,
Que meigas fallas proferiste tremula,
Que mil protestos me juaaste então !

Depois as rosas que animavam vividas
Teu bello rosto desmaiar eu vi,
E vaga sombra de tristeza subita
Cerrar-me forte o coração senti !

NO MAR

(GUALBERTO PEÇANHA)

Lembras-te quando te beijei o seio
N'aquelle enleio que de amor provém ?
Aquellas fallas que trocámos rindo,
Gozos sentidos—quem ouviu—ninguem ?

Lembras te, virgem, quando além—no mar,
Triste, a scismar—adormeci aos cantos
Que desprendias, contemplando a lua,
Que a fôrma tua desnudava encantos ?

Lembras-te quando ao desespero fitei-te,
Depois beijei-te a nacarada face ?
Que tu coraste ? mas porque tu coraste ?
Virgem julgaste meu enlevo audace ?

Lembras-te quando meu batel singrando
O pego brando, tu p'ra mim sorrias ?
Maquelle riso qu' é de amor a origem,
Me dize virgem, o qu'então dirias ?

Lembras-te quando se mostrou no céu
Alva, sem véo—a matutina estrellá,
Que tu dizeste com fallar de fada
« Oh ! luz sagrada—como tu és bella !

Se por acaso te recordas—flôr.
Do nosso amor, d'aquella noite emfim ;
Fita os teus olhos nos meus olhos—rindo
Um gozo infindo me faz ter n'um—sim.

A' LEONOR

(PINHEIRO CHAGAS)

Longe, bem longe, n'amplidão celeste
A estrella brilha, no brilhar seduz !
E o pastor geme sobre o monte agreste,
Cravando os olhos na adorada luz !

No serro altivo ergue-se a flôr vermelha,
Exhala aromas que não têm rival ;
Co'a debil aza a namorada abelha
Forceja embalde por se erguer do val !

Tu és a rosa que fragancia espira,
Eu sou a abelha que no val morreu !
Sou o pastor que ao ideal aspira,
Tu és a estrella que illumina o céu !

Estrella, segue a rutilante estrada !
Rescende aromas, orgulhosa flôr !
E oh ! nunca sonhes que assim fôste amada !
Oh ! nunca saibas que morri de amor !

LONGE DA PATRIA

(M...)

Longe da patria, nesse enlevo santo,
No doce encanto,—que nossa alma prende,
De ti me lembro no scismar da tarde,
Quando o sol arde,—quando o céu resplende ?

A' luz da chamma, que o fogão derrama,
Na dura cama—da macega em flôr,
Vens, doces sonhos, conduzir á mente,
Que por ti sente—da saudade a dôr !

Longe da patria, sobre a terra alheia
Meu peito anceia—de gemer cansado,
Ouvindo os echos sibillando a morte,
Chorando a sorte—do infeliz soldado !

Se eu visse as faces, que te dão, formosa,
Bem como a rosa—da bellezas o dom,
Eu esquecêra do martyrio as fezes
E muitas vezes— da bombardarda o som !

Longe da patria, no bater da bala,
Que horrida falla—pelos ares leve,
Quem ha, que traga na illusão da vida
Visão querida—que lhe aclare a treva ?

Quem ha que offerte, no calor da guerra,
Humida a terra—de sanguineo manto,
Da patria longe, na oração fluente,
Voto innocente—de amoroso pranto ?

Longe da patria não me lembram dias,
Que entre alegrias—destrutei sorrindo ;
Quem ha, que o seio não regalle aonde
O amor se esconde—no labor infindo ?

Só ella, a patria, que da virgem berço
Hoje submerso—na moral tristura,
Traz aos supiros, que a minh'alma entorna,
Sob a aza morna—a sensação mais pura !

Longe da patria, que o meu somno vela,
De ti nem della—não me esqueço, não ;
Ambas me inspiram, qual do sol a imagem,
Que dá coragem—sobre o altar pagão !

Oh ! Não me esqueço ! De teus l. bios inda
Eu gozo, oh ! linda, —de teu beijo o alento ;
Inda teus olhos sobre os meus vibrantes
Lembram instante—de feliz momento !

Longe da patria, do dever escravos
Hão de haver bravos— porém não de amor ;
Ali fenecem paternaes suspiros
Ao som dos tiros—e do audaz tambor !

Se na barraca, penetrando a lua
A face tua—descorada aponte,
Gozo a lembrança de rever-te pura
Quando a ventura—para mim desponte !

Longe da patria te adivinho encantos
Meigos e tantos—que o teu collo havia,
Que nessas horas de quebranto e enleio
Enches meu seio—de fatal poesia !

Quero abraçar-te, mas fugindoavas
Envolto em trevaas—teu sorrir, mulher ;
Procuro a sombra, que me foge, e vejo,
Que nem um beijo—me deixou sequer !

A'S SENHORAS FLUMINENSES

(M. DE ALMEIDA)

Lucidos astros dos salões brasileiros,
Bellas, mimosas e fragantes flôres :
Que ardentes olhos, de venturas avidos,
Podem fitar-vos, sem morrer de amores ? !

Alado bando de rolinhas timidas,
Cheias de meiga e divinal candura :
Quem não deseja acompanhar-vos, soffrego,
Aos vossos mundos de ideal ventura ? !

Anjos baixados do divino empyrio,
Para na terra dar consolo ao homem
Vós sois o doce e poderoso allivio
Das agonias, que e viver consomem !

Sem vós, o mundo era nm deserto inhospito ;
Um mar despido de gostosas calmas ;
Erma a natureza, sem sorrrios intimos ;
E sem belleza, que nos prenda as almas !

Bem vindas, pois, bue ao nossos humilde gremio,
Risonhas hraças, cõmo as graças lindas !
Junto de vós, o nosso calmo espirito,
Exalta cheio de impressões infindas !

Nos ambientes do salão, a musica,
Solta inspirada os seus prelúdios graves.
Eia ! por entre esses perfumes mágicos,
Correi ! voae ! ó peregrinas aves !

A vida é um sonho que perpassa rapido,
Como a alegria que fruimos hoje ;
E' como o rasto, cambiante e fulgido,
Do meteóro que apparece e foge.

Gozemos, pois, e que o prazer mais intimo,
Brilhe nos vossos juvenis semblantes ;
E possa o gozo, desterrar a mágoa,
Que nos tortura os corações ovantes !

E quando a orchéstra desprender as ultimas
Notas suaves de um adeos sentido ;
Dos nossos labios, soluçosos, tremulos,
Haveis de ouvir este final pedido :

Guardae nos seios, amorosos, candidos.
A nossa humilde saudação fraterna :
Bem como a nossa gratidão purissima,
Guarda de vós, uma saudade eterna !

GUALBERTO PEÇANHA

(OLIVEIRA BASTOS)

Mais uma estrella se apagou no espaço !
Mais uma lyra se partio, quebrou !
Mais um poeta, que prostrado e lasso,
De carpir tanto, succumbio, tombou !...

Foi mais um genio, que veloz, fugace,
Deixou o mundo ; succumbio cantando ;
Foi um meteoro, que escondendo a face
Cedo sumio-se, para os céos voando !

Foi peregrino, que ás sandalias suas
O pó da terra, sacudio sorrindo,
E as mãos já frias, congeladas, núas,
Nos revelarão que já estava findo.

Findo o supplicio d'essa nobre alma,
Que em louco anseio, a soluçar morreu !
— Vivo — ganhára, de — poeta — a palma !
— Morto — quem sabe ? !... talvez tenha o céu !

Dorme, poeta. que brilhaste tanto !
Dorme, mancebo, no soffrer, irmão,
Do pobre bardo que te dá seu pranto
Nestes harpejos, que soluços são ! ...

Athleta ! basta, que a tarefa é finda !
Irmão ! aceita esses soluços meus ! ...
Eu que na terra me demoro ainda,
A ti envio um derradeiro adeus.

MINH'ALMA E' TRISTE

(CASIMIRO DE ABREU)

Minh'alma é triste como a rôla afflicta
Que o bosque acorda desde o albôr da aurora,
E em doce arrulo, que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla, que perdeu o esposo,
Minh'alma chora as illusões perdidas,
E no seu livro de fanado gozo
Relê as folhas que já forão lidas.

E como notas de chorosa endeixa
Seu pobre canto com a dôr desmaia,
E seus gemidos são iguacs á queixa
Que a vaga solta quando beija praia.

Como a criança que banhada em prantos
Procura o brinco que levou-lhe o rio,
Minh'alma quer, ressuscitar nos cantos
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gozos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste,
Ou só no campo, ou no rumor das salas,
Não sei porque, mas a minh'alma é triste !

O DESEJO

(P. DE CALAZANS)

Mulher, és bella qual não sei pintar-te !
Só sei amar-te, e como eu sei ninguem !
Typo sublime de apurado gosto
N'alma e no rosto, no sorrir tambem !

Dessa cadeia em que se liga o bello,
Tu foste o élo mais perfeito, oh ! sim !
Como que em prova do requinte d'arte
Quiz Deus formar-te—tão formosa assim.

Humidos labios de accender desejos,
Provocão beijos de paixão infinda ;
Que amenidade d'expressão tem ella !
Oh ! como é bella, seductora e linda !

Na sala ostenta caprichosas ondas,
Fórmãs redondas do corpinho leve ;
Quanta nobreza, que pisar sereno !
Que pé pequeno... que cintura breve !

E as mãos macias, setinosas, puras...
Tranças escuras, fronte veneranda,
Collo de cysne, voz sonora e doce,
Como se fosse uma harmonia branda !

E aquelle agrado, que por ti resume
Todo o perfume da mulher moral,
E' como o iman que seduz a gente,
Philtro innocente, que não tem igual.

Eu que a idolatro, com fervor sincero,
Nada mais quero que em silencio a amar ;
No tabernac'lo de meu peito occulto,
Votei-lhe um culto—verdadeiro altar !

E por ventura, se a ambição cegar-me
Não vou prostrar-me a importunal-a, não ;
Já peço muito, se disser : —desejo
Depôr um beijo na mimosa mão.

EMBALDE

(GERMANO DA COSTA)

Mulher, já viste na aridez de um peito,
Que o sol ardente do pensar crestou,
Brotar ainda com virentes galas
A pobre planta que o descrer murchou ?

Ai ! não, que o galho, no passar do vento,
Lascou do tronco, que morreu tambem,
As folhas seccas d'esperanças mortas
Nem as caricias do favonio têm...

Assim, qual planta que o tufão inclina,
Jámais revive seu passado em flôr !
Assim embalde de meu peito virgem
Queres anhélos do passado ardôr !

Queres que mintas ? que te finja ?... Queres ;
Embaldes pedes, o fingir é teu !...
Quebrei o prisma de illusões douradas
A flôr dest'alma que a sorrir morreu !

Mas não és bella ... e a belleza é ara
Que o mundo incensa com feivor mentido,
Dar-te-hão preces, muitas flóres, risos,
Suspiros ternos, que não dou—descrido !

Não ; que eu não posso te offertar os thronos
Que partem d'alma... já outr'ora os dei,
Sublimes crenças que creei em sonhos
Fugiram todas com a mulher que amei ! ...

NÃO FOI DEBALDE

(PIETRO DE CASTELLAMARE)

Não foi debalde que te deu o Eterno
Rosto de santa que merece altares,
O riso doce, feiticeiro e terno,
Scentelha ardente nos gentis olhares !

Não foi debalde, que esquecendo a norma,
Modelos lindos da terrena imagem,
Elle esmerou-se te doando a fôrma
De um ser eterno, divinal miragem.

Se a mãe do Eterno deu-te mil primores,
Irmã dos anjos, nos prodigios tantos,
Deu-te dos anjos a missão de amores,
E o dom sublime de enxugar os prantos !

Não contraries a missão divina
Preceito santo que do céo te veio ;
A lei suave que o amor ensina
Abre amorosa o delicado seio !

Ai, não resistás a vontade santa !
Quebra esse encanto que te faz esquiva,
Minh'alma é fonte de ternura tanta,
Ella suspira a teus pés captiva !

Eu duvidára que insensível fosse
Teu peito isento, que nem bate até...
Se tu soubesses como amor é doce,
Se tu soubesses meu amor como é !...

NÃO SEI MAS SEI

(FELICIANO LEITÃO)

Não sei dizer-te quanto tenho n'alma,
Nem sei contar-te quanto soffro e sinto ;
Mas sei que vivo, que te prézo e muito,
Sei que em meus sonhos teu amor presinto.

Não sei fallar-te n'um fallar de amores,
Nem sei expôr-te o anhelar do peito ;
Mas sei mostrar-te meus laureis de gloria,
Sei que a teus rogos vivirei sujeito.

Não sei se a sorte mudará meu fado,
Nem sei se a vida me será risonha ;
Mas sei que embora do porvir descreia
Minh'alma é linda, se contigo sonha.

Não sei se a brisa me trará perfumes,
Nem sei se a lua de meu céu não dista ;
Mas sei que a aurora para mim desponta
Quando minh'alma teu semblante avista.

Não sei se ha flôres no existir de infante,
Nem sei se ha fructos na estação de amores ;
Mas sei que existem sobre um chão d'espinhos
Meus cinco lustros de continuas dôres.

Não sei se ha risos quando um peito soffre,
Nem sei se ha prantos quando amor se goza ;
Mas sei que ás vezes, de prazer vestido,
Meu peito o luto sem querer despósa.

Não sei dizer-te o que tenho n'alma,
Nem sei contar-te quanto soffro e sinto ;
Mas sei que vivo, que te prézo e muito,
Sei que em meus sonhos teu amor presinto.

FOLHA EM BRANCO

(T. DE M.)

Não vês ?... é noite !... sobre a cruz alçada
O mocho geme seu gemer de dôres ;
A lua fulge no sidereo espaço,
A brisa passa namorando as flôres.

A mansa ondina vem lambendo arêa
Beijar a concha que ao luar alveja ;
O pyrilampo seu pharol accende,
Zumbe o insecto que no ar adeja.

Por entre os leques da palmeira esguia
Perpassa a brisa soluçando amores ;
O brando arroio se desliza rente
Da verde relva das viçosas flôres.

No liso espelho de sedosa limpha
Reflecte a lua seu gentil semblante ;
Em frouxo leito de roupagens alvas
A virgem dorme n'um sonhar constante.

Dorme a creança ao maternal bafejo,
Dorme a rolinha que seu ninho acabou ;
E só não dorme na minh'alma afflicta
Meiga lembrança que de ti ficou.

Não vês ?... é noite !... sobre a cruz alçada
O mocho gemé sem gemer de dôres ;
A lua fulge no sidereo espaço,
Na terra fulges suspirando amôres,

Vem, Mariétta de meus sonhos vagos,
Mulher que crêa minhas noites bellas ;
Lança teus olhos n'amplidão celeste,
Por mim te chamão turbilhões d'estrellas.

E' noite !... deixa qu'em teu seio ardente
A fronte aqueça tão gelada assim :
Sorvendo os beijos de teus labios mornos,
Eu ebrio durmo, n'um dormir sem fim !...

NAS HORAS LONGAS

(XAVIER DE NOVAES)

Nas horas longas de uma tarde amena
Minh'alma pena por fatal tributo ;
E tantas magoas que meu peito encerra,
Ninguem na terra me pranteia o luto.

Perdi a infancia e com ella a crença
Na luta immensa de um soffrer de horror ;
E pouco e pouco vou perdendo a vida,
Triste, abatida, qual a murcha flôr.

E tantas glorias que eu sonhei, criança,
Tanta esperança que occultei nest'alma ;
Hoje nem sonhos de illusão de amor,
Nem murcha flôr de singela palma.

Oh ! Deus eterno, e eu vivo ainda,
Vergonha infinda para um pai trahido ;
Vergonha, opprobrio de um viver impuro,
Negro futuro de um pensar perdido.

Para que vivo ? Para ver-te um dia
Pallida e fria me estendendo a mão,
Cortindo as dôres que as entranhas corta,
De porta em porta mendigando o pão.

Neste silencio que a noite encobre,
Tranquillo dorme quem me faz penar ;
E' esse o monstro seductor vaidoso
Que vida e gozo quiz de mim roubar.

Depois a campa e o esquecimento,
Nem um lamento sobre o leito eterno,
Nem um suspiro, nem uma oração,
O' maldição ! maldição do inferno !

O CAIXEIRO

(FERREIRA NEVES)

No afan continuo da brutal carreira
Cumpre o caixeiro seu destino vil,
Da mocidade as vicejantes flôres
Todas se trocam por espinhos mil.

Do leito se ergue quando mal desponta,
Ainda frouxa, a matutina luz !
O dia passa sem fruir descanso,
Gemendo ao peso da pesada cruz.

Se elle professa sentimentos nobres
Nunca do—nada—sahirá então ;
Pois não se pôde em semelhante vida
Da sã virtude possuir brasão !

Firme no posto que o dever lhe marca,
Sujeita á incerta, caprichosa lei,
Passa o coitado a mocidade toda
Soffrendo cousas que dizer não sei !

Tratado sempre com feroz desprezo,
A tudo attende sem a voz erguer,
Porque se falla, se repelle insultos,
Incontinenti vai á rua ter !

Não se diverte, não frequenta bailes ;
E' criminoso se ao theatro vai !
Se tem parentes que bem perto morem,
Nem por descuido a visital-os sai !

Quando namora, receioso vive...
Teme se saiba da voraz paixão,
Porque, aos olhos do patrão altivo,
Amor é crime que não temo perdão!

Passam-se mezes no trabalho insano;
Nem um domingo de folgança tem!
Tem conhecidos, mas amigos certos
Poucos encontra que lhe queiram bem...

As algibeiras, que andam sempre *leves*,
Só veem dinheiro quando finda o *mez*!
E o que recebe nem ao menos chega
Para as despesas que comsigo fez.

Ao sapateiro quasi sempre deve...
O alfaiate sempre lhe é credor...
A lavadeira, lá de vez em quando,
Manda-lhe cartas *que não são de amor!*

Por mais que faça, seu viver não muda;
Não deixa nunca de soffrer assim...
Todos lhe dizem: « Sé prudente, espera,
Tem paciencia e chegarás ao fim... »

E na esperança a mocidade passa,
Sujeito sempre á rigorosa lei!
Vem a velhice, e continúa ainda
Soffrendo cousas que dizer não sei!

VEM, MORENA!...

(GUALBERTO PEÇANHA)

Oh ! vem, morena, que te chama o bardo
Humilde escravo de teu mago olhar ;
Quero em teu seio reclinar a fronte
Quero em teu seio adormecer—sonhar,

Vem, serás minha, minha só, morena,
Por quem no mundo existirei de amôres,
Serás a imagem a me dourar os sonhos,
Serás um anjo a mitijar-me as dôres.

Oh ! vem, morena, não vacilles, vem.
Quero em meus braços t'estreitar—fremente,
Serás a minha Malibrán formosa,
Por quem a vida ofertarei contente.

Vem... que me importa deste mundo as fallas
Se tu me adoras, se eu também te adoro,
Se acaso folgas, sou contente ao vêr-te
Se tu padeces também soffro—choro.

Oh ! vem, morena, esqueçamos tudo,
Habituaremos da floresta em meio ;
Quando dormires vellarei teu somno,
De lindas flores cobrirei teu seio.

Lá viveremos qual no céu es anjos,
Fruentes arv'res nos darão abrigo ;
E quando a aurora despontar risonha
O sabiá conversará contigo.

Oh! vem, morena, na soidão das mattas
Olvidaremos deste mundo as galas ;
Existiremos um p'ra o outro—apenas
Trocando mutuas—amorosas fallas.

Nada receies, vem fruir commigo,
Que te idolatro—um existir de flôres,
Longe das turbas—tudo são delicias,
Longe das turbas não existem dores.

Oh vem, morena ; gozaremos juntos
Este amor santo, abençoado e puro ;
Serás meu anjo tutelar na vida,
Mesmo além—tumulo te amarei—eu juro.

O OLHAR DA VIRGEM (*)

(ED. VILLAS BOAS)

O olhar da virgem é tão puro e lindo
Qual raio infindo de brilhante luz ;
Reflecte a santa candidez da alma
E a doce calma que lhe banha a flux.

O olhar da virgem santamente amada
E' madrugada de gentil luar ;
E' a innocencia trescalando odôres,
Brisa que ás flôres vai frescura dar.

(*) Tem musica propria pelo Sr. Raphael
Coelho Machado.

O olhar da virgem é um lago ameno.
 Que o céu sereno retratou gentil;
 E' livro d'alma que por Deus aberto
 Não tem inserto um pensamento vil.

O olhar da virgem fulgurante brilha,
 Se ella só trilha da candura a senda;
 Mas transviada por amor immundo,
 Quem ha no mundo que o fulgor lhe accenda?

Ninguem: — que o fogo desse olhar tão terno
 Foi o Eterno quem pureza deu;
 Perdida ella n'um fatal delirio....
 Murcha-se o lyrio que o candôr perdeu.

IDYLIOS

(CARLOS FERREIRA)

Os anjos loiros que despertão lédos
 Da fresca aurora ao divinál fulgor.
 Vão pelos campos murmurando alegres:
 — Bom dia, ó rosas, que viveis de amor! —

Das mornas brisas nas cantigas tremulas
 O som fluctúa de um subtil anhélo;
 Soluça a brisa — como é doce a tarde!
 Murmura a tarde — como o amor é bello! —

Pela folhagem das roseiras humidas
 Doudeja alegre a borboleta azul,
 Desfaz-se em queixas o regato occulto,
 Fallão baixinho as virações do sul.

Já canta ao longe o sabiá das mattas,
 E a flôr da aurora desatando os seios
 Desperta a chamma das paixões que dormem,
 Inunda as fronte de febris anceios.

Rompe um idylio em cada som que passa,
 Vive um idylio em cada rubra flor...
 Murmura a brisa — como o sol graude !
 E o sol medita — como é vasto o amor !...

A' sombra intensa do copado bosque
 Feliz cantando a camponeza vae,
 Cae uma flôr sobre os cabellos d'ella
 Bem como um beijo que dos labios cae !...

— Além... ao longe, nas montanhas verdes,
 O sol sacode a cabelleira ardente,
 Geme sentida a jurity saudosa,
 Treme convulso o laranjal dormente.

De uns labios puros na gentil corolla
 Rasga um sorriso o purpurino véo...
 E o céo murmura : — como é bella a virgem !
 Responde a virgem : — como é grande o céo !

Ao som das brisas festivaes que adejão
 Loucas, em busca das miragens bellas,
 Dizem as rosas : — como é linda a moça !
 E a moça exclama : como eu gósto d'ellas !

Por entre as bellas, matutinas pompas
 De um banho de oiro se levanta o sol,
 — Sonho de luz que a referver transborda
 Do seio ardente de gentil crysol !...

Canta o arroio no tranquillo bosque,
 Zumbe o insecto, a viração adeja...
 Sol e perfume, harmonia e sombras
 E um leve sonho que subtil nos beija...
 Treme um idylio em cada som que passa,
 Canta um idylio em cada rubra flor...
 Nasce da luz do firmamente — o sonho,
 Solta do sonho um firmamento — o amor!...
 Em bando alegre as borbo'etas brancas
 Passão no campo em festival cortejo,
 De cada rosa se desata um labio,
 Em cada abio se desata um beijo!
 Deos enche o espaço... Do horizonte vasto
 Fluctúa immenso o scintillante véo,
 E o céu envolve toda a terra em luzes,
 E a terra inunda de perfume o céu!
 Então se abrem do infinito os seios,
 Se auroras tombão dos olhares seus,
 Nasce do raio de um sorriso — a crença.
 Rompe da chamma de uma crença — Deus!

A PUPILLA (*)

(G. DA SILVEIRA)

— Ouves meu canto, minha voz plangente,
 Pomba innocente, divinal mulher?
 Olha, não posso caminhar avante!
 Esse tratante d'esse cão... não quer!

(*) Parodia da «Judia.

Dorme ? pois dorme : ficarei velando
E em ti pensando... como penso em mim !
Dorme ! repousa ! recupera alento
Que eu conto ao vento quanto sinto emfim !

Anjo dos anjos ! resplendente norte !
Em quanto a morte me deixar viver...:
Hei de seguir-te como um cão de filla,
Rica pupilla. — Não tem mais que vêr !

D'onde viéste ? em que paiz andaste ?
Onde deixaste teu querido pai ?
No Porto ? em Braga ? em Macacú ? na China ?
Pobre menina ! que tormento ! — ai ! ai !

Harpa sem cordas que no mundo vagas
Longe das plagas onde viste a luz,
Ave sem ninho, suspirosa pomba !
Sobre quem tomba tão pesada cruz !...

Herdeira rica de um peculio immenso,
No qual eu penso — quando penso em ti,
Foge commigo ; vamos vêr o mundo !
Deixa o profundo lodaçal d'aqui !

Porque motivo has de ficar solteira
Tu, que és herdeira de peculio tal ?
Casa commigo ; divinal donzella,
Deixa a tutetla que parece mal !

Meu cavaquinho ! porque choras tanto ?
Canto ! meu canto ! — vou perdendo a voz !...
E' praga ! é praga, companheiro vamos,
Prestes fujamos d'esse cão feroz !

Ladra, maldicto ladrador do inferno !
Trifauce eterno acorrendo ahi !
Ladra — Barreira— que me impede um gozo
Ladra, tinhoso ! que eu não fico aqui.

OS OLHOS D'ELLA

(A. J. DE SOUZA)

Os olhos d'*ella*, de fulgor divino
São dous pharóes a reflectirem n'alma,
São vivos cirios d'um brilhar sem fim
Luz que deslumbra de meu peito a calma.

Os olhos d'*ella* são estrellas puras
A indicarem da ventura o trilho
São fogos d'alma que ao brilhar desfazem
Os gelos d'alma no mais leve brilho.

Os olhos d'*ella* a desferirem chammas
São quaes de Phebo destacados raios,
Banha-se o peito no calor que emanão
A exprimirem juvenis desmaios.

Os olhos d'*ella* são de amor as armas
Que da rasão o predomínio tolhem,
Que livres pulsos traiçoeiros prendem
Que n'um lanipejo mil triumphos colhem.

Os olhos d'*ella* têm minha alma presa ;
A luz me foge se seu orilho vejo ;
Vacillo, tremo, titubeio, morro
N'um gemer louco, n'um tenaz almejo.

Os olhos d'*ella* são a luz que espelle
A negra nevoa que me tolda a vida
Falta-me a luz que nos seus olhos brilha
Minh'alma triste morrerá descrida.

REVELAÇÃO DE AMOR

(MANOEL DE ALMEIDA)

Ouve e attende á fervorosa supplica,
Que venho humillimo a teus pés depôr ;
Ouve-a, que é um hymno mavioso candido,
Que te revéla o mais ardente amôr !

Ouve e soletra esse fragmento intimo,
Filho da crença, que em minh'alma existe ;
Depois verás que o meu futuro prospero
De ti depende e só em ti consiste.

Anjo ! mulher ! ou criação phantastica,
A quem minh'alma e coração vendi :
Eis-me curvado, delirante e supplice,
De amor, um sorriso, a implorar de ti.

Amo-te mnito, minha pomba ingenua,
Amo-te, e sinto, no pulsar do peito,
De uma paixão dominadora e fervida
O mais sublime e poderoso effeito !...

Amo-te e creio, peregrina sylphide,
Quando se encontra o meu olhar com o teo,
Que és tu a imagem seductura e timida
Que em aureos sonhos me apontava o céo.

E's tu, que o leio neste rosto angelico,
Nos teus sorrisos, na cintura breve ;
Nas lindas curvas dos teus seios tumidos
E nesse collo da mais pura neve !

E's tu, que o leio nessa fronte esplendida,
Nas longas tranças, no sereno andar ;
No porte grave e nessa voz suavissima,
E na volupia do teu doce olhar!....

E's tu, e emfim, dessa medonha duvida,
Que me cobria de cruel receio,
Oh ! jámais temo que o seu manto funebre
Ensombre a luz que me irradia o seio.

Resta-me agora dos teus rubros labios
Ouvir-te alegre murmurar um—*sim* ;
Depois, risonho, delirante e rapido,
Voar nos solos da poesia ao fim.

Desprende, pois, as tuas azas niveas,
Quero contigo remontar-me aos ares ;
Quero embalar-te nas regiões esphericas
Ao som de ignotos e gentis cantares!...

Quero. distante deste mundo vário,
Onde não chegue o seu feroz rumor,
Comtigo, ó anje, arrebatado em extasi,
Morrer, sentir e delirar de amôr!...

PALLIDA ESTATUA

(?)

Pallida estatua, coração sublime,
Já não me opprime teu cruel desdem :
Findou-se o drama desse amor de outor'ra,
Pois sei agora desprezar também !

Amei-te muito, te daria a vida,
Embora ungida de descrença e dôr ;
Sim, era um culto de crueis martyrios,
Eram delirios...era mais que amor !

Anjo nevado de fulgentes azas,
Já não me abrazas entre o meigo olhar !
Teu falso brilho não me enleia e prende,
Sorri-te, esplende, que eu não sei te amar !

Arrasta a cauda do vestido aos loucos,
Que vão aos poucos te cair aos pés !
Fascina-os todos com sorrisos ternos,
Dá-lhe os infêrnos dos desdens crueis !

Já não te amo!... tenho a fronte altiva,
Não sou convivo de um festim d'enganos :
Depois das luctas da paixão immensa,
Volta-me a crença do verdor dos annos !

Pallida estatua de um cinzel de mestre,
Porque me déste tanto fel e dôr ?
Prestei-te um culto dedicado e santo,
Só tive o pranto por tão louco amor !

Foi um poema !.. perfumado sonho
 Doce, risonho, que passou fugaz !
 Hoje acabou-se esse amoroso enleio...
 Morreu no meio dos desdens fataes !

Pallida estatua, que candura exprime,
 Astro sublime que baixou dos céus ;
 Findou-se o drama desse amor de outr'ora
 Adeus, senhora... para sempre adeus.

MAGOA E SAUDADE

(UM NICTHEROYENSE)

Pallido o rôsto, sobre a mão mimosa
 Vejo a saudosa, succumbindo á dôr ;
 Sua alma apraz-se na agonia lenta.
 Que mais lhe augmenta um desgraçado amôr.

Longe, bem longe, no scismar ancioso,
 Busca o ditoso, a quem outr'ora amou,
 E que, sem alma, desprezando prantos,
 Laços tão santos, sem pezar quebrou :

—Porque sem dô, espadeçaste os sonhos
 Meigos, risonhos de tão puro amor ?
 Porque trouxeste em apparencia calma,
 A morte d'alma á mais *bella flôr* ?

« Dize-me : acaso não choraste ao vê-la
 Tão triste e bella na fatal mudez ?
 E sem piedade a tão leaes extremos,
 Disseste : amemos ! a sorrir, talvez ?

« Dize-me : acaso mereceste a chamma
 Que inda inflâmma o seu ardente olhar?
 Dize-me : acaso mereceste os prantos
 E os lindos cantos de quem soube amar ? »

« Maldicto aquelle que murchou a rosa,
 Pura, mimosa, de celestes alvor !
 Maldicto aquelle que zombou da crença
 Unica, immensa, do mais douto amôr ! »

 LELIA

(ALVARES DE AZEVEDO)

Passou talvez ao alvejar da lua
 Como incerta visão na face fria :
 Mas o vento do mar não escutou-lhe
 Uma voz a seu Deus !... ella não cria !

Uma noite aos murmurios do piano
 Pallida misturou um canto aerio...
 Parecia de amor tremer-lhe a viva
 Revelando nos labios um martyrio !

Porém quando expirou a voz nos labios
 Ergueu sem pranto a fronte descorada,
 Passou a fria mão no seio immovel
 Sentou-se no divan... sempre gelada !

Pousou talvez do cemiterio á sombra
 Mas nunca n'uma cruz deixou seu ramo ;
 Ninguem se lembra de lhe ter ouvido
 N'uma febre de amor dizer : — eu amo !

Não chora por ninguém... e quando á noite
Lhe beija o somno as palpebras sombrias,
Não procura seu anjo á cabeceira
E não tem orações, mas ironias !

Nunca na terra uma alma de poeta
Chorosa, palpitante e gemebunda
Achou n'essa mulher um hymno d'alma
E uma flôr para a fronte moribunda.

Lyra sem cordas não vibrou d'enlevo :
As notas puras da paixão ignora,
Não teve nunca n'alma adormecida
O fogo que inebria e que devora !

Descrê. Derrama fel em cada riso —
Alma esteril não sonha uma utopia...
Anjo maldito salpicou veneno
Nos labios que tressuão de ironia.

E' formosa, como tudo. Ha n'essa imagem
No silencio da estatua alabastrina
Como um anjo perdido que resumbra
Nos olhos negros da mulher divina.

Ha n'esse ardente olhar que gela e vibra,
Na voz que faz tremer e que apaixonava
O genio de Satan que transverbera,
E o langor pensativo da Madona !

E' formosa meu Deus ! desde que a vi
Na minh'alma suspira a sombra d'ella,
E sinto que podiã n'essa vida
N'um seu languideo lhar morrer por ella.

BRANCA ROSA

(L. GUIMARÃES JUNIOR)

Pendendo a frente virginal, formosa,
Tremendo toda de infantil receio,
Ella deixou em minhas mãos a rosa
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

E disse, enquanto o peito seu gemia
Partido em ancias de amargura e dôr :
— « Se desprezares meu amor um dia,
Respeita ao menos esta pobre flôr. »

Daquella noite de emoções e festa
Daquelle instante de virgineo enleio,
Só esta morta e secca flôr me resta,
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

Quando minh'alma na feral voragem
Do mundo luta em delirante anseio,
Sabeis acaso quem me dá coragem?
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

E quando ás vezes minha boca anciosa
Beija a—lembrança—que me faz chorar,
Sinto entre as folhas da finada rosa
Um labio ardente os labios meus beijar.

E d'entre as cinzas da corolla fria
Sahe um gemido de amargura e dôr :
— « Se desprezares meu amor um dia
Respeita ao menos esta pobre flôr. »

Por ella esqueço o labutar profundo :
 Por ella o facho da esperança ateio :
 E' mais que a vida e vale mais que 'o mundo
 A branca rosa que adornou-se o seio !

Oh ! murcha rosa, cada vez mais bella,
 Que tanta força e tanta luz me dás,
 Tiveste o berço no regaço della
 E a sepultura junto ao meu terás !

Assim. se Deus arrebatat-me à vida
 Dizendo o Anjo ceifador : — colhei-o !
 Plante na terra que me dêr guarida
 A branca rosa que adornou-lhe o seio !

PERDÃO

(NOVAES)

Perdão, Elvira, se um momento, louco,
 Eu pude um pouce duvidar de ti !
 Perdão, Elvira !... Não duvido... creio...
 Longe o receio que a sonhar senti !...

Ah ! sim... foi sonho... que tambem desperto
 Vem sonho incerto perturbar-me assim,
 Quando, eu te vendo, para mim és tudo
 E, inerte e mudo, nem eu sei de mim.

Então contemplo teu mimoso vulto,
 Presto-lhe o culto de um ardente amor ;
 E emfim, se acórdo... se na vida scismo...
 Caio no abysmo da mais negra dôr !...

Foi d'esse enleio n'um ditoso instante,
Que eu, delirante (nem pensava então !)
Absorto a vêr-te, por te vêr perdido,
Fiz-te um pedido... tu disseste : — Não !...

Justo castigo !... com razão condemnas !...
N'um—sim—apenas, prometteste amar ;
E labios de anjos como os teus, Elvira,
Nunca a mentira poderá manchar !

Disseste ; « Eu amo-te, » e essa voz sonora,
Doce, inda agora, nos ouvidos meus,
Tinha a barmonia d'uma divina,
Que ao mundo ensina viva crença em Deus !

Disse-te, louco : — Minha Elvira, jura !...
E essa alma pura vi soltar-se em ais,
Cego eu não via no feliz momento
Que um juramento não valia mais !...

Ah ! não, não jures !... que eu não quero tanto
Dil-o este pranto, que o remorso traz,
Eu sei que um voto que fizeste um dia,
Dar-me devia venturosa paz !...

Eu creio !... Eu creio nesse amor ardente,
Por ti, sómente, saberei soffrer...
Se um dia a sorte me roubar o gozo,
Longe: saudoso saberei morrer !

PERDAO

(SALASAR SANCHES)

Perdôa, oh virgem, se te amei sonhando,
Se, despertando, mendiguei-te um riso ;
Perdôa, oh virgem, se nos meus amores,
Bem como as flôres desmaiei conciso...

Perdôa, oh ! deosa, se os meus delirios,
A' luz dos cyrios profanei-te o peijo ;
Perdôa, oh ! deosa, se n'um louco anceio
Beijei-te o seio, supliquei-te um beijo !

Perdô, oh ! santa, se por ti, convulsa,
No peito pulsa destemida veia ;
Perdôa, oh ! santa, quanto mais s'inflamma
De amor a chamma mais voraz se ateia !

Perdôa, archanjo, se te fui ousado,
Em ter fallado n'esse amor tão cedo ;
Perdôa, archanjo,—por tuas virgens c'roas,
Se me perdôas—guardarei segredo !

Perdão, senhora ! — teus olhares sérios
Só têm mysterios, que me causão damno ;
Perdão, senhora ! se me vires triste,
A dôr consiste n'um fatal engano.

Deixa, donzella, reparar meu erro,
N'este desterro derramar meu pranto ;
Deixa que ao menos em queixosa endeixa,
Lamente a queixa, que opprime tanto.

Consente, virgem, que na pyra ardente
 Eu vá demente me queimar em vida,
 Então na tumba, já depois de morto,
 Terei conforto da tyranna lida !

E lá, sósinho, passarei contente,
 Eternamente esquecerei o mundo ;
 Meu pobre peito de te amar cansado,
 Lá sem cuidado dormirá profundo !...

E eu só te peço que me vás um dia
 Na lousa fria desfolhar-me um cravo
 E lá, meu anjo—murmurar curvado : —
 « Morreu ! coitado, de meu peito escravo !...

POBRE CRIANÇA

(C. DE ABREU)

Pobre criança que te affliges tanto
 Porque sou triste e se chorar me vês,
 E que horrifas com teu doce pranto
 Meus pobres hymnos se.n calor, talvez.

Deus te abençõe, cherubim formoso,
 Branca açucena que o paul brotou !
 Teu pranto é gotta de celeste gozo
 Na ulcera ulcera funda que ninguem curou.

Pallido e mudo e do caminho em meio
 Sentei-me á sombra soffredor e só !
 Do choro a baga humedeceu-me o seio,
 Da estrada a gente me cobriu de pó !

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endeixas, doloridos ais...
E a turba andava ! Só de vez em quando
Languido rosto se volvia atraz !

E louca a turba que passou sorrindo
Julgava um hymno o que eu chamava um aí !
Alguem murmura :—Como o canto é lindo !—
Sorri-se um pouco e caminhando vai !

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou !
Teu pranto é gotta que mitiga as dôres
De ulcera funda que ninguem curou !

Ha na minh'alma alguma cousa vago,
Desejos, ancias, que explicar não sei :
Talvez—desejos—d'algum lindo lago,
— Ancias — d'um mundo com que já sonhei ...

E eu soffro, oh anjo, na cruel vigilia
O pensamento inda redobra a dôr
E passa linda do meu sonho a filha
Soltas as tranças a morrer de amor !

E louco a sigo por desertos mares,
Por doces veigas, por um céu de azul ;
Pouso com ella nos gentis palmares,
A' beira d'aguas nos vergeis do sul ! ...

E a virgem foge... e a visão se perde
Por outros climas n'outro céu de luz ;
E eu — desperto do meu sonho verde —
Acordo e choro carregando a cruz !

Pobre poeta ! na manhã da vida
Nem flôres tenho, nem prazer também !
— Rôto mendigo que não tem guarida —
Timido espreito quando a noite vem !

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou !
Teu doce pranto me acalenta as dôres,
Da ulcera funda ninguem curou !

A minha vida era areal despido
De relva e flôr, e na estação louçã !
Tu foste o lirio que nasceu, querido,
Entre a neblina de gentil manhã.

Em ondas mortas meu batel dormia,
Chorava o panno á viração subtil,
Mas veio o vento no correr do dia
E, leve, o bote resvalou no anil.

Eu era a flôr do escalavrado galho
Que a tempestade no passar quebrou ;
Tu foste a gotta do bemdito orvalho
E a flôr pendida a reviver tornou.

Teu rosto puro restitue-me a calma,
Ergue-me as crenças, que já vejo em pé ;
E teus olhares me derramão n'alma
Doces consolos e orações da fé.

Não serei triste ; se te ouvir a falla
Tremo e palpito como treme o mar ;
E a nota doce que teu labio exhala
Virá sentida ao coração parar.

Suspense e mudo no mais casto enlevo
Direi meus hymnos c'os suspiros' teus,
E a ti, meu anjo a quem a vida devo
Hei de adorar-te como adoro a Deus!

NOCTURNO

(LOBO DA COSTA)

Pois bem, sonhemos ; vai a noite em meio !
Da serenata a melodia expira...
Deita a cabeça no meu frio seio,
Hei de emballar-te a suspirar na lyra.

A lua esconde-se a tremer saudosa,
Qual branca onda no areal do céu ;
E sopra o vento... Que luar de rosa !
E o mar resôna... que dormir sem véo !

Magica fada de meus sonhos ! Graça !
Como és divina a meditar tristonha !
Quem te ouve as fallas... suspirando passa,
Quem vêr-te passa a imaginar que sonha.

Oh ! quando a neve de teus cilios castos
Chove nas chammas de um gracioso olhar
— Rolão poemas a teus pés, de rastos,
Beijão-se as flôres... e sorri-se o mar !

Si tu souberas que fulgor transpira,
No teu roupão no transparente véo !
Si tu souberas com que sons da lyra,
Em quanto dormes te conduz ao céu !

Oh ! despertáras... despertáras rindo,
Abrindo os seios aos accordes meus :
Pomba nevada, que a tremer dormindo,
O arrulo ensaios na mansão de Deus !

Pois bem, sonhemos ; não despertes, dorme,
Que a noite rola no infinito azul.
— Aqui, debate-se um tormento enorme,
Além—suspira a viração do sul...

Como os nevoeiros que fluctuão lentos.
Sobre as escarpas de funereo abrigo,
— Os teus cabellos voaráõ aos ventos,
Os teus suspiros ficarão comigo.

E quando um beijo te fugir da bocca,
Qual da crysalida transparente insecto,
— Hei de saciar-me desta sêde louca ..
— Hei de afogar-me em teu cabello preto !

Não tenhas medo. A venenosa abelha
Da sociedade não trará baldões ;
Aqui apenas o luar se espelha,
E o mar suspira juvenis canções ..

Dorme aos accordes de minh'arpa rude...
— Dous anjos vélam da entrevista a flôr ;
Um, que em tu'alma se chamou : Virtude !
Outro em meu peito que se chama : Amor !

HEBRÉA

(CASTRO ALVES)

Bomba d'esperança sobre um mar de escolhos !
Lirio do valle oriental, brilhante !
Estrella vesper do pastor errante !
Ramo de murta a roscender cheirosa !

Tu és, ó filha de Israel formosa...
Tu és, ó linda, seductora Hebréa...
Pallida rosa da infeliz Judéa
Sem ter o orvalho, que do céo deriva !

Porque descoras, quando a tarde esquiva
Mira-se triste sobre o azul das vagas !
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina ?

Sonhas acaso, quando o sol declina,
A terra santa do oriente immenso ?
E as caravanas no deserto extenso ?
E os pegureiros da palmeira á sombra ? !...

Sim, fôra bello na relvosa alfombra,
Junto da fronte, onde Rachel gemêra,
Viver contigo qual Jacob vivêra
Guiando escravo teu feliz rebanho...

Depois nas aguas de cheiroso banho
— Como Suzanna a estremecer de frio —
Fitar-te, ó flôr do Babylonio rio,
Fitar-te a medo no salgueiro occulto...

Vem pois!... Comtigo no deserto inculto
Fugindo ás iras de Saul embora,
David eu fôra, se Michol tu fôras,
Vibrando na harpa do propheta o canto...

Não vês? Do seio me goteja o pranto
Qual da torrente do Cedron deserto!
Como lutára o patriarcha incerto
Lutei, meu anjo, mas cahi vencido.

Eu sou o Lothus para o chão pendida,
Vem ser o orvalho, oriental brilhante!
Ai! guia o passo ao viajor perdido,
Estrella Vesper do pastor errante!

PORQUE ME FICTAS?

(?....)

Porque me fictas esses olhos languidos?
Porque interrogas a minh'alma assim?
Não vês que soffro, que padeço tanto,
Que de ti fujo por fugir de mim?...

Ave cançada de pairar no espaço,
Buscas a sombra?... Que fallaz miragem!
Ai, não te illudas! porque em vez de oásis,
Talvez encontres a fatal voragem!...

Vir de tão longe procurar na terra
Um ramo verde para ao sol pousar!
Oh, volve prompta... não te arrisques... treme...
Não é um lago o que tu vês... é o mar!

Tens tu coragem de affrontar as ondas
 Que além se alteiam em feroz tropel ;
 E á tempestade confiar affronta
 De teu destino o festival batel ?

Se tens, escuta :—Caminhemos juntos,
 Embora eu sinta vacillar-me o pé ;
 Serás o facho dispersando as trevas,
 Em que eu já via abandonar-me a fé !

Estreito abraço nos enlace as vidas,
 Presas, bem presas pelo gozo e a dôr ;
 Quando tu gemas, gemerei contigo,
 Quando sorrires, sorrirei de amor !

Iremos ambos aos confins do mundo
 Pedir ao ermo a solidão e a paz ;
 Vogar á tarde na lagôa amena,
 Cantar dos astros ao luzir fugaz !

(DÁ-ME UM SORRISO

(RODRIGUES PROENÇA)

Porque me foges ? teu desprezo mata,
 Maltrata o seio que se abrasa em chamma,
 Com teu rigor, foge-me a razão,
 E o coração mais a mais se inflamma.

E se de longe, para mim sorrindo,
 Além fugindo, teu zombar conheço,
 Tratos do inferno me acabrunhão alma,
 E da vida a calma a teu amôr offreço !

Nas lindas pregas deste teu vestido,
Vejo tolhido meu prazer futuro,
Ah ! não te volvas, quero vêr teu rosto
Dá-me um só gosto no teu riso puro.

Ah ! não me fujas, vem ser minha um dia,
Sacra magia para mim desprende,
Vem ser o anjo a me guiar na vida,
Louca, perdida, que só a ti me prende !

Olha o meu peito succumbindo á dôr,
Lê santo amôr nos meus rubros olhos,
Lança-me—boa,—n'um caminho liso,
Dá-me o p'raiso n'um trilhar de abrolhos.

Eis-me curvado para beijar-te as plantas,
Pois me supplantas n'um penar tão forte ;
Move estes lábios dôce—sim—, me dando,
Cedo mudando minha féra sorte.

Dá-me um só gesto, te darei a vida,
Louca perdida, que só a ti me prende,
Junta-te ao seio de um fervente amar,
Sente o pulsar que de si desprende.

Dar-te-hei um beijo, morrerei contente
Crente da vida que em ti bebi !
Embora eu morto sem calor na arteria
Torpe matéria,—pensarei em ti !—

REMORSOS

(BARROS ALBUQUERQUE)

Possa meu pranto perpassar a lousa
Onde repousa um coração trahido ;
Possão remorsos que minh'alma sente
Ferir a mente do mortal descrido.

Mas elle dorme neste chão gelado
Já descansado do fervor da lida ;
Eu, á perjura, sem pensar na sorte
Doei-lhe a morte no festim da vida !

E hoje choro sem achar alento,
Um só momento no soffrer tyranno ;
Busco nas trevas mitigar as dôres
Cruéis fervores do passado ufano !...

Oh brisa amiga, que passais gemendo,
Eu vou morrendo sem achar abrigo ;
Vem companheira, que te peço ainda,
Na dôr infinda te unir comigo.

Agora quero recostar meu peito,
Todo desfeito, de chorar magoado ;
Quero na lousa occultar meu pranto,
Meu triste canto—concluir meu fado.

Não quero a vida que passei sorrindo,
Quando fruindo—desprezei amôres ;
Quero na campa descansar da lida,
Da quadra infida de fingidas flôres !...

Adeus, oh mundo, fui cruel bastante,
Hoje constante eu serei na morte;
Fingidos sonhos, para sempre adeus,
Suspiros meus—vou buscar a sorte!...

Morreu chorando, no alvor da vida,
A mulher fingida, sem gozar amôres;
Louca sentindo os remorsos n'alma,
Buscou a palma de mirradas flôres!...

PRANTOS DA NOITE

(SILVINO VITAL)

Prantos da noite rorejai-me a fronte!
Raios d'aurora desprendeis mais luz!
Da natureza as emoções mais fundas,
Quero sentir-as abraçado a cruz!

Seja este canto o derradeiro threno
Que a minha lyra consagrar-te vem;
E o muito affecto que te deu meu peito
Com elle possa parecer também!

Foi breve a historia desse amor infausto...
Paginas d'alma que atiraste ao vento!
Deixa-as embóra... recordal-as heide,
Ah! sempre, sempre n'um cruel lamento!

Vestal, um dia consagrei-te o fogo
De um templo augusto que este amor ergueu;
Rompeste os votos contrahidos d'alma,
E a pyra intensa crepitou... morreu!

Morreu!... Qu'importa!... no exaurido peito,
Não mais um culto t'erguerei, ai, não!
Se um astro tomba da cerulea téla,
Não mais deslumbra seu gentil clarão!

Hoje só resta uma lembrança amarga
Dos idos tempos de encantado amor;
Em que meu ser a divagar seu termo,
Veava aos mundos d'eternal fulgor!

Geladas cinzas que meu pranto orvalha,
Restam ao peito que pulsou por ti;
Rosas fanadas, illusões perdidas,
E o vacuo immenso que deixaste aqui!

Ah! borboleta, nos affectos—vária,
Corre, inda é tempo, nos vergeis de amor;
Mas, ai, não roces sobre um chão d'espinhos
As debeis azas de nitente alvor!

Corre, esvoaça nos rosaes olentes,
Por entre as flôres, desbrochando a flux!
As auras possam perfumar-te os sonhos,
E possa a aurora te inundar de luz!

Amei-te muito! Nos meus sonhos grandes
Teu vulto airoso a resvalar passou;
Foi como idéa de mentido goso,
Que essa alma enferma a delirar sonhou!

Sonhou, não sonha, que uma nuvem negra
Veio de todo assombrar meu céu;
Cerrou-se a noite,—escuridão profunda,
Véla-me a fronte um funerario véu!

A PENSATIVA

(GUALBERTO PEÇANHA)

Qual Magdalena sobre a cruz pendida,
Vi-a embebida nos scismares seus ;
Talvez pensasse em amôres idos,
Ou ais sentidos enviasse á Deus.

Eu vi-a triste, qual marmorea imagem
Exposta á aragem de uma noite bella ;
Tendo as madeixas de côr negra—soltas—
Nellas envoltas—virginal capella.

Vi-a tão triste, qual a rôla, quando
No ramo brando entoar vai queixas ;
Daquella alma, pela dôr magoada,
Ella—coitada—desprendia endeixas.

Tinha no rosto a pallidez patente,
Era fervente seu orar de virgem,
—Talvez nas preces perguntasse á Deus
Dos males seus a primitiva origem...

Tão pensativa ! e na flôr da idade !
A inf'licidade ella tem por norte ;
Em vez de affectos lhe guardarem n'alma,
Derão-lhe a palma de sinistra sorte.

Busca prazeres innocentes, virgem,
Qu'essa vertigem passará veloz ;
Procura o templo, e com fervor—no altar,
Vai segredar com o Senhor—a sós.

A ORAÇÃO DA INFANCIA

(ACHILLES VAREJÃO)

Quando a criança mal soletra a vida
No psalmo escripto pela mão divina,
Guarda em memoria uma oração querida,
Que o amor materno ao coração ensina.

E' phrase doce, que não cresta o labio,
E' melodia que a innocencia embala,
Diz mais que o livro que escrevesse um sabio
Diz mais que o aroma que da flôr se exhala.

Tem da ternura o abcedario inteiro,
Da voz dos anjos o sonoro enleio
Ninguem no mundo a traduzio primeiro,
Nem mesmo a ave em virginal gorgeio!

A meiga brisa que roçou nas aguas,
Vai repetil-a na amplidão dos céos,
Sómente a entende quem não soffre magoas,
Ou tem nos filhos um condão de Deus?

E's pai, tu sabes quanto amor exprime
Essa oração que a minha mãe ouvi;
Se é muito simples, é p'ra mim sublime,
Do que o futuro só encontrou em ti.

SOLITARIA E TRISTE

(F. VARELLA)

Quando ao sol posto, solitaria e triste
Vagas á beira do sombrio mar,
E sobre as franjas do horizonte roseo
Scismando elevas um sentido olhar.

Quando teu vulto se desenha airoso
Da tarde estiva na serena luz ;
E o manso vento te movendo as saias
Cobre de affagos teus pésinhos nús.

Quando teus labios seductores, bellos,
Quaes finas conchas de punicia côr,
Bebem os sopros que das ondas correm
Pejando os seios de amoroso ardor.

Quando as estrellas—infantil cardume—
Que a noite emballa no ceruleo véo,
Ao vivo brilho de teus olhos negros,
Tremem ciosas na amplidão do céo.

Rude poeta, dos sertões amigo,
Genio indomavel como os euros são,
De teus encantos no feitiço preso
Luto sem forças, me debato em vão !

Mudo, offegante, nos sarçaes occulto
Nem me atrevendo a respirar sequer,
Qual dos desertos o caimão faminto
Miro-te as fórmãs sensuaes, mulher !

Um fluido estranho, que escravisa e doma,
 Teu vulto exhala e me encadeia então!
 Se me cuspiras n'esse instante ao rosto,
 Eu te beijára, suspirando, a mão!

Eu bemdisséra teus divinos labios!
 Eu bemdisséra teu desdem talvez!
 E me curvára como um cão rasteiro,
 Lambendo humilde teus mimosos pés!

DEIXA-ME!

(FAGUNDES VARELLA)

Quando cançado da vigilia insana
 Declino a fronte n'um dormir profundo,
 Porque teu nome vem ferir-me o ouvido,
 Lembrar-me o tempo que passei no mundo?

Porque teu vulto se levanta airoso,
 Tremendo em ancias de volupia infinda?
 E às fórmãs nuas, e offegante o seio,
 No meu retiro vens tentar-me ainda?

Porque me fallas de venturas longas,
 Porque me apontas um porvir de amôres?
 E lume pedes á fogueira extincta,
 Doces perfumes á pollutas flôres?

Não basta ainda essa existencia escura,
 Pagina treda que a teus pés compuz?
 Nem essas fundas, perennaes angustias,
 Dias sem crenças e serões sem luz?

Não basta o quadro de meus verdes annos
Manchado e roto, abandonado ao pó?
Nem este exilio, do rumor no centro,
Onde pranteio desprezado e só?

Ah! não me lembres do passado as scenas,
Nem essa jura desprendida a êsmo!
Guardaste a tua? a quantos outros, dize,
A quantos outros não fizeste o mesmo?

A quantos outros, inda os labios quentes
De ardentes beijos que eu te dera então,
Não apertaste no teu vizio seio
Entre promessas de eternal paixão?

Oh! fui um doído que segui teus passos,
Que dei-te em versos da belleza a palma:
Mas tudo foi-se e esse passado negro
Porque sem pena me despertas n'alma?

Deixa-me agora repousar tranquillo,
Deixa-me agora dormir em paz,
E com teus risos de infernal encanto,
Em meu retiro não me tentes mais!

AMOR E MEDO

(C. DE ABREU)

I

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz, do fogo que te cerca, oh! bella,
Comtigo dizes, suspirando amores:
— « Meu Deus! que gêlo, que frieza aquella?! »

Como te enganas ? meu amor é chamma
Que se alimenta no voraz segredo,
E, se te fujo é que te adoro louco...
E's bella—eu moço ; tens amor—eu medo !...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dôres,
A luz da aurora me entumesce os seios,
E ao vento fresco do cahir das tardes
Eu me estremeço de crueis receios.

E' que esse vento que na varzea—ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondêa,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso atéa !

Ai ! se abrazado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz :—que seria da plantinha humilde
Que á sombra delle tão feliz crescia ?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrára a planta qual queimára o galho,
E a pobre nunca reviver pudéra
Chovesse embora paternal orvalho !

II

Ai ! se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremendo no calor das tuas,

Am arrotado o teu vestido branco,
Solt os cabellos nas espaduas nuas !...

Ai ! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos—palpitante o seio !...

Ai ! se eu te visse em languidez snblime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Tremula a falla a protestar baixinho...
Vermelha a boca, soluçando um beijo !...

Diz :—que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das azas ?
— Tu te queimáras, a pizar descalça,
— Criança louca,—sobre um chão de brazas !

No fogo vivo eu me abrazára inteiro !
Ebrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucára com meu dedo impuro
As pobres flôres da grinalda virgem !

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a innocencia que teu labio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois... desperta no febril delirio
— Olhos pisados—como um vão lamento,
Tu perguntáras :—qu' é da minha c' rôa ?...
Eu te d'ria :—desfolhou-a o vento !...

Oh! não me chames coração de gelo!
Bem vês; trahi-me no fatal segredo,
Se de ti tujo é que te adoro e muito,
E's bella—eu moço; tens amor, eu—medo!...

A MORTA

(OCTAVIANO HUDSON)

Quando relembro as emoções sentidas,
As phrases meigas desses labios santos,
Ai, de meus olhos vão cahindo, oh morta,
Por estas faces copiosos prantos!

Ai, sim, te sigo—coração criança,
Filha mimosa dos jardins dos céos,
A nevoa errante que nublou-te os dias,
Tambem enubla de tristeza os meos!

Morta, isolada na veloz carreira,
Quando sonhavas um viver florido!...
Dorme, criança, no teu berço eterno,
Que eu velo á sombra d'um amor perdido!

A' noite as aves se recolhem tristes,
As estrelinhas não scintillão mais,
Só me responde a solidão immensa,
No pranto, oh morta, dos meus tristes ais!

PRANTO DE VIRGEM

(CASIMIRO DE ABREU)

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
E as leves sombras d'infantil desgoto
Tornam mais bello o crystallino pranto.

Oh ! nessa idade de paixão lasciva,
Como o prazer é o chorar preciso,
Mas breve passa, qual a chuva estiva,
E quasi ao pranto se mistura o riso.

E' doce o pranto de gentil donzella,
E' sempre bello quando a virgem chora :
Semilha a roza pudibunda e bella,
Toda banhada do orvalhar da aurora.

Da noute o pranto, que tão pouco dura,
Brilha nas folhas como um rir celeste,
E a mesma gotta, transparente e pura,
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,
De luz inunda o seu gentil serralho,
E ás flôres todas—venturoso amante—
Cioso aspira o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto :
Serei o sol e tu serás a rosa...
Chora, meu anjo, beberei teu pranto !

MURMURIOS

(EZEQUIEL FREIRE)

Quando tu scismas, se em teu rosto pallido
Transluz o enleio que o sonhar vem dar-te,
Loucas as brisas te murmuram tremulas :
« Quem pôde ver-te sem querer amar-te ? »

Mas, se com medo d'essa phrase insolita,
Fronte inundada de gentis pallôres,
Tremes, os sylphos te segredam timidos :
« Quem pôde amar-te sem morrer de amores ? »

Sei que se aninham em teus labios rubidos
Philtros d'um gozo que jámais provei ;
Sei que encontrára nos teus seios lubricos
O berço quente que perdido amei.

Ai ! se eu pudera, n'um desmaio languido,
Beijar-te a curva da lasciva espalda,
E sob a nuvem dos cabellos humidos
Velar a fronte que o delirio escalda ;

Ouvir-te as fallas nos gentis idylios
— Baixos os cilios por não ver te assi—,
Rindo ás promessas d'um sonhar tão placido,
Mas com receio d'acordar sem ti.

Sorris?... não sabes que vertigem subita
Pôde ferir teu coração ditoso,
E despertar-te dos sonhares candidos,
Preso do anhelos que acenou-te um gozo ?

Embalde foges ao fervor d'esse osculo
Que um dia—em sonhos—abrasou teu seio ;
Tens medo? embora ; volveras mais soffrega,
Submissa, escrava d'esse ignoto anceio.

E a lava occulta no sudario algido
Mais viva ainda surgirá n'uma hora.
E as crenças todas voltarão mais fulgidas;
As lindas crenças que tiveste outr'ora.

E como ás vezes do arenoso cômoro
Ao vir do orvalho reverdecem flôres,
Bebendo seiva d'essa dor nas lagrimas
Virão mais bellos teus gentis amores.

Mas quando as lufas da procella frêmita
Teu lyrio d'alma emmurchece no ardor,
Dá-me, eu t'o peço, na crestada pétala
A paga humilde d'um finado amor.

E do meu peito no sacrario turbido
— Ermo dos gozos que o viver reparte—
Lerás a phrase que surpresa ouvis-te :
« Quem póde ver-te sem querer amar-te?...

Não rias louca ! se este affecto indómito
Prendeu-me aos elos d'um grilhão de dôres :
Queimei-me ao fogo de teu morno halito,
Não pude amar-te sem morrer de amores !

O TEU SORRISO

(M. LEITÃO)

Quando um sorriso nos teus labios erra,
Flacidos, puros, desvendendo arcanos,
Do peito a magoa o coração desterra
E dá-te os hymnos dos mais bellos annos!

A' um teu sorriso reviver parece!
Baldo de crenças, novas crenças cobro!
Ao contemplal-o, que soffri me esqueço...
Que sonhos lindos no porvi desdobro!?

Quando um sorriso nos teus labios paira,
Niveos, mimosos, transpirando amores,
A mente em fogo a delirar desvaira
Entregue ás scismas d'eternaes fulgores!

Um teu sorriso me seduz, me inspira!
Preza é minh'alma de teus labios bellos!
Quem déra, ai, n'elles—seductora pyra—
Do amor a chamma me abraçar em zelos?

Tens no sorriso d'illusões um mundo,
Mago quebranto que enfeitica e prende!
Livre do peso de um descrer profundo
Só de teus labios meu viver depende!

Dá-me teus risos, que minh'alma agora,
Fruindo a dita de um viver tranquillo,
Bem diz do riso que teu labio enflóra,
Bem diz teus labios—do sorrir asylo!

Creio em teus labios !... Se no ardor da crença
Vejo o futuro deslizar-se lindo,
Sonhos de gloria de grandeza immensa,
Tudo deixára p'ra te vêr sorrindo !

Sorri, que o tempo—no passar veloce—
Jámais t'envolva no tristonho manto !
Que nunca, ai, nunca, um sentimento atroce
Possa dos labios te offuscar o encanto !

CANTO DO ORPHÃO

(JULIO DA GAMA)

Quem junge ao carro do descrêr a sorte
Por não ter norte que seguir ou luz ;
Se não tem écho n'algun peito amigo
Só acha abrigo n'uma lousa e cruz !

Quem goza a vida toda aroma e flôres
Sem ter nem dôres, nem da sorte o fel,
Não tendo amigo é seo viver deserto,
Como coberto do fatal burel !

Carece a vida de materia e d'ama
Carece a calma—nem prazer, nem dôr ;
Carece o homem ter um puro amigo
Como de abrigo quando morto fôr !

E' doce a mágoa, fazer écho, é doce
Como se fosse n'outro peito irmão ;
Consola mesmo, no chorar, quem chora,
Quem nos deplora no consolo —em vão !

Alegre, exalta junto a nós quem sente
 Quanto na mente nos escalda a fé ;
 Quem ri conosco, quando rindo estamos,
 Quando gozamos—vêr gozar ao pé.

Quem junte ao carro do descrêr a sorte
 Por não ter n'este que seguir ou luz :
 Se não tem échos n'algum peito amigo
 Só acha abrigo n'uma lousa e cruz !

QUERO FUGIR-TE

(FURTADO COELHO)

Quero fugir-te, mas não posso, ó virgem,
 Pois sou captivo de um poder sublime ;
 Quero fugir-te, mas fatal vertigem
 Me dóbra o corpo como a brisa ao vime.

Do Eden de amor és meo vedado pomo,
 Ninguém no mundo minha dôr compr'ende !
 Quero fugir-te, quero sim ; mas como ?
 Se um teu sorriso me seduz, me prende !

Para enganar-me, digo muitas vezes
 Que és má, que és feia, que é loucura amar-te ;
 Então deliro e bebo até as lézes
 A taça amarga que o soffrer reparte.

Quero fugir-te, na floresta vago,
 Colho uma rosa, teu retrato é n'ella ;
 Contemplo o céu, e lá teu rosto mago
 Inda admiro em cada nivea estrella.

Se mais te fujo, mais a ti me prendo !
Não ha ausencia que de ti me ausente ;
Se os olhos gozam quando t'estou vendo,
Em ti não vendo gozo-te na mente.

Tu és o iman que me attrahe á vida ;
Qual mariposa em teu olhar me abraço ;
Quero fugir-te — que impotente lida !
Da minha sombra fugir posso acaso ?

Fugir não posso ; não se foge á sina,
Não foge o corpo quando é presa a idéa ;
Sou teu escravo—sobre mim domina,
Eis os meos pulsos—lança-me a cadêa.

ROSAS BRANCAS

(FELICIANO LEITÃO)

Rosas da vida que cedeis perfumes
Aos olhos—lumes, á paixão—amores,
Ao peito—crenças, ás manhãs o brilho,
Ao moço o —trilho de eternaes fulgores ;

Estrella d'alma no luzir constante,
Jámais distante do solar florido,
Astro sem manchas que a sorrir percorre
Céo que não morre no existir querido ;

Quero-vos linda na modestia santa
Que tanto encanta o coração poeta !
Quero-vos simples nos jardins, nas salas,
Nos risos, fallas, na paixão discreta !

Quero-vos anjo de alvacenta penna,
 Deosa terrena da virtude emblema !
 Quero-vos meiga, jovial, sincera,
 Qual primavéra que a velhice extrema !

Assim vos quero e na esperança vivo,
 Livre—captivo, na descrença—crendo ;
 Festivo e triste, leviano e sério,
 Sob o mysterio que vos fui dizendo !

Demais já disse !... Fui além confesso !...
 Perdão vos peço ! Sois bondosa, eu sei !
 Ha n'isso crime ? não cedeis desculpa ?
 Foi vossa a culpa, só por vós pequei.

RISOS E FLORES

(FELICIANO LEITÃO)

Risos e flôres, o sonhar, a vida,
 Luz desprendida da manhã celeste,
 Idyllo, anhélos, seductora imagem,
 Sob a roupagem que a pureza veste ;

Calma e festiva, no voar dos annos,
 Noites sem damnos, sem receio ou medo,
 Manhã cedendo apaixonados hymnos
 Aos matutinos, juvenis segredos ;

Eis da ventura a desprezada hora,
 Nota sonora que tão cedo esváe-se !
 Morte ao passado a juventude assigna,
 Feliz, maligna no passar, que váe-se !...

Ai, mocidade ! que feliz passeias
Pelas ameias das muralhas d'alma !
Cedo te olvidas dos extinctos dias,
Das harmonias que o presente empalma !

Assim te quero, no viver travessa
Na luta espessa de um sorrir constante !
Teu horizonte de eternal alvura,
Mostra a ventura da rasão brilhante !

Assim te quero rosas brancas, lindas,
Almas não findas em queixosa endeixa !
São teus espinhos, teu perfume e glorias,
Santas victorias, que um sorriso enfeixa !

Assim te quero, no florir da vida
Luz desprendida da manhã celeste !
Aos cantos, fallas, seductora imagem
Sob a roupagem que a pureza veste !

ROMAGEM

(EZEQUIEL FREIRE)

Romeiro errante no deserto intérmino
Sigo a miragem, que minh'alma adora
E o olhar, cançado de buscar-te embalde,
Lingue e desmaia por te ver, senhora.

E vou caminho da extensão dos páramos
Rasgando as vagas do areal sem fim,
— Soltas as vélas ao batel da esp'rança,
— Firme na crença de te achar por fim.

Da vida o encanto se desmancha em magoas
E a dôr enluta o coração sem ti,
— Dá-me um carinho p'ra que eu viva ainda,
— Mostra-me o Eden, feiticeira huri.

Não vês?—Da selva o sabiá deserta,
Das lindas veigas o matiz descora
E os mesmos lutos, que levára o occaso,
Voltam de novo quando volta a aurora.

No bosque aos gelos do hyemal bafejo
Calam gorgeios de gentis cantores ;
As flôres—fogem dos jardins viuvos
E o aroma—esvae-se no fanar das flôres.

Do lar silente, que te espera ainda,
Foge um sorriso, que morava alli...
E os olhos tristes que o penar sombrêa
Choram, querida, sem cessar—por ti.

E vai minh'alma, na eternal romagem,
Seguindo a imagem que avistou nos céos ;
Tem um pharol—a claridão dos astros,
Um guia—a esperança—uma esperança em Deos ?

Além, sózinho o sabiá das veigas
Soluça a nota da canção de dores,
— E as flôres fogem dos jardins viuvos,
— E o aroma esvae-se no fanar das flôres.

E o sol se enroupa no esplendor d'aurora
E vai do occaso se abysmar nos véos ;
Só eu—perdido na eternal romagem—
Sigo-te, imagem que avistei nos céos.

MINHAS CRENÇAS

(V. DE CARVALHO)

São minhas crenças sepulchraes delirios,
Lirios fanados pelo pó da estrada,
Rosas mirradas ao romper da aurora,
Ora dispersas por atroz nortada.

São da pureza no acordar da infancia,
Ancia de virgem... esvaído sonho,
Do templo annoso na fendida nave
Ave da noite—de piar medonho.

São—alta noite—dos tufões quebrado
Brado de morte em convulsivo anseio :
Ai, pobre esp'rança de cruel saudade,
Ha de o sepulchro congelar-te o seio.

São seccas folhas de queimado arbusto,
Busto de archanjo do Eden tombado ;
São das tormentas ao bramir horrendas
Rendas de espumas sobre o mar irado.

Qual do Sahara caminheiro errante
Ante as montanhas de areaes erguidas,
Exhausto imploro da existencia o termo,
Ermo de tantas illusões perdidas.

Se attento ao longe do passado o extremo,
Tremo do abysmo que engolphou-me os annos !
Busco a ventura, do sonhar desperto
Perto do termo de lethaes enganos.

Mas... se de virgem seductora e linda
Inda escutassem n'um sorrir meus cantos,
Se ainda visse sobre as brancas vestes
Estes meus versos se orvalhando em prantos ;

Ai, se dos olhos, qual ardente estrella,
Ella quizesse me outorgar favores,
Crenças bebia nos gentis sorrisos,
Risos bebêra desse céo de amores !

E' ELLA !

(CASTRO)

Se ás vezes triste, meditando passo
Nas longas horas de uma noite bella,
Em vendo a lua lá no denso espaço,
Então exclamo com prazer—é ella !

Se lá nos bosques, me sorrindo as flôres,
Uma divizo, d'entre as mais singelas ;
Nos attractivos em que leio amores
Ainda eu digo com prazer—é ella !

No terno canto que além se escuta,
Da pobre freira na prisão da sella,
Duvido e creio no final da luta
A mesma idéa vem dizer-me—è ella.

Quando nos mares, a gentil barquinha
Toda garbosa vai correndo á vela,
Nessa fugida que alli faz sósinha
Ainda eu juro que por Deus—é ella !

Na mesma estrella que no céo diviso,
Brilhante, pura, reflectindo bella ;
Em suas faces, traduzindo um riso
Protesto affirmo, ainda mais—é ella !

Por mais que busque distracções da vida,
Atroz lembrança minha mente gela,
Quer nos prazeres, na cruenta lida
Que mais me inspira, bem conheço—é ella !

No mar, na terra, lá no céo, nas flôres.
Por toda a parte minha mente véla,
Se em tudo eu leio divinaes amores,
E' porque tudo vem dizer-me—é ella !

SE E' CRIME

(FERREIRA NEVES)

Se é crime amar-se de um olhar altivo
O sempre divo, soberano encanto,
Se é crime, ás vezes, do viver na aurora,
Que a luz se adora se viver n'um canto ;

Se é crime aos santos se queimar incenso
E preito immenso se render ao bello ;
De um rosto ao vêr-se na celeste alvura
Da formosura divinal modelo ;

Se é crime, e grande, de uns cabellos pretos,
Longos replectos do melhor perfume,
De alguma noite sem luar formoso
Vêr-se o luctuoso espantador negrume ;

Se é crime do anjo se adorar no riso
 Do paraíso a esplendidez sublime ;
 Se o confessar-se que mereces hymnos,
 Poemas d'inos constitue um crime ;

Eis-me a teus olhos como um réo confesso...
 Dá-me, te peço, um exemplar castigo !
 Mas em tua vida festival, risonha
 Ao menos sonha alguma vez commigo.

PERFUMES

(RAMOS DA COSTA)

Sentes?... é noite ! nos vergeis sombrios
 Os sylphos brincam soluçando amores !
 Cobrem o lago nevoeiros frios,
 Desce o lampyrio a namorar as flôres !

As borboletas mais se escondem bellas
 Nos seios quentes das cecens mimosas !
 E Deus semeia um turbilhão de estrellas !
 E a brisa espalha um turbilhão de rosas !

O mar sacode os vagalhões na praia,
 O céu se mostra de esplendores cheio,
 E a virgem pura dos sertões desmaia,
 Geme a viola no mais santo enleio.

E, como o fumo dos thurib'los santos,
 Rola no espaço virginal cantiga !
 — Correm-me aos olhos encantados prantos,
 — Enche-me o peito uma esperança amiga.

E' noite !... é a hora das visões douradas,
Das serenatas ao luar, dos beijos !
— Chora a velhice as illusões passadas !
— Ri-se a criança aos maternas bafejos !

E como é doce a viração que falla
Por entre as palmas do coqueiro esguio !
Quanto perfume a lorangeira exhala !
Que sons divinos rumoreja o rio !

Oh ! meiga filha dos meus sonhos vãos,
Vem que eu te espero, vem ouvir meus hymnos !
Quero beber os teus olhares magos,
Beijar sedento esses teus pés divinos.

E' noite !... a estrella que propende a terra
Nos ares deixa luminoso traço...
Ouves !—é um hymno que desprende a serra,
Foi doudo insecto que zumbio no espaço !

Vem, que eu preciso de em teus seios quentes
Dormir... sonhar... e me perder de amores !
Oh ! como chora o firmamento !... sentes !
— Bemdito o orvalho, que dá vida ás flôres !

Bemdito o espasmo, que teu ser domina,
Minha alma enleia, teu pudor revela !
— Quero teus beijos, vaporosa ondina
— Dá-me teus raios, peregrina estrella.

E como o fumo dos thurib'los santos,
Aos céus remonte virginal cantiga !
Corram-me aos olhos encantados prantos,
Encha-me o peito uma esperança amiga !

A VIRTUDE

(PEREIRA SILVA)

Sentimento moral de que se veste
A alma celeste que o pudor abriga,
Tu, musa, dá-lhe que em cadente metro
Mimoso plectro me inspirar consiga.

Anjo, que a luz de mil estrellas roubas
Quando me arroubas com a luz dos olhos,
Quem dá-te a chama que me queima a vida,
— Vela perdida n'este mar de abrolhos ?

Virgem, que rosas em botão retratas
Quando arrebatas o pudor de Deus,
Quem dá-te as côres com as quaes teu rosto
Mata o composto dos desejos meus !

Filha, que choras a materna morte,
Perdido norte da ventura cedo,
Se a fome vences, fenecendo casta,
Que mão te affasta do peccado tredo ?

Mulher, que o riso tanto a custo estendes
Quando pretendes derramar perfumes,
Quem dá-te a prenda, quem te faz deidade,
Que a castidade toda em ti resumes !

Mãe, que o filhinho no regaço estreitas
Ao qual enfeitas de bordada veste,
Quem dá-te os olhos de innocencia pura,
Quem a candura que á tua alma déste ?

Velho, que firmas os trementes passos,
Tardios, lassos, no bordão querido,
Se o inverno pede cuidadoso empenho,
Quem sopra o lenho se te vê tranzido ?

E tu, que gemes no espinhoso leito,
Se o fraco peito enregelar sentires,
Que nó segura-te a familia em torno,
Do caldo morno quem te offrece o pires ?

E tu, Olnarcia, que o amor esqueces,
Quando padeces pela cruz que abraças,
Quem póde dar-te o triste luto e a morte,
Tão dura sorte, por tão brandas graças ?

Só a virtude, que é celeste prenda,
A doce offrenda que de Deus herdaste,
Só a virtude; que tua alma rege,
Que não protege o coração que amaste.

Só a virtude que te fez tão bella,
A ti, donzella dos amores santos...
Se um dia os perdes no florir da idade,
Ai ! da saudade dê-te Deus os prantos !...

Só a virtude que tu tanto adoras,
Anjo, que choras por meu pranto triste;
Mas vai e morre ;—para mim, que peno,
Fica o veneno que no peito existe.

Fica a saudade, que no peito augmenta
 A dôr cruenta de te vêr partir ;
 Socia na magoa, vivirá constante
 No seio amante que não tem porvir.

ESCUA

(P. DE CALAZÃES)

Se para amar-te fôr mister martyrio,
 Com que delirio saberei soffrer !
 Se d'altas glorias fôr mister a palma
 Talvez minh'alma possa além colher !...

Quebrar cadêas, conquistar um nome
 Que não consome o perpassar das éras ;
 Arcar com as turias de iracundos nortes,
 Soffrer mil mortes sem morrer devéras ;

Nas proprias carnes apertar cilicios,
 Nos sacrificios ter sereno o rosto ;
 Pisar descalço sobre espinhos duros,
 Com pés seguros, com signaes de gôsto ;

Longe da patria, no paiz mais feio
 Do tédio em meio por amar irei
 Viver embora sob a zona ardente,
 E alli contente por te amar serei !

E se a ser amado, fôr mister o insenso
 Que sóbe denso dos salões aos tectos,
 Serei altivo, — não irei de rastos
 Com labios castos mendigar affectos !

E se me odeias por não ir ás salas
Dizer-te as fallas de mendaz paixão,
E aos olhos de outrem, profanando extremos
Dizer-te : —amemos— e apertar-te a mão...

Me odeia e muito, que eu não sou da farça,
Que o mal disfarça, que simula e ri ;
Me odeia e sempre, que eu não desço ao nivel
Do pó terrível que se arrasta ahi.

Dá-me teu odio, pois, não quero, escuta,
Beber cicuta —procurando mel ;
Dá-me teu odio, mas em gráo subido,
Embora ungido de amargoso fel !

Dá-me o teu odio por fatal sentença !
A indiferença me será peor ;
Que um sentimento por mim tenhas n'alma,
Dá-me essa palma de soffrer melhor.

LAGRIMAS DO PASSADO

(PEDRO LUIZ)

Serena estrella, no meo céo não viste ?
Pallida e triste foi morrer além ;
Aqui findou-se meo extremo gozo,
E' já forçoso que eu me vá tambem.

Amei-te muito ! Foi paixão sincera...
Na primavéra nosso amor nasceu ;
Chegamos hoje ao derradeiro lance
D'esse romance que me enloqueceu !

Não tenhas mêdo do meo ar sombrio ;
Antes do estio chegará meo fim ;
Eu já não tremo no fatal delirio...
Foi o martyrio que deixou-me assim !

O bardo é triste no florir da idade,
Pranto e saudade forão seos laureis...
Que tem que o bardo, que viveo sem flores,
Chore os amores e te caia aos pés ? !...

Um dia, virgem, na fatal romagem,
Sem ter coragem de seguir —parei ;
Foi junto ás ondas, que corrião mansas,
Que de esperanças eu então chorei !...

Vinha de climas em que o céo não falla,
Nem mesmo emballa a viração a flor,
Nunca tivéra lá do sol de Maio
Languido raio que lhe dêsse amor !

Cantein'um pranto... a mocidade, a vida...
Então querida, m'estendeste a mão :
Disséste : — Poeta, tua voz suspira,
Vibra na lyra virginal canção. —

Tremi, fitei-te na fulgente areia,
Linda sereia—junto a mim, de pé...
Não venhas, disse, me fallar nest'hora,
Minh'alma chóra — já não tenho fé !

Meu Deos, perdi-me !... Como estavas linda
Vejo-te ainda como então te vi ;
Morena, pallida,—n'um sorrir divino
O meo destino foi entregue a ti !

Pergunta à nuvem para onde vôa,
Quando rebôa um furacão veloz !...
Mas não perguntes onde fui perdido
Por ter ouvido tua meiga voz.

A nuvem bella não succumbe á morte ;
Do sul ao norte o firmamento é seu ;
Magoas de poeta quem poderá vê-las ?
Nem as estrellas e... — nem tu, nem eu !...

O teu vestido acompanhei demente
Na febre ardente — soluçando a rir !
Teos olhos negros me disserão : — ama —
E ardi na chamma, sem poder fugir.

N'esses olhares renovei a vida,
A fé perdida n'essa immensa dôr !
Cheio de mágoas reviver senti-me
Na fé sublime d'um celeste amor.

Quando á janella do salão chegavas
E ahí folgavas sem de mim ter dó ;
Nunca me viste, como n'um degredo,
Sobre o lagêdo taciturno — e só ?...

Foi-se o delirio que eu julgava eterno ;
Vivo no inferno, meo destino o quiz ;
Minh'alma dorme, não se agita inquieta,
— Quem era um poeta para ser feliz ? !

ELVIRA

(J. FERREIRA NEVES)

Serenos threnos de alaúde rude
Da juventude, venho aqui depôr :
Sonhando, amando teos encantos santos
Virgem, meos cantos, pedem só —amor.

Formosas rosas, n'esse rosto, posto,
Ha só por gôsto da natura a mão ;
Teo seio cheio de ternura pura
Tem na brancura natural condão.

Não minto. Sinto que minh'alma a palma
Sonha da calma n'esse teu sorrir...
Tristonhos sonhos do futuro, eu juro,
Teo risopuro poderá banir !

Florida, a vida se tornára, e cara,
Se pouco avára fosses tu no amar :
De amôres, dôres, não carpira a lyra,
Se alento, Elvira, me quizesse dar !

Divinos hymnos, —não lamentos lentos,
Soltára aos centos teo fiel cantor,
Se anêlos bellos, perfumosos gozos,
Dias ditosos, lhe trouxesse amor !

Meo peito, leito de amarguras duras,
De crenças puras se nutrira um dia.
Se Elvira dira a meos amenos threnos
Disse ao menos que valor daria !

O MINHO

(SEBASTIÃO PEREIRA DA CUNHA)

Sólo d'enlevos, onde a vida abraça,
Com terna graça, o castanheiro em flor !
Abre-me o seio, em que um vergel se apinha,
O' patria minha de encantado amor !

Quero cantar-te, como a rôla ausente,
Canta, plangente, os africanos céos :
Como ella aspira ao seu distante ninho,
Aspiro, ó Minho, os attractivos teos.

Amo os teus campos com perfumes varios,
Verdes sacrarios de um constante Abril ;
Amo os teus montes, colossaes na altura,
E a luz, tão pura, do teo céu d'anil.

Veias de prata, em teu fecundo seio,
Passão-te, em meio, rios não caudaes ;
E d'entre as flores, que o teo chão guarnecem,
Cidades crescem que não tem rivaes.

Braga, a princeza de remota éra,
Virtude austera ainda conserva e a fé ;
E eleva ás nuvens, em padrões de gloria,
A nobre historia, de que herdeira é.

Assenta o throno, de entrançado arbusto,
No monte augusto do seu BOM JESUS.
E tem por c'rôa de opulencia tanta,
A Virgem Santa do Sameiro, e a Cruz.

Amareos veste laranjaes flôridos,
Fastos vestidos, com doirado véo ;
E sólta as tranças, de verdura infinda,
Na espadua linda, ás virações do céo.

E' Guimarães uma fidalga idosa,
Rica e orgulhosa, em seus gentis maineis,
Que diz ao mundo, em derredor disperso ;
Eu fui o berço do maior dos reis.

Caminha ó joven marinheira bella,
Em pé na ourella do espumoso mar.
Monção, envolta nas senis muralhas,
Conta as batalhas, que logrou ganhar.

Villa dos Arcos, que a sorrir desatas
D'entre cascatas, que delicias dão.
Barcellos, lirio, adormecido em sombras
Sobre as alfombras do virente chão.

Pinha de flôres, que a frescura anima,
Ponte de Lima, que ideal tu és !
Finges o cysne, a retratar a face
N'agua, que nasce, e que te corre aos pés.

Vianna... fuge ao incessante beijo,
Que o Lima vejo a lhe tentar depor ;
E da montanha na materna encosta,
Lá se recosta com gentil pudor.

Eu sou suspeito, porque sou teu filho,
E assim teu brilho não direi jamais.
Que o diga quem, ao respirar-te os ares,
Te entrou nos lares e passou teu cáes.

Solo d'enlévos, onde a vida abraça,
Com terna graça, o castanheiro em flôr !
Abre-me o seio, em que um vergel se apinha,
O' patria minha de encantado amor.

(M. L.)

Sonhos, amores, illusões desfeitas,
Crenças, anhélos já não sinto mais !
O peito exangue na descrença immerso
Lamenta as flôres que não vê—jámais !

E quanto brilho lobrigava ao longe ?...
Quanta esperança n'um futuro lindo !
Hoje me vejo sobre um lar de espinhos
No qual outr'ora perpassei sorrindo !

Ah ! se pudesse me esquecer do mundo,
Viver tranquillo n'um retiro ameno,
Sentir a brisa bafejar meu rosto,
Ouvir a lympha—no passar sereno ;

Ah ! se pudesse—na riuimosa relva,
Sentado á sombra de gentil mangueira,
Saudar á lua no surgir das nuvens,
Seguir a estrella na veloz carreira ;

Ah ! se pudesse—n'um cantar de amores
Chamar a virgem que me faz descrente,
E reclinado no seu collo... a medo
Ouvir as vozes de seu peito crente ;

Eu dera a vida juvenil que gôzo,
Toda a existencia que meu sêr encerra,
E sobraçando com transporte a lousa,
Feliz, dictoso deixaria a terra !

Sonhos, amores, illusões desfeitas,
Crenças, anhélos já não sinto mais
O peito exangue na descrença immerso
Lamenta os gozos que não vê—jâmais !

O GUARDA URBANO

(?)

Sou guardo urbano, pelas ruas vago
De espada á cinta, por não ter emprego ;
E os bregeiros quando vou passando
Dizem rosnando :—sahe d'aqui morcego !

Quando de dia vou rondar as praças
Ouço chalacas, para mais d'um cento !
Nada respondo, fico mudo, e quedo,
Não por ter médo,—é regulamento...

De noite fujo, de passar por baixo,
D'algum sobrado que tiver sacada ;
Porque bem póde, qualquer um gaiato
Ou mesmo um gato dar-me uma mijada

Depois cansado de trocar as pernas
Procuro um canto para me encostar ;
E' justamento quando vejo ao longe
Um certo monge que me vem rondar.

Assim, andando, pelas ruas vago,
E tão mal pago de um serviço forte...
Com cara alegre, vou comprindo o fado
Que destinado, tem a minha sorte!

Até que um dia deixarei o masso,
Dando um abraço, em D. Felicia!
Depois, capote, cinturão, espada,
De cambulhada vai para a policia.

Embora o povo, com desdem insano,
Chame o urbano, de ralé, canalha,
Não se faz caso do fallar de loucos
Ouvidos mocôs, nunca dando palha!

Portanto, eu peço, com pureza d'alma,
Bastante calma, com taes paizanos,
Porque nem todos, pôdem ser polidos
E a revidos, são tambem urbanos.

Eu não consinto, que me rasgue a farda
Embora parda— que se chama blusa,
Nesse momento, minha espada pucho,
Metto no bucho, da qualquer cazuza!

Adeus collegas, não reparem n'isso
Que por feitiço, vai viver errante!
Até que um dia, seja copiado,
Mesmo rasgado por qualquer rondante.

FLORES D'ALGIBEIRA

(MANOEL ROUSSADO)

Sterlinas libras que dominam bellas,
Ai! amarellas, de tão linda côr ;
Têm attractivos, e são convincentes,
São eloquentes expressões de amor.

A meiga libra sobre nós derrama
Lucida chamma, sem o ardor que mata,
Têl-a no bolso é dos mortaes a gloria,
Pois a victoria com primor retrata.

Que amenidade, se nas algibeiras
Tinem fagueiras, alentando as fibras,
Se ha céo na terra, se ventura ha n'ella,
Na face bella se achára das libras.

Filhas do oiro, bem como o oiro puras,
De mil venturas corretoras bellas,
Se a sorte grande me saisse um dia,
Ai! que folia me não davam ellas!

Se desgraçado pelo amor trahido,
Já tens sentido pela vida o tédio,
Ai! não te matas, comprarás cautélas,
Nas amarellas, acharás remedio.

Pobre viuva, em soluçar dorido,
Vendo estendido seu marido morto,
Embora a dôr lhe despedace as fibras,
Herdando libras logo tem conforto.

Lá quando a morte resfriar meu couro,
Cubram-me d'ouro meu gelado collo,
Na tumba escura já eu seja, embora;
Saltando fôra, dansarei um sólo.

SAUDADE

(RIBEIRO)

Te lembras, virgem, dessa tarde triste,
Em que pediste que eu pensasse em ti?
Que dôr profunda trespassou minh'alma!...
Ventura... calma, tudo então perdi!

A noite veio,—desdobrou seu manto,
Correu-me o pranto, bem contel-o quiz!
Parti... deixei-te! —que terrível hora?!
— Não mais agora me has de vêr feliz!

Eu só quizera que pudesse o vento
Meu pensamento junto a ti levar;
Então verias como eu não t'esqueço,
Como padeço e como eu sei te amar!

As lindas tardes... as manhãs serenas
Recorda apenas minha voz sentida,
Sem que renasçam tão fagueiros dias
E as alegrias da passada vida!

Eu canto ás vezes o que a dôr inspira,
Ao som da lyra que tanger não sei;
Lamento a sorte que me opprime tanto,
Recorda quanto de prazer gozei!

P'ra mim a terra, por não vêr-te perto,
E' qual deserto sempre escuro e feio !
Pois é, donzella, meu viver no mundo
Abysmo fundo de pezares cheio.

Ah ! para os males que soffrendo vivo,
Um lenitivo só na terra existe :
— E' te lembrares que eu aqui, distante,
A cada instante por ti chamo triste.

TIVE UMA AMADA

(? . . .)

Tive uma amada, que era mesmo um anjo,
Foi um arranjo que encontrei na roça :
Não era ella como as da cidade
Mas sim deidade ! Que bonita moça !

A pallidez, que cobre as cidadôas
Não tinha, boas !... era bem vermelha,
Cintura larga, forte pé, bom braço,
Tinha um cachaço ! É que vivez d'abelha !

Pela manhã, lá quando surge a aurora,
Saltava fóra a conduzir o gado,
De saia curta de grosseiras meias,
Meu Deus ! que peias, e me lançava olhado !

Assim que a vi logo senti no peito
Bater-me a eito o coração tocado ;
Pisquei-lhe os olhos, atirei-lhe beijos,
Vi-me em desejos bem enrabixado !

Todos os dias hia eu em procura
Da formosura, que me consolava!
Era uma festa cheia de alegria!
Ella sorria quando me avistava.

Fiz-lhe um soneto, foi buscal-o ao Pindo,
Soneto lindo e de perfeita lavra,
Li-o uma tarde, e ella em vez de ouvir
Desatou a rir, e não pescou palavra.

Porém bem longe, de me dar de taboa
Não quiz que a inagoa me levassa á cova:
Deu-me um sopapo, foi ar de graça,
Foi por chalaça, foi por moda nova.

Em vez de prantos e suspiros ternos,
De ais eternos, qu'ouve um namorado,
Dava-me ella pencas de bananas,
Caldo de cannas, amendoim torrado!

Tomei coragem, quiz ir adiante,
E á bella amante por mostrar desejos
Uma manhã, que a encontrei dormindo
Cheguei sorrindo e lhe dei dous beijos.

Mas desta vez a pudibunda amada,
Que tão corada me matava fomes,
Brigou comigo e me chamou de peste
Fugio-me leste, e me chingou de nomes.

A TRANSVIADA (*)

(ED. VILLAS-BOAS)

Trajando galas, nos encantos bella,
 Caminha ella, sem se uida-a alguein ;
 Passa em carros, no theatro ostenta
 Tudo o qu'inventa, que lhe fique bem !

Porém qual flor, que no calor da festa,
 As pet'las cresta, p'ra dep'is murchar ;
 Ou mariposa, que a voar s'inflamma,
 Em torno á chamma, que buscou beijar ;

Assim foi ella : essa vil mundana,
 Na orgia insana se atirou—perdeu !
 Foi mariposa, que queimou as azas,
 Do ar or das brasas nunca mais s'ergueu !

E essa infame desprezando o esposo,
 Qu'eterno gozo lhe faria ter,
 Prestes se atira—que fat' d'loucura !
 Na vida impura, que lhe dá prazer !

Aman a elle, como amar no mundo
 Jámais profundo pôde amar alguein !
 D'extremos tantos des'embrou-se ingrata,
 Que o affecto o mata, no alcouce—além !

Tudo mais nobre que sentio seu peito
 Lá jaz de feto por at' óz affan !

(*) Este recitativo corre tambem com outro nome ; preferimos este por mais decente.

Matou-lhe as crenças infernaes orgias,
Noites sombrias, que não tem manhã!

Hoje apontada pelo audaz cynismo,
Mede o abysmo, quer fugir lhe em vão!
Que a turba aponta lhe uma bo'sa infame,
E em face brame—já não ha perdão!

Marcon-a o mundo com fútil sinete!
Esse ferrete,—que tão negro é!
E em represália,—já mulher perdida
Vive uma vida—sem moral—sem fé!

Maldiz o mundo, que a supporta ainda:
Se é bella ou linda, tem vassallos seus!
Mas não se lembra,—desgraçada errante,
Da fulminante maldição de Deus!...

Qual aguia altiva de voar ençada;
Mais : pressada na deserta vae;
Assim aquella, que per teu a calma,
Corpo sem alma na miseria cahe!

Mulher perdida, do que servem galas,
Ou meigas fallas, que fingidos são?
Se d'esses olhos em que affectas calma,
Lê-se a tu'alma que só diz traição?!

Que valem sedas, deslumbrantes modas,
Mercadas todas com tao vil moeda?...
Vende o corpo p'ra comprar entetos
Gozar delletos que a moral te veda!

Desenfreada nas paixões insanas,
 As vis mundanas atirar-se vão ;
 Todo seu ouro gastam em coquetice,
 E na velhice, nem sequer p'ra pão !...

Altiyos paços habitar pretendem,
 Ellas que vendem seu fingido amor.
 Rubras se mostram, virginaes, fugaces,
 Mas nessas faces já não há pudor !

Cynicás vivem, na miséria morrem !
 Nem ás soccorrem bemfazeja mão !...
 Bem penitentes ao sepulchro baixam
 E lá nem acham, uma cruz no chão !

NUNCA

(GRATULINO COELHO)

Tudo é mentira ! Se no mundo ha risos
 Sempre em meus olhos borbulharam prantos ;
 Se ha luz na vida, se prazer na gloria,
 Nunca meus labios desprenderam cantos.

Mimosas crenças em botão, morreram,
 Nunca a esperança perfumou minh'alma,
 E os doces sonhos de um feliz futuro
 Nunca mostraram da ventura a palma.

Nunca meus olhos encararam a sombra,
 Que as vezes triste me beijou no leito ;
 Sempre o delirio nos vai-vens da vida,
 Nunca o prazer a orvalhar-me o peito.

Nunca o sorriso de virgineos labios,
Aura de amores me inundou o seio ;
Nunca uma queixa modulada á medo
Tornou-me louco n'um suave enleio.

Embora ás vezes supplicante imploro
Vagando a esmó ao destino um fim ;
Sempre o desgosto me cavando a morte,
Nunca o repouso junto a cruz alfin.

Eu vivo e morro tacteando as trevas,
Verde esperança procurando em vão ;
Sempre, a agonia a me bradar : avante,
Nunca o cypreste da feral mausão.

Sempre uma luta incessante, infinda,
Sempre provauças e um viver sem luz ;
Sempre um desejo a fugir-me... uma ancia,
Nunca a donzella que meu ser seduz.

E nunca, nunca, esperanças, sonhos,
Nunca o sorriso no correr da vida ;
Sempre o veneno de mortaes enganos,
No abrir das flôres a illusão perdida !

Tudo é mentira ! Se no mundo ha risos,
Sempre em meus olhos borbulharam prantos,
Se ha luz na vida, se prazer na gloria,
Nunca meus labios desprenderam cantos.

JULIETA

(ALMEIDA E SILVA)

Tu és a estrella fulgurante e bella
Da noite immensa desta vida incerta,
E's os meus sonhos, a vizão benedita
De encantos divos e de luz coberta.

E então do peito no segredo eu guardo
Teu nome santo — festival reliquia,
Teu rosto n'euigo me acompanha sempre
Anjo benedito que ao poeta guia.

Vejo-te ás vezes e meu amôr se augmenta
Mais este fogo me consome a alma,
Soffro martyrios os espinhos crecem
Desta existencia na myriada palma.

Amo-te muito ! minhas mãos nas tuas
Tremem tocando n'uma chamma ardendo,
Se os olhos fito nos teus olhos negros,
Digo um poema que só tu compr'endo !

Anjo formoso que eu adoro à medo
Id'lo benedito ao n'eu culto santo,
Um pensamento para mim que soffro,
Dar-te-hei a vida, meu amor, meu pranto.

E quando inerte repousar p'ra sempre
Na campa fria que o viver consome,
Passa em meus sonhos festival, sorrindo,
E eu morto mesmo bendirei teu nome.

A' ALZIRA

(CELSO DE MAGALHÃES)

Tu és a folha embalsamada e casta
Do branco lyrio que se abrindo vem,
Ramo medroso que da mão se affasta,
Apenas esta lhe tocado tem.

Tu és a nota avelludada e linguída
Do canto mago da gentil serena,
Criança ingenua, em cuja face candida
Nem o vestigio de um pezar sombreia.

Tu és o cheiro que exhalar costuma
De manhanzinha, o laranjal em flôr,
Tu és o som do voejar da pluma ;
Porém no peito não possues amor.

— Menina— a vida entre folguedos passas,
E vês, bem limpo, o horisonte além,
Mas não te lembras qu'essas tuas graças
Um dia podem fascinar alguém?

A rôla mansa a tiritar de frio,
Procura abrigo no sedoso ninho :
Nesse teu collo de setim macio
Cede agasalho ao teu cantor mesquinho.

Da flôr agreste o aromado calice
Recebe orvalho que a manhã lhe dá :
Porque não deixas que em teu labio tremulo
A séde ardente mitigar eu vá ?

Porque não sabes o martyrio infindo
 Que o seio occulta, quando sente amor,
 E' que teu labio quando está sorrindo,
 Só manda risos á avesinha e á flôr.

Folga criança, emquanto o lago é limpido ;
 Pódes vogar ao teu batel de luz :
 Porém receia o arrebentar do incendio,
 Do peito em ondas, borbulhando em flux.

TU' E EU

(ROZENDO MUNIZ)

Tu és a fonte a deslizar-se limpida,
 Eu sou o arbusto a mirrhar-se n'agua ;
 Tu és o espelho das manhãs pulchérrimas,
 Eu sou a noite em que se espelha a magoa.

Tu és o lyrio que embellece os cómoros,
 Eu sou o goivo que entristece as almas ;
 Eu só floresço onde ha saudade e lagrimas,
 Tu mais floris onde ha mais riso e palmas.

Eu sou o inverno que desnuda as arvores,
 Tu, primavera que as leziras veste ;
 Tu dás mais vida ao peregrino allígero,
 Eu mais enluto o sepulchral cypreste !

Eu sou dos ermos voador notívago,
 Tu és calhandra que aviventa os ermos ;
 Eu vôo, sempre interrompendo jubilos,
 Tu revigoras com teu canto enfermos.

Eu sou do rio a correntesa soffrega,
Tu da caudal o procurado leito ;
Tu és a calma a triumphar dos impetos,
Eu corro e luto p'ra me vêr sujeito !

Tu és o alvo de olhos mil tão cupidos,
Eu sou o cego que não quer mais vê-los ;
Tu és a rocha aos vagalhães incólume,
Eu Prometheu a me finir de anhelos.

Tu és mais livre que o condôr da America,
Eu sou o escravo que as algemas beija ;
Tu és ás brisas a plumagem morbida,
Eu sou o labio que arrufar-te almeija !

Tu és a praia em que mil vagas quebram-se,
Eu sou a onda que a teus pés se dobra ;
Tu és da gloria a mais certa bússola,
Eu sou o nauta que, sem ti, sossobra !

Tu és a lua a despontar esplendida,
Eu sempre sou aos raios teus penumbra ;
Só de um olhar me reconheço automato,
Tu és o olhar que os olhos meus deslumbra.

Tu és a rosa de melliflúo calice,
Eu sou a abelha de teu mel sequiosa ;
Tu só me feres, se te affago as pétalas,
Eu te não deixo, encantadora rosa.

Eu sou da lyra o renascido Tántalo,
Tu és a musa caprichosa e linda ;
Crente sou eu, que só adoro um idolo,
Idolo és tu—de adoração infinda!—

Tu, que és a flôr, deixa-me ser teu zéphiro,
 Eu e tu, anjo, um só viver formemos ;
 Tu és o aroma, eu sou o olfacto—aspiro-te,
 Eu sou o amor, tu és a graça—amemos !

ROSA

(CANDIDO PASSOS)

Tu és a luz que a natureza adora,
 Brilhante aurora de purpureo véo ;
 Tu és querida e tão singela Rosa
 A flôr mimosa que baixou do céu.

Luz—não me fujas, teu fulgor me enleva,
 Rasga-me a treva deste peito meu...
 Flôr—não sejas tão cruel, esquiva,
 Deixa q'eu viva do perfume teu.

Formosa fada dos gentis archanjos,
 Mulher, dos anjos a mais bella houri ;
 Tu és o sylpho de paineis risinhos,
 Que ontr'ora em sonhos de prazer eu vi.

Fada—soccorre a quem te próza, quando
 Aos pés, chorando, te imploram lo cabé...
 Sylpho divino—mais u.n canto inspira
 Do bardo á lyra, que estalando vai.

Tu és o ente que distante ou perto
 Um brilho certo ao coração me traz ;
 Tu és, do mundo, soberana crença,
 A gloria immensa, q'eu desejo mais.

Ente querido—não me dés. por sorte,
Oh ! nunca a morte, no desprezo teu...
Crença —me anima, e tu serás, minh'alma,
O louro, a palma do futuro meu.

NOIVADO DO SEPULCHRO

(SOARES DE PASSOS)

Vai alta a lua ! na mansão da morte
Já meia noite com vagar souu ;
Que paz tranquilla ! dos vai-vens da sorte
Só tem descanso quem alli baixou.

Que paz tranquilla ! .. mas eis longe, ao longe
Funerea campa com fragor rangeu ;
Branco fantasma, semelhando um monge,
D'entre os sepulchros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se !... na amplidão celeste
Campeia a lua com sinistra luz ;
O vento geme no feral cypreste,
O mocho pia na marmórea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se ! com sombrio espanto
Olhou em roda... não achou ninguém...
Por entre as campas, arrastando o manto,
Com lentos passos caminhou além.

Chegando perto de uma cruz alçada,
Que entre os cyprestes alvejava ao fim,
Parou, sentou-se, e com a voz magoada
Os echos tristes acordou assim :

« Mulher formosa que adorei na vida,
 « E que na tumba não cessei d'amar,
 « Porque atraçôas, desleal mentida,
 « O amor eterno que te ouvi jurar ?
 « Amor ! engano que na campa finda,
 « Que a morte despe da illusão fallaz :
 « Quem d'entre os vivos se lembrára ainda
 « Do pobre morto que na terra jaz ?

« Abandonado neste chão repousa
 « Ha já tres dias e não vens aqui...
 « Ai quáõ pesada mé tem sido a lousa
 « Sobre este peito que bateu por ti !

« 'Ai quáõ pesada' me tem sido ! » e em meio,
 A fronte exhausta lhe pendeu na mão,
 E entre soluços arrancou do seio
 Fundo suspiro de cruel paixão.

« Talvez que, rindo dos protestos nossos,
 « Gozes com outro de infernal prazer ;
 « O olvido, o olvido, cobrirá meos ossos
 « Na fria terra sem vingança ter !

— « Oh ! nunca, nunca ! » De saudade infinda,
 Responde um echo suspirando além...
 « Oh nunca, nunca ! » repitio ainda
 Formosa virgem que em seus braços tem.

Cobrem-lhe as fórmãs divinas, airosas,
 Longas roupagens de nevada côr ;
 Singela e'roa de virgineas rosas
 Lhe cerca a fronte, de mortal pallôr.

« Não, não perdeste meu amor jurado :
« Vês este peito ? reina a morte aqui...
« E já sem forças, ai de mim, gelado,
« Mas inda pulsa com amor por ti.

« Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
« Da sepultura, succumbindo á dôr :
« Deixei a vida... que importava o mundo
« O mundo em trevas sem a luz do amor?

« Saudosa, ao longe vês no céu a lua ?
— « Oh, vejo sim... recordação fatal !
— « Foi á luz della que jurei ser tua,
« Durante a vida, e na mansão final.

« Oh vem ! se nunca te cingi ao peito,
« Hoje o sepulchro nos reúne em fim...
« Quero o repouso do teu frio leito,
« Quero te unido para sempre a mim ! »

E ao som dos pios do cantor funereo
E á luz da lua de sinistro alvor,
Junto ao cruzeiro, sepulchral mysterio
Foi celebrado, de infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
Já deste drama nada havia então,
Mais que uma tumba funeral vazia,
Quebrada a lousa por ignota mão.

A' UMA NOIVA

(M. L.)

Vai teu caminho! Não trepides... segue!...
Murcha da fronte a virginal capella,
Nem vês, criança, que o vendaval se ergue...
— Ai, da existencia na fatal procella ? !...

Fugir a patria, abandonar teus lares,
Deixar um seio carinhoso, amigo ;
E percorrendo a vastidão dos mares
Em sólo estranho procurar abrigo ;

Surda aos clamores d'extremado affecto
E ás santas queixas de uma mãe querida,
Ah ! nem tu'alma vacillou ao aspecto
Da triste sorte que t'espera em vida ! ?

Qu'importa? ... E's noiva ! .. No almejado enlace
Te crês ditosa do consorte ao lado !
De um extremo a outro t'encontrando em face,
Não, não lastimes teu viver passado !...

Vai teu caminho ! — Não trepides... segue !
Qu'importam sonhos da virginia idade,
Se além aos gozos do existir entregue
Sequer da quadra sentirás saudade ? !...

Mas, ah ! se um dia, no volver dos annos,
Do teu futuro desdebrado o manto,
— Victima incauta de fataes enganos —
Sintas a face humedecida ao pranto ;

Tão só... no exílio...—de teu lar distante,
N'alma a incerteza, vacillante e triste ;
Sem ter dos teus no labutar constante
A voz amiga—em que o consolo existe ;—

Então, criança, saberás, ai, tarde...
Que melhor fôra conservar-te virgem ;
De vãs chimeras não fazer alarde
Curvando a fronte na mendaz vertigem !

Se então voltares... no teu lar querido,
Onde te aguarda o fraternal conchego
Dos teus no extremo, —a tua dôr o olvido
Procura d'alma o perennal socego.

QUARTA PARTE

MULHERES E FLORES

(CICERO DE PONTES)

Aos hymnos da briza que vem susurrante
Da noite o sudario da aurora apartar,
Dissipam-se as brumas e a luz cambiante
Na face da terra se vem retratar !

Dourada cortina n'um chão de turquezas
Além resplandece no cimo dos montes,
E a relva mimosa nas lindas devezas
Se cobre de per'las que saltam das fontes.

Grinaldas de raios s'escapam dos ares,
De gratos aromas transborda a floresta :
E um doce concerto nos verdes palmares
Ao mundo desperta nos hymnos de festa.

E tudo floresce no mar de folhagem
Que vive, que avulta nas vivas campinas:
E o astro dos astros na sua passagem
De louros esmaltes adorna as collinas.

Nas faxas olentes palpitam as flôres
E as folhas nevadas desprendem a luz,
Mostrando nas fórmas, nas graças, nas côres
Um quadro pomposo que os olhos seduz.

E aos échos sonoros assim despertados
Os campos enchendo de terna alegria,
São virgens dormidas nas longas noitadas
Que aos beijos acordam dos raios do dia!

São nymphas aéreas, formosas donzellas
Que á noite se velam nos ricos sendáes;
Azues borboletas que gyram singelas
Ao canto das aves, aos sons matinaes.

De orvalho e perfume formaram-se as flôres,
Fez Deus as mulheres de luz e poesia;
Em umas realçam fragrantés vapores,
Resumem as outras—belleza e harmonia.

Na terra as mulheres são astros brilhantes
Dos sonhos a crença mais pura e sagrada:
São lindos poemas, são anjos errantes
Que a vida perfumam com dedos de fada.

E tudo que brilha, que falla de amores,
Que graças revela do sol á pureza,
Repete sorrindo:—Mulheres e flores!
Excelsa homenagem prestando á belleza.

A VIRGEM DA NOITE

(AUGUSTO ZALUAR)

A virgem da noite no azul transparente
Do lago trememente reflecte o perfil,
E o manto d'estrellas sorrindo desata
Em ondas de prata no ether subtil !

A terra abrazada palpita em desejos !
Nas selvas os beijos s'escutam de amor :
As auras travessas brincando nas ramos
Abraçam em chammas o collo da flôr !

Trepitam regatos por entre a verdura
De branca espessura, em doce gemer ;
Em vago, amoroso, celeste abandono
Parece que o somno convida o prazer !

A mystica sombra dos bosques frondosos
Nos campos saudosos phantasmas produz !
Eterna, incessante, suave harmonia
Nos diz—poesia—nos raios da luz !

Que noite ! E que immensa, profunda tristeza
Do céo na pureza, nos astros, no ar !
Saudade infinita, que as almas devora
Sentimos n'esta hora, pungir, abrazar !

Poeta, silencio ! Curvemos a fronte
Ao vivo horizonte de ignoto arrebol !
No seio da noite fecundo estremece
E surge, apparece em breve outro sol !

Extatico e mudo, adoro e contemplo !
Nas áras do templo me prostro ante Deos !
Mas tu, cujos cantos o genio illumina
Na harpa divina remonta-te aos céos !

EU TENHO CIUMES

(?.....)

Eu tenho ciumes dos negros cabellos,
Que presos ás tranças me chamam a ti;
Nos anjos formosos, perdidos na terra,
Tão lindos, tão bellos ainda não vi !

Eu tenho ciumes dos olhos ardentes,
Que chammas avivam no meu coração !
Nos ternos lampejos de timido fogo
Fascinam, seduzem de vivos que são !

Eu tenho ciumes da boca innocente,
Dos dentes tão alvos, do brando fallar,
Dos meigos sorrisos que brincam nos labios,
Que outrem não póde, não sabe imitar !

Eu tenho ciumes das faces rosadas,
Do collo que brilha, que juras ser meu,
Do leito em que dormes :—eu tenho ciumes
Dos sonhos de virgem, de tudo que é teu.

SONHO E REALIDADE

(RIBEIRO JUNIOR)

Eu vi-a brincando na arêa de prata
Que a praia se esmalta ao nível mar,
As louras madeixas nos hombros cahidas
Ao vento perdidas em doce brincar !

Seu collo arfava tão brando e sereno
Qual som tão ameno d'um canto de dôr,
Suspiros soltavam seus labios tremêntes
Que olhos dormentes... que sonhos d'amor !

Seu rosto era bello !... que fada... que houri !...
Que amores senti ao vel-a a pensar,
Vagando na praia seu canto soltava
Seu canto parava... e eu a vi a chorar !

Tu choras, ó virgem?... que sentes no peito ?
Ai! vejo desfeito teu canto de amor !
Não queiras, ó virgem que eu ouça teu canto
Tão cheio de pranto de magoas e dôr.

Sonhei-a !—que louco ! pensava na virgem
Que déra origem p'ra um canto tristonho !...
A nuvem risonha desfez-se mentindo
Mostrando sorrindo a realidade do sonho.

TRISTEZA

(SOARES DE PASSOS)

Extingue-se o anno, são findos os dias
Que os valles encheram de provida luz;
O inverno c'roado de nevoas sombrias
Seus pallidos gelos á terra conduz.

O rio em torrentes innunda as campinas,
As veigas perderam seu flóreo matiz,
Pesada tristeza reveste as collinas,
E as selvas que ha pouco sorrião gentis.

Em tudo a meus olhos avulta uma imagem
De triste abandono, de mystica dôr:
Apraz me este lucto que veste a paizagem,
Apraz-me esta scena d'extincto verdor.

Como estas campinas outr'ora florentes
Meus dias formosos floriram tambem,
Como ellas agora meus dias cadentes
Despidos de galas só lucto contém.

Quão rico d'encantos o tempo corria!
Que triste o presente, quão pobre ficou!
Só resta a saudade, qual vaga harmonia
Que uma harpa nocturna de longe soltou.

Mas essa que vale perdida a esperança?
Que vale um passado que já não é meu?
A flôr desbotada que importa a lembrança
Da aurora suave que aromas lhe deu?

Um dia outra quadra mais bella e mais pura,
Virã de bouinas ornar os vergeis ;
Mas vós, ó meus tempos d'amor e ventura,
Sois findos p'ra sempre, jámais voltareis.

Sondando o futuro minha alma conhece,
Que os ermos do mundo já rosas não tem ;
Já tudo declina, já tudo fenece,
O sol da ventura, e a espr'ança tambem .

Té mesmo em meu peito vacilla agitada
A chamma da vida perdendo o calor,
Meus dias declinão qual luz desmaiada.
Que doura as montanhas com tibio talgor,

Se tudo, ah ! se tudo findou no passado,
Se as trevas se estendem nos céus do porvir
Que esperas, minha alma? do livro do fado
São negras as folhas ; só resta partir.

Ao longe, quem sabe? sulcando as alturas,
Jardins mais formosos verás na amplidão,
De flôres eternas, d'eternas verduras
Que os gelos da terra jámais seccaráõ.

Temendo os rigores do outomno visinho,
As aves adejão buscando outros céus ;
Tu és, ó minha alma, qual ave sem ninho,
— Procura outros climas, rasgando os teus véus !

ANDORINHAS

(JULIO DINIZ)

Fugi, andorinhas, em mais longes plagas
Buscai outras praias, florestas e céu ;
Que é triste o branido que soltam as vagas
E um vento presago nos bosques gemeu.

Fugi, namoradas das flôres e estrellas,
Olhai : estes campos sem flôres estão,
E cedo os espaços, á voz das procellas,
Sinistros, cerrados, sem luz ficarão.

Fugi, apressai-vos, alados viajantes,
Em bandos ligeiros os mares cruzai,
Por outros paizes, por selvas distantes,
Mil flôres e aroma, mais luz procurai.

Deixai estes montes de neve c'roados,
As selvas despidas, e as folhas sem côr,
As grossas torrentes e os troncos quebrados
E os valles cobertos de denso vapor.

E quando mais tarde, na verde campina
As rosas voltarem com viço a florir,
E as serras, despidas de intensa neblina,
Virentes, formosas se virem surgir ;

E quando deslisem na praia arenosa
Mais lentas, mais brandas, as vagas do mar
E das lorangeiras de copa frondosa
Cahirem as flôres no chão do pomar ;

E quando fugirem informes, pesadas,
As nuvens sombrias que se erguem do sul,
Correndo dispersas e em flocos rasgadas
Nos plainos immensos de um limpido azul ;

Voltai ; nova quadra de amores vos chama,
Dos climas distantes p'ra estes partir ;
Então tudo é vida, já tudo se inflamma,
Ha luz, ha perfumes, faltaes vós aqui !

Voltai, que de novo serão florescentes
As selvas, os prados, o monte, os vergeis ;
Quietas as brisas, as aguas dormentes
Nos lagos tranquillos de novo vereis.

Só eu que vos sigo com vistas saudosas
Ao vosso desterro dos mares além,
Já quando no prado brotarem as rosas,
Talvez não reviva co'as rosas tambem.

Ai, não, não revivo, que o vento do outomno
Gemendo angustiado nas brenhas do val,
Convida-me ao leito do placido somno
E as nenias entôa do meu funeral.

Eu morro ! Na chamma do sol que declina
Bem sinto o presagio d'um proximo fim.
Se um dia voltardes à nossa collina,
O' doces amigas ! lembrai-vos de mim ;

D'aquella, que, triste, vagando no olmedo
O adeus da partida vos veio dizer :
Quem sabe das campas o occulto segredo ?
Talvez vossos cantos eu possa entender.

Talvez que, ao ouvir-vos a queixa sentida
Quebrando das noites a triste mudez,
A sombra dos cedros da escura avenida
Acorde, a escutar-vos ainda uma vez.

O GIGANTE DE PEDRA

(GONÇALVES DIAS)

Gigante orgulhoso de fero semblante
N'um leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante
Que os raios sómente poderão fundir.

Dormido atalaia no serro empinado
Devera cuidadoso, sanhudo velar,
O raio passando o deixou fulminado
E a aurora que surge não ha de acordar!

Co'os braços no peito, cruzados, nervosos
Mais alto que as nuvens, o céus a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos,
Seus pés sobranceiros se elevam do mar!

De lavas ardentes, seus membros fundidos
Avultão immensos: só Deus poderá
Rebelde lançal-o dos montes erguidos
Curvados ao peso que sobre elle 'stá.

E o céu, e as estrellas, e os astros fulgentes
São velas, são tochas, são vivos brandões,
E o branco sudario são nevoas algentes,
E o crepe que o cobre são negros bulções.

Da noite que surge no manto fagheiro
 Quiz Deus que se erguesse de junto a seus pés,
 A cruz sempre viva do sul no cruzeiro
 Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfuma-no odores que as flôres exhalam,
 Bafejão-no carmes d'um hymno d'amor,
 Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalam,
 Dos ventos que rugem do mar em furor.

E lá na montanha, deitado, dormindo,
 Campeia o gigante—nem póde acordar!
 Crusados os braços de ferro fundido,
 A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar!

CIUME

(JORGE CUSSEN)

Mais longe e mais dura que um velho remorso—
 Que ao crime acompanha, me punge uma dôr:
 Qual serpe que os membros nos tolhe—partidos—
 Me enluta os sentidos—me prostra o ardor!

Pudéra ser sonho!—Pudéra—illudido—
 Me crer esquecido sem tibia razão!
 Pudéra o martyrio que o peito me innunda
 Causar só profunda—cruenta illusão!

Mas não! minha mente, p'ra sempre desperta,
 Ficções não debuxa—chiméras não vê
 No espaço pendidas—co'as azas escuras
 Nublando as venturas—quebrar minha fé.

Ciume !—braseiro que as chammas accende
De um fogo donoso, se —ausentes—penamos ;
Ardente golphada de lava aquecida
Que lavra embebida nos sonhos que alçamos.

Ciume! —agonia, tortura apurada
Que os brios nos tolhe : —tu és o meu mal!
Quizera expellir-te, julgar-te chiméra,
Fugir-te quizera . mas qu'rer o que val ?

Se—triste—te vejo, scismando—formosa,
Co'os olhos que adora fitados no céo
Saudosa te creio de um outro—ditoso
Mais ledo e gracioso —mais crido do qu'eu !

E eu sinto ciume—lethal soffrimento
Me rouba o repouso, me extingue o prazer ;
— Amar como eu amo—sem ter alegria,
E' em lenta agonia—morrendo—viver !

Assim, por piedade, se queres provar-me
Que tenho em tu'alma distincto lugar
Não desforço á flamma que aquece minh'alma,
Sem paz e sem calma—zelosa—a penar.

As flôres nem olhes que as vistas te prendem,
Nem fiques um'hora—pensando—sem mim,
Se—Julia—tu queres que eu possa—ditoso—
Louvar-me, orgulhoso, de amar tanto assim.

Não ouças protéstos que aos pés te rojarem,
Nem echos—nem restos de afouto louvor ;
— A mim só escuta, que dei-te minh'alma,
E peço-te a palma—pedindo-te amor !

NEVOAS

(F. VARELLA)

Na hora em que as nevoas se estendem nos ares
Que choram nos mares as ondas azues.
E a lua cercada de pallida chamma
Na selva derrama seu pranto de luz.

Eu vi....maravilha! Prodigio ineffavel!
Um vulto adoravel, primor dos primores
Sorrindo às estrellas, no céu resvalando,
Nas vagas boiando de tenues vapores!

Nos membros divinos, mais alvos que a neve,
Que os astros, de leve, clareiam formosos,
Nas tranças douradas, nos labios risonhos
Os genios e os sonhos brincavam medrosos!

Princeza das nevoas! Milagre das sombras!
Das roseas alfombras, dos paços sidéreos,
Acaso rolaste, dos anjos nos braços,
Dos vastos espaços aos mantos ethereos?

Os prantos do inverno congelam-te a fronte,
Os combros do monte se cobrem de brumas,
E quêdas repousas n'um mar de neblina
Qual perola fina n'um leito de espumas!

Nas nuas espaduas, dos astros algentes,
O sôpro não sentes raivoso passar?
Não vês que se esvaem miragens tão bellas
A luz das estrellas não vês se apagar?

Ai ! vem que nas nuvens te mata o desejo
De um fervido beijo gozares em vão !
Os astros sem alma se cançam de olhar-te.
Nem podem amar-te, celeste visão !

E as auras passavam, e as nevoas tremiam;
E os genios corriam no espaço a cantar,
Mas ella dormia, gentil, peregrina,
Qual pallida ondina nas aguas do mar !

Estatua sublime, mas triste, sem vida.
Sem voz envolvida no hiberneo sudario,
Verás, se me ouvires, trocado por flôres,
Por palmas de amores teu véo mortuario !

Ah ! vem, vem minh'alma ! Teus louros cabellos !
Teus braços tão bellos, teus seios tão lindos,
Eu quero aquecel-os no peito incendiado....
Contar-te ao ouvido meus sonhos infindos ! j

Assim eu fallava, nos amplos desertos,
Seguindo os incertos lampejos da luz,
Na hora em que as nevoas se estendem nos ares,
E choram nos mares as ondas azues.

As brisas d'aurora ligeiras corriam,
As flôres sorriam nas verdes campinas,
Ergueram-se as aves do vento a bafagem,
E a pallida imagem desfez-se em—neblinas !

SOMBRAS

(THEOPHILO DIAS)

Na hora em que as nuvens dormitam no espaço
Do céu no regaço de fulgido alvor,
E a lua cançada seus raios esfria
Na rêde sombria dos ramos em flôr :

Eu vi ! nem foi sonho de formas sem vida
Que a mente illudida, por acaso, gerou.
Nem anjo, nem fada de nitidas plumas,
Que em carro de brumas na terra passou.

Eu vi ! reclinado n'um berço de rosas,
De folhas cheirosas, á luz do luar,
Um corpo formoso de humana estatura
Que aerea figura pudera invejar !

Nos hombros de jaspe cahindo em novellos
Um laço os cabellos de manso prendia ;
D'uma harpa nas cordas seus dedos passavam
E os ares pejavam de ignota harmonia.

A brisa esflorando seus labios a medo,
Lhe ouvia um segredo d'incognito amor
E a lua banhava tremente e mortica
Na frouxa enredica dos ramos em flôr.

Oh ! filha das sombras, nas sombras nascida,
Que endeixa sentida murmuras aos ventos ?
Na dôr que te punge meu peito s'embebe,
Minh'alma recebe teus doces lamentos !

Se amarga tristeza teus dias invade,
Se vens de saudades nos ermos carpir,
Não sabés ? as brisas, os astros, as flôres,
Tristezas de amores não pódem sentir !

Eu fujo do mundo que o genio degrada,
Se o crmo te agrada, m'encanta a soidão,
Nos ermos se sentem, á sombra dos lyrios,
Melhor os delirios de accesa paixão.

Oh ! vem ! peregrina visão de meus sonhos,
Teus olhos tristonhos, teus labios sem côr,
Eu quero animal-os n'um beijo tão leve
Que a forma de neve não turve o pallor.

Encanto das selvas ! Que rir merencorio !
Teio seio marmoreo tiritita de frio !
Meu Deus ! que eu não possa morrer suspirando
De vida innundando teu peito vasio !

E a noite era linda e os echos dormiam
E os astros tremiam do espaço no alvôr
E a lua brilhava dormente e calada,
Na trança doirada dos ramos em flôr.

E a diva das noites a fronte saudosa
Cobrio-se medrosa de nuvens azues,
A luz das estrellas turbou-se n'allombra
E a filha da sombra... desfez-se na luz !

NÃO CREIAS, MEU ANJO

(?)

Não creias meu anjo, no mundo, na vida,
Nos risos, nas fallas, nos homens, no amor ;
O mundo te illude, e a vida n'um sonho
S'esvae, s'evapora no aroma da flôr!

Não creias, meu anjo, nos doces sorrisos,
Nas fallas ardentes que accendem paixão ;
As vezes n'um riso se occulta o veneno
Que em fallas ardentes nos mata a razão.

Não creias nos homens, no amor que fingido
Te arrasta a um abysmo maior do que elle é ;
Se perdes, meu anjo, dos anjos a essencia,
Nas sombras do abysmo não tornas a fé.

No altar do teu seio contemplo a virtude
Que acerca a tua alma de encanto e de luz ;
Que mysticas flôres te adornam a fronte,
Que arroubo, meu anjo, que ao céu te conduz !

As glorias do mundo, da vida, dos risos,
Das fallas, dos homens, do amor, o que são ?
Saudades e prantos, e dôr e angustias,
Em brilhos fallazes, em doce illusão !

Não creias, meu anjo, senão na virtude
Que enche tua alma de encanto e primor,
Não creias no mundo, na vida, nos risos,
Nas fallas, nos homens, não creias no amor.

O LAÇO DE FITA

(CASTRO ALVES)

Não sabes, creança? 'stou louco de amores...
Prendi meus affectos, formosa Pepita,
Mas onde? No templo, no espaço, nas nevoas?!
Não rias, prendi-me

N'um laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas,
Nos negros cabellos da moça bonita!
Fingindo a serpente qu'enlaça a folhagem,
Formoso enroscava-se

O laço de fita.

Meu ser, que voava nas luzes da festa,
Qual passaro bravo, que os ares agita,
Eu vi de repente captivo, submisso
Rolar prisioneiro

N'um laço de fita.

E agora enleuada na tenue cadeia
Debalde minh'alma se embate, se irrita....
O braço, que rompe cadeias de ferro,
Não quebra teus élos

O' laço de fita.

Meus Deus! As phalenas têm azas de opala
Os astros se libram na plaga infinita,
Os anjos repousam nas pennas brilhantes...
Mas tu... tens por azas

Um laço de fita.

A' pouco voavas na celere walsa,
 Na walsa que anceia, que estúa e palpita.
 Porque é que tremeste? Não eram meus labios...
 Beijava-te apenas...

Teu laço de fita.

Mas ai! findo o baile, despindo os adornos,
 N'alcova onde a vela ciosa... crepita,
 Talvez da cadeia libertes as tranças
 Mas eu... fico preso

No laço de fita.

Pois bem! Quando um dia na sombra do valle
 Abrirem-me a cova.... formosa Pepita!
 Ao menos arranca meus louros da fronte,
 E dá-me por c'róa...

Teu laço de fita.

O MENDIGO

(SOARES DE PASSOS)

Nas torres soberbas da grande cidade.
 O sol desmaiando não tarda a morrer;
 Recrescem as sombras: que importa? A vaidade
 No manto das sombras envolve o prazer.

E o velho entretanto lá sobe a montanha,
 Caminha, caminha, no cimo parou:
 Em frigidias gotas o rosto lhe banha
 Suor copioso, que á terra baixou.

Quiz antes da morte, nas serras distantes
 Fitar inda os olhos cançados da luz;
 A aldeia da infamia saudar por instantes,
 Depois satisfeito depôr sua cruz.

Olhou, e um suspiro de vaga saudade
 Juntou a seus prantos em funda mudez ;
 Depois, ao volver-se, topando a cidade,
 Que em ebrio tumulto folgava a seus pés :

« Mal hajás, cidade, que ao pobre faminto
 « O pão da desgraça negaste cruel !
 « Mal hajás, mal hajás, que a terra do extinto
 « Talvez lhe negáras, a tumba infiel ! »

E exausto e sem forças cahio de joelhos,
 E a fronte cançada firmou no bordão :
 Passados instantes, os olhos vermelhos
 Ao céu levantava, dizendo : perdão :

Cahiam-lhe soltas no collo vergado
 As longas madeixas em brancos anneis ;
 Que nobre semblante de rugas sulcado,
 Sulcado dos annos, e magoas crueis !

» Perdão para as vozes que solta a desgraça !
 « Perdão para o triste, perdão, ó meu Deos !
 « Bem hajás, que aos labios lhe roubas a taça
 « De fel e amarguras, abrindo-lhe os céos.
 « Já filhos não tenho, levou-m'os a guerra ;
 « Esposa não tenho, finou-se de dôr ;
 « Amigos não vejo na face da terra :
 « Que faço eu no mundo? Bem hajás, Senhor !
 « A's portas do rico bati sem alento,
 « Eu rico n'outr'ora, mendigo por fim:
 « O rico, sem alma negou-me o sustento,
 « Aquelles que amava fugiram de mim.

« Vaguei pelo mundo, nas faces myrrhadas
 « Colhendo os insultos que ao pobre seidão ;
 « Sem pão, sem abrigo, por noites geladas
 « Pousei minha frente nas lageas do chão.

« Que vezes a morte chamei sem alento,
 « Cançado dos annos, e fomes, e dôr !
 « A morte não veio : soffri meu tormento...
 « Só hoje me ouviste : bem hajás, Senhor !

« Os homens e o mundo negaram-me os braços
 « Mas tu me recolhes, tu me abres os teus....
 « Minha alma te busca, desprende-a dos laços....
 « Perdão para todos, perdão, ó meu Deos !

E um ai derradeiro soltou d'anciedade,
 Cahindo por terra nas urzes do chão :
 Ao longe, no seio da grande cidade,
 Brilhava das festas nocturno clarão.

TEU NOME

(PINTO NEVES)

No canto sonoro, e echos da lyra,
 na flôr que respira, perfume em botão,
 nos olhos formosos da moça morena,
 que affectos acena com firme paixão ;

Nas vozes do vento, no seu murmurio,
 nos echos do rio, nas queixas do mar,
 nos threnos sentidos que sahem das frautas,
 no canto dos nautas ao brando luar ;

No canto da rôla que chora sentida,
na quadra querida d'um sonho infantil,
no calix do lyrio, nas folhas da rosa,
na quadra amorosa, nas galas d'Abril ;

Nos doces protestos da virgem que adora,
no brilho d'aurora—na luz d'esperança,
na crença sincera d'um peito contente,
no riso innocente da orphã—creança ;

Na altiva cascata que açoita a folhagem,
na doce bafagem das auras d'estio,
n'um céu de saphyras, nos raios da lua,
quando ella vem nua banhar-se no rio ;

Nas brandas correntes de manso ribeiro,
no vôo ligeiro da branca pombinha,
nos traços sublimes d'um rosto mimoso,
no canto queixoso da terna andorinha ;

Nos prados, nos bosques, nos montes, na serra
nos mares, na terra, no sol q'a illumina,
nas franças das arvores que o vento balouça,
nas fallas da moça que a amar nos ensina ;

Eu leio teu nome, voeta inspirado,
mais cheio de gloria que o meu tão mesquinho,
aqui nos meus versos t'o deixo gravado,
Francisco Gonçalves da Costa Sobrinho.

SAUDADES

(A. E. ZALUAR)

No cimo dos montes, ao som da corrente,
Que a lua trememente prateia a fulgir,
Que horas eu passo—scismando, scismando
E ás sombras fallando que vejo surgir.

Agora na encosta da penha escalvada
Divisò estampada de negro uma cruz,
E tu, junto della, pousar vagarosa,
Oh! virgem formosa, banhada de luz.

Depois de joelhos, os labios agitas,
E tremes, palpitas, pedindo ao Senhor;
Talvez me converta da vida os espinhos
Em brandos carinhos, em sonhos d'amôr!

Immovel outr'ora na plaga deserta
Eu vejo-te incerta, celeste visào,
Crusando teus braços no seio tão bello
E o negro cabello rojando no chão.

Ao brilho dos astros, da brisa ao alento,
Ao vago lamento do rio a chorar,
Eu ouço-te e vejo-te, ó candida imagem,
Do bosque a folhagem passando agitar.

De ti separado—que fundo martyrio!...
Eu sinto em delirio que esta alma s'esvai;
E quero do exilio, na dôr que me opprime,
Um grito sublime mandar-te n'um ai!

Agora que a lua parece que a medo,
A face em segredo saudosa escondeu ;
Eu juro que a morte não póde apartar-nos
E havemos amar-nos na terra e no céu !

O BRAZIL

(MARQUES RODRIGUES)

Os templos soberbos da Grecia formosa
Os arcos de Roma, de Roma orgulhosa,
Não cobrem, não ornão meu patrio Brazil ;
Estatuas não temos, primores das artes,
Mas temos os bosques por todas as partes.
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

Os rios gigantes, as limpidas fontes,
As flôres, os fructos, os prados, os montes
Esmaltão, protegem meu patrio Brazil
E o canto das aves na selva escutamos,
E o sol não tememos, e a sombra buscamos
Nas verdes palmeiras viçosas a mil.

As Venus, as Graças, os loucos amores,
Celestes no mármór, na fôrma, nas côres
Não temos, não temos no patrio Brazil ;
Mas temos as virgens d'olhar expressivo,
De rosto moreno, caracter altivo
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

E virgens e homens e bosques e mares
E tudo que vive na terra, nos ares

E' bello, é sublime no patrio Brazil :
Azul é o céu, as mattas formosas,
Valentes os homens, as virgens mimosas
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

DELIRIO

(PINHEIRO CALDAS)

Que fazes, meu anjo?... Tu descas librada
Nas azas mais brancas que a branca cecem,
E vens segredar-me, na terra, sorrindo,
Delicias ignotas que o mundo não tem?!...

A' vida vivida nos loucos emba tes
De um goso mentido, de um goso fallaz,
Trouxeste os encantos de nova existencia
Nos sonhos bemitos que a esperança nos traz!

Bem hajas, meu anjo, que a vida me deste,
A vida mimosa de viço e frescor ;
A vida tão cheia de amenos encantos,
Nos gratos extremos de um fervido amor.

Bem hajas, meu anjo !... Que venhão rojar-me
Do throno de gloria a que, altivo, subi!...
Que venhão, se podem, matar em minh'alma
Os longos anhélos que nutro por ti.

Que venhão, ousados, quebrar um só élo
Da santa cadêa que amor nos lançou!
Quem foi baptisado n'um rio de prantos,
Jámais do baptismo, infiel, renegou...

Soberbo, meu anjo, do amor que me deste,
Ao mundo eu quizera mostrar-te qual és...
Embora esse mundo sorrisse maldoso,
Então, mais ufano, vergára a teus pés.

Se é crime esse affecto, tão nobre tão puro,
Que em prantos, um dia, no peito nasceu ;
Adoro esse crime, que traz a minh'alma
Alentos que nunca a virtude me deu !

Adoro esse crime !...—Por elle hei de erguer-me!
Erguendo-te aos mundos da gloria tambem !
E'—a unica palma que posso offertar-te ;
Mas vale grandezas que o ouro não tem...

Amor de minh'alma ! Meu anjo adorado
Terás, em meu peito, lugar sem rival !
Se ao peito quizessem roubar esse affecto...
Que o roubem c'o a ponta de agudo punhal !...

AO SOL

(A. J. DE SOUZA)

Que fazes, possante. no ar dominando
Teu fogo espalhando por montes e valles ?...
Revela quem deu-te tamanho poder,
Revela o teu ser—revela, não cales.

O mundo se agita apenas despontas
Apenas apontas—ao longe fulgindo ;
Mil hymnos da terra ao céo se levantam
Das aves que cantam aos ninhos fugindo.

Do prado as florinhas esperam contentes
Teus beijos ardentes, ardentes repletos de amor ;
A relva mimosa, de orvalho banhada,
Espera curvado teu doce calor.

Em toda a natura renasce a alegria ;
Apenas o odio em teu carro se mostra
Até do deserto selvagem feroz
Correndo veloz constricto se prostra.

Que mago deleite, que doce langor
Teu vivo calor—nos lança dos ares,
Nas horas da sésta, lá quando dominas
As verdes campinas—o leito dos mares !...

Então tu imperas da brisa aos bafejos,
Mil loucos desejos—fazendo sonhar ;
Porém—sobranceiro—ao mundo sorrindo,
Tu vás proseguindo—no teu caminhar.

E quando completas teu gyro no espaço,
E vás no regaço—do mar t'inclinando ;
Que santo mysterio ! que doce magia,
Que meiga poesia ! vás tu espalhando !...

Do prado os cantores te mandão do seio,
Em doce gorgueio, canções sonoras ;
Nas azas da brisa te mandão as flôres
Suaves odores—das pet'las mimosas.

Oh Sol... quem és tu, que lá dessa altura
A toda a natura—dás tanto esplendor?...
E's rei do Universo, do céo habitante,
Ou facho brilhante—nas mãos do Senhor?...

Ah!... diz-me o segredo de tua existência,
Revella a essência—que encerras contigo;
A' luz de teus raios, em basta floresta,
Nas horas da sésta—*conversa commigo*

A LUA

(RODRIGUES PROENÇA)

Que fazes risonha, mirando esses mares
Suspensa nos ares vagando nos céos?...
Quem és? que mysterio? revela o segredo,
Revela que é cedo, se és filha de Deus!

O doce cortejo d'estrellas mimosas
Gentis, luminosas te seguem além!
Expande não temas—teus pallidos raios,
E n'esses desmaios, me falla tambem!

Se fallas, conversas... sósinha;
Caminha, caminha, mas dize o que és?
E' mundo perdido no céu purpurino
Ou throno divino da virgem aos pés.

Espera! não fujas! não fujas do dia!
Celeste magia não cesse, derrama,
Eu amo-te os ternos, os meigos pallores
Nos labios de amor que ao peito s'inflamma.

As flôres te adoram que orvalhos sabindo
Da nuvens fulgindo ligeira a brilhar
O lago alvacento nas aguas de prata
Teu porte retrata no seu soluçar!

Os montes altivos e serras tu beijas
A relva vicejas do prado a morrer !
E's astro de amores suspenso nos ares
Tombando nos mares, rolando a correr !

Ai ! dize não cales, se és alma de fada
Ou alma penada no espaço perdida ?
Ou noiva d'um santo tão alta embalada
Ou prece sagrada d'um anjo cahida ?

Se foste da terra que sina é a tua ?
Não fujas, ó lua, não fujas do dia,
Eu canto-te os transes, as magoas do seio
No fervido aneio qu'est'alma angustia !

As paginas soltas do livro da vida
Soletra querida se foste da terra ;
Porém vagabunda se foges errante
Na luz vacillante teu manto descerra.

Que horas propicias !... que doces momentos !
Applaca os tormentos qu'eu soffro contigo,
Espera ! do vento no placido açoite
Princeza da noite conversa commigo.

ESCUA

(M. L.)

Quizera dizer-te, mimosa donzella,
Que és meiga, que és bella, que és linda sem par ;
As crenças de amores jurar-te que as sinto
Escuta—não minto—quizera te amar !

Não crês?! Qu'importa que louco me chammes
E o peito m'inflames de amor e paixão?
Qu'importa—se joven, na quadra festiva
Desdenhes, esquiva, de meu coração?

Minh'alma te adora... meu peito suspira:
E a mente delira da febre no ardor!
Qu'importa que digas:—são fallas mentidas
As vozes sentidas do teu trovador?!

Comtigo a existencia se mostra risonha!
Sem ti—ai, medonha, que vida, meu Deus?!...
Attende-me, ó virgem, concede que ao menos
Teus olhos serenos se volvam aos meus!

Eu soffro e padeço!.. da luta na lida
A crença querida fallece afinal!
Vem tu pressurosa trazer-me a bonança,
De amor, d'esperança mostrar-me o fanal!

A luz da esperança diffunde em minh'alma!
Ai! cede-me a calma, a paz do viver!...
Se—sonho ou loucura—de amor me alimento,
Abranda o tormento de um longo soffrer!

Vem ser o meu guia... caminho no escuro...
Além... ao futuro meus passós conduz!
Ah! dá-me a ventura qu'eu della preciso,
De amor o sorriso, das crenças a luz!

SE EU FOSSE QUERIDO

(GONÇALVES DIAS)

Se eu fosse querido d'um rosto formoso,
 Se um peito extremoso pudesse encontrar,
 E uns labios macios, que expiram amôres
 E abrandam as dôres de alheio penar;

A tantos encantos minh'alma rendida,
 Votára-lhe a vida—que Deus me quiz dar...
 Constante a seu lado, seus sonhos divinos
 Ao som dos meus hymnos—quizera embalar.

Depois, quando a morte viesse impiedosa
 Da amante extremosa—meus dias privar,
 De funda saudade minh'alma fendida
 Votára-lhe a vida—que Deus lhe quiz dar.

SONHEI !

(?....)

Sonhei ! ah dormia c'o as mãos sobre os seios
 Talvez nos anceios d'um vago sonhar !
 E vinhão-lhe ao rosto quebrar-se em desmaios
 Os pallidos raios de um tibio luar.

Que noite ! que ar puro ! que magico effeito
 Nas fibras do peito senti palpitar,
 Que sustos, que angustias ! por vél-a abatida
 Por vél-a dormida tão perto do mar !

E a noite ia alta ! e a brisa gemia
E o mar parecia querel-a beijar ;
Dormia tão perto que os alvos vestidos
Julguei confundidos e' o a espuma do mar !

Assim que avistei-a de longe correndo
Cheguei-me tremendo já quasi a tocal-a...
Propicia era a hora da noite o ensejo,
E louco n'um beijo fui quasi acordal-a.

Mas antes do beijo depôr-lhe na fronte
No largo horisonte, eis, surge-me o dia !
O engano desfez-se ; a sombra fugio-me
Fugiu-me ! e entre as nevoas da noite perdi-a,

TU PEDES UM VERSO

(?.....)

Tu pedes um verso, gentil moreninha
Se queres meu canto tristonho te dou,
Não sintas que eu chore, que o choro é meu canto,
Morreram meus gostos, poeta não sou !

Tu pedes um verso, gentil moreninha,
Vem prestes sentar-te bem junto de mim,
Escuta uma historia dos tempos passados,
Mas olha não chores, não chores assim.

Escuta uma historia dos tempos passados,
Historia tão triste, que eu temo contar-te,
Amei uma virgem seu nome era Rosa ;
Morena tu coras ? não quero enfadar-te.

Amei uma virgem, seu nome era Rosa,
Morena, tu sabes, que vida eu gozava?...
Amaste algum dia? responde ó morena,
A vida era um sonho, sonhando a passava.

Amaste algum dia? responde ó morena
Sentiste no peito doçuras de amor,
Trocaste algum beijo nos fervidos votos,
Cercados da brisa, dos cêos, e da flor?

Trocaste algum beijo nos fervidos votos,
Morena, trocaste na jura sagrada,
E' prece divina que os anjos entoão,
Se jura tão santa persiste guardada.

E' prece divina que os anjos entoão,
E ella jurava, jurava constante,
Na patria querida sorrindo aos prazeres,
Com fé protestava nas juras de amante.

Na patria querida sorrindo aos prazeres
Eu tinha esperanças de um doce porvir,
Um dia para longê dos lares paternos
Jámais eu pensára tão cedo sahir !

Um dia para longe dos lares paternos,
A sorte imprevista meus passos guiou,
Morena, eu não digo, meu peito se parte,
Mas ouve, essa virgem as juras quebrou.

Morena, eu não digo, meu peito se parte,
Distante da patria dous annos passei,
Voltava eu contente, correndo a chamal-a
Nadava em prazeres quando ella avistei !

Voltava eu contente correndo a chamal-a
Mas vejo que um outro beijava-lhe a mão...
Não sou eu teu noivo? risonho lhe digo
A impia sorrindo—responde-me—*não!*

UM DIA EXHAURIDO

(QUIRINO DOS SANTOS)

Um dia exaurido nas lutas da sorte,
Cançado, de morte bem perto me achei!
Teu rosto adorado volveste-me, ó virgem,
Da louca vertigem tremendo accordei!

Nas fragas desertas dos ermos do mundo,
No abysmo profundo da vida ao sopé,
Conduzes meus passos por entre as ruínas
E alegre me ensina os trilhos da fé.

Nas horas em que o bosque desfaz-se em perfumes
E um facho de lumes percorre a extensão,
Que ao longe do outeiro no placido encosto
De um vago sol posto vacilla o clarão;

E o astro saudos seu manto alvejante
Desdobre distante no immenso alcantil,
Por entre a espessura, veloz, terra á terra
Nas bargas da serra tremendo gentil;

Eu julgo o universo pequeno recinto
P'ra ancias que eu sinto de um gozo maior!

Teus olhos serenos me trazem bonança
Dizendo—esperança na vida melhor !

Das sombras da terra me acenas sorrindo !
N'um extasi infindo m'elevas ao céu
Em mystico amplexo nos une o destino
N'um somno divino, meu ser prende ao teu !

A's vezes scismando minh'alma estremece.
Nas trevas parece querer se afundir !
Buscando as venturas de um frio passado
No vago enublado de um longe porvir !

Não sei que tristeza meu peito circunda,
Meus olhos innunda de prantos n'um ai !
As fundas miserias dos homens attento
E em crú desalento meu rosto descáe !

No mar de meus sonhos então branda estrella
Calcando a procella derramas a luz !
Chorando me apontas um mundo infinito
Com sangue descripto nos braços da cruz !

O ARTISTA

(?....)

Zombaste mulher com um riso de escarneo
Do pobre artista—todo o fogo ardor—,
Amaval-o dizias julgando talvez
Que, fóra do mundo algum rico senhor.

Sou artista mulher! e não me importa do mundo
Os risos que o mundo de escarneo me lança,
Se agora eu soffro os desdouros da sorte
Que importa mulher! se eu nutro esperança.

O artista mulher! é um ente na terra
Que engrandece o paiz e que enriquece a nação,
Se o brilho das artes com gloria conquista
E' um rei o artista—tem da patria a benção.

Nas estatuas gigantes nossa fama revive
Revive nas fôrmas, nos gestos, nas côres
De tudo que é bello, que é grande e sublime
Se orgulham os artistas de serem senhores.

Passam-se os tempos, os povos se findam
Finda-se tudo, que no mundo nasceu;
No Capitolio de Roma, lá as artes revelam
O mudo semblante do guerreiro—Pompêo.—

Se morre o artista, lamentam-lhe a morte,
Se a arte o elevou ao apogêo da gloria,
Sobre a lousa da campo lhe gravam o nome
E o seculo se passa sem offuscar-lhe a memoria.

O artista mulher! só aspira gloria,
Não deseja thesouros, nem tem ambição
O corpo cansando, passa a vida com honra
E o ferrete no rosto, não tem de ladrão!

Muitos ricos de noite não gozam da paz
Que, goza um artista em seu leito profundo,
Que, remorsos continuos, phantasmas perseguem
A homens que gozam grandezas do mundo.

Eu quero mulher! de andrajos coberto
A vida passar, de ti esquecida
Detesto riquezas, que á vil ambição,
No mundo se alcança com mão fratrecida.

A fronte levanta, artista que és nobre!
Não lamentes ser pobre, se és rico de gloria;
Quando a morte ceifar-te n'esta vida de enlevos
Teus louros não ceifa, lá vive na historia:

FIM

INDICE

As poesias deste volume, isto é, os *recitativos* estão divididas em quatro partes, conforme o metro e suas pausas em que foram compostas, e estão collocadas pela ordem alphabetica, segundo a letra do primeiro verso de cada composição, e por tanto será facil achalas, buscando-se como se fosse n'um dictionario. Por essa razão só dá-se o indice dos auctores, devendo-se recorrer aquelle expediente para as poesias dos auctores anonymos, ou cujos nomes não conhecidos.

	PAG.
Achilles Varejão	
A oração da infancia.	188
Adeodato de Mello	
Quando eu morrer	36
Almeida Cunha	
Noite de luar	107
A Elvira	112
Almeida e Silva	
Julieta	230
Amelia G.^{***} (D.)	
Supplica	119
Alvares de Azevedo	
E' ella ! E' ella !	97
Lelia	169
O vagabundo	21
Se eu morresse amanhã	39
Alvarenga Netto	
A Marina	37
Barros de Albuquerque	
Remorsos	184
B. F.	
Como és feliz.	83

Bethencourt da Silva

O canto da virgem	125
Teu doce amor	89
A estatua da vida	117
Enlevo	56

B. Cato

Era no outono.	110
Lembras-te ?	140

Caetano da Silva (J. L.)

O louco.	128
----------	-----

Camargo (H. de)

A' alguém	60
-----------	----

Candida Cotrim (D. C. Isabel do Pinho)

Um teu doce agrado	118
--------------------	-----

Candido Passos

Rosas	234
-------	-----

Carlos Ferreira

Idylios.	160
Na estrada.	119

Carvalho (V. de)

Minhas crenças	205
----------------	-----

Castro (A. L. G. de)

E' ella	206
---------	-----

Castro Alves

Fatalidade	44
Hébréa . . .	180
Volta da primavera	51
O laço de fita .	257

Casimiro de Abreu

* * *

Amor e medo	191
Pranto de virgem .	195
Minha alma é triste	148
Pobre criança .	175

Celso de Magalhães

A' Alzira	231
-----------	-----

Cicero de Pontes

Mulheres e flores	240
-------------------	-----

Eduardo Meirelles

Schamyl.	131
----------	-----

Eduardo Villas-Boas

A trasviada	226
O olhar da virgem	159

Ernesto Cibrão

Luiz.	85
-------	----

Ezequiel Freire

Murmurios'.	196
Romagem	203
Venus e eu.	67

Fagundes Varella

A' luz da aurora	53
Deixa-me	190
Nevoas	252
No ermo	47
Solitaria e triste	189

Feliciano Leitão

Não sei mas sei	152
Risos e flores	202
Rosas brancas .	201

Ferreira Neves

A supplica da virgem.	63
Elvira	216
Messalina	57
O caixeiro	156
O pobre.	92
Se é crime....	207

França

Sempre-viva	70
-------------	----

Franklin Tavora

Amor.	75
-------	----

Furtado Coelho

Quero fugir-te.	200
-----------------	-----

Garcia Monteiro (M.)

Outrora	50
---------	----

Germano Costa

Embalde	150
---------	-----

	PAG.
Gonçalves Dias	
Se eu fosse querido	270
Visão	12
O gigante de pedra.	249
Gratulino Coelho	
Nunca	228
Gualberto Peçanha	
A pensativa	187
Carminia	82
No mar.	141
Vem, Morena.	158
Guilherme Chaves	
Dize!	94
G. da Silveira	
A pupilla	162
Heleodoro (J.)	
Rosa Branca	49
Honorato Lopes	
Engano.	106
Jeronymo de Cerqueira	
Peregrina estrella	68
João Quirino	
Sempre!	87
José Bonifacio, o 'moço	
Saudade.	108

	VII
	PAG.
	Jorge Cassen
Ciume	250
	Julia de Gusmão (D.)
Não chores.	111
	Julio da Gama
A bruma.	80
Canto do Orpham	199
	Julio Diniz
Andorinhas:	247
	L. Felix
Pensa e procede	34
	Laurindo Rabello
Canto do Cysne.	35
	Lobo da Costa
A ella	91
Ficção	88
Nocturno	178
	Lobo Citta
A perjura	90
	Luiz Guimarães
Branca rosa	171
Terra sancta	137
	M. L.
	219
A uma noiva	238
Escuta	268

	PAG.
M. Leitão	
Falla.	129
O canto da noiva	138
O teu sorriso	198
Porque soffro?	46
Macedo (Dr. J. M. de)	
Amanhã	6
Manoel de Almeida	
A's senhoras fluminenses	145
Revelação de amor.	165
Manuel Roussado	
Flores de algibeira	222
Marques Rodrigues (A.)	
O Brazil.	263
Teus olhos	61
Mucio Teixeira	
Alice	136
Norberto de Souza Silva (J.)	
Branca rosa	133
Lindoya.	69
Sepé	95
Virginia.	4
Novaes	
Amor sem fim.	85
Perdão.	172

	PAG.
Nuno Alvares	
Resposta á supplica	81
Octaviano Hudson	
A morta	194
Amo-te. ,	59
Virgem.	48
Oliveira Bastos	
Gualberto Peçanha	147
Paula Barros	
A noiva.	102
Scismando	65
Pedro de Calazans	
Escuta	212
O desejo	149
Pedro Luiz	
Lgrimas do passado	213
Pereira da Silva	
A virtude	210
Canção do escravo.	72
Pietro de Castellamare	
Não foi de balde	151
Pinheiro Caldas	
Delirio.	264
O opulento	104
Pinheiro Chagas	
A Leonor	142

	PAG.
	Pinto da Costa (E.)
Teu sorriso.	40
	Pinto Neves (M.)
Teu nome	260
	Quirino dos Santos (F)
Caopóra.	99
Um dia exaurido.	273
	Ramos da Costa
Perfumes	208
	Ribeiro (A.)
Saudade	223
	Ribeiro Junior (J. A.)
Sonho e realidade.	244
	Ricardo de Almeida
O sonho	127
	Rodrigues (A. M.)
A revista nocturna de Sedlitz	55
	Rodrigues Proença (João)
A lua	267
Da-me um sorriso	182
	Rosendo Muniz
Primeiro amor.	64
Tu e eu.	232
	Rocha (C. da)
Desvaneios.	126

	XI
	PAG.
Salazar Sanches	
O perdão	174
Sebastião Pereira da Cunha	
O Minho	217
Silva (R. da)	
Devaneio.	54
Silvino Vital	
Prantos da noite	185
Soares de Passos (A. A.)	
Noivado do sepulchro.	235
O mendigo.	258
Tristeza	245
O opulento.	104
Souza (A. J. de)	
Ao sol.	265
Brazil, accorda	78
Os olhos della	164
F. de M.	
Folha em branco	153
Theophilo Dias	
Sombras	254
Thomaz Ribeiro	
A Judia.	96
Angelica	120
Flores d'alma.	71
A festa e a caridade	24

	PAG.
Um nicteroyense	
Magua e saudade. . .	168
Virginio de Carvalho	
Festas de dor . . .	39
Minhas crenças . . .	205
Xavier de Novaes (Faustino)	
Nas horas longas ,	154
Um sonho . . .	114
Zossoé	
Pensando em ti	32
Zaluar (Aug. Emilio)	
Adeus. . .	43
A virgem da noite	242
Saudades.	262

FIM

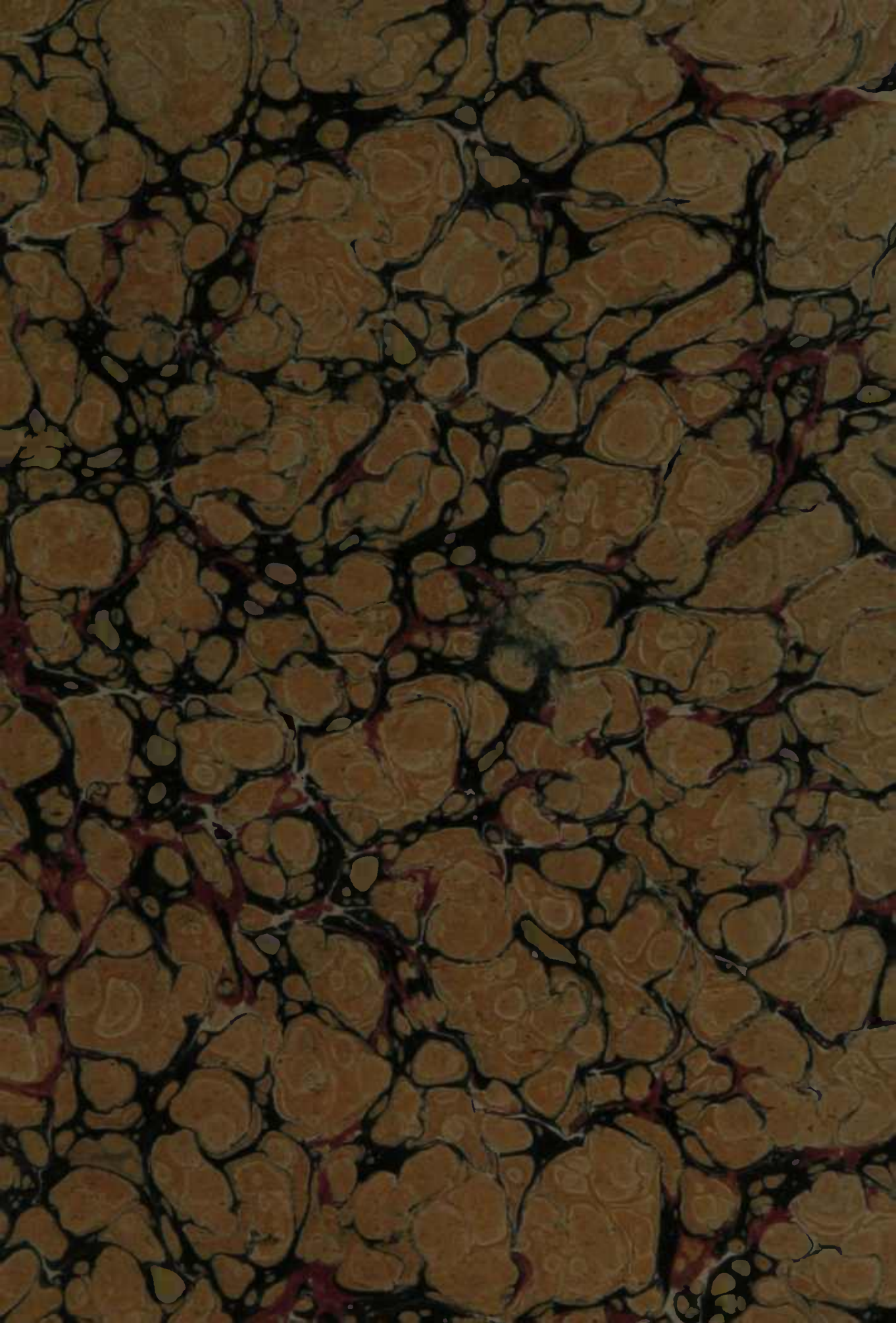
ERRATA PRINCIPAL

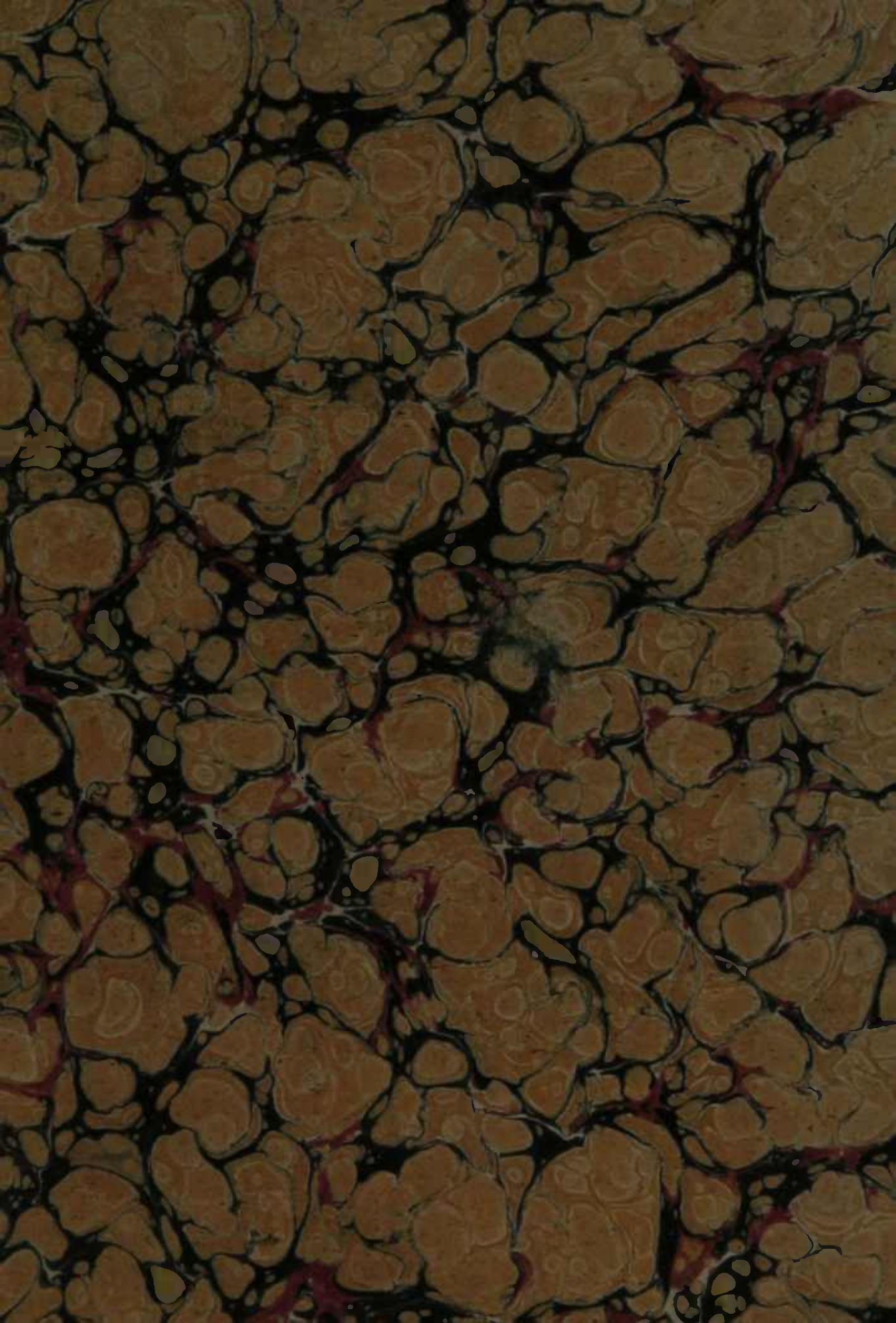
Pag. 133 onde diz

Sorriu-se a brisa que refresca os portos.

Lea-se:

Sorriu-se a brisa que refresca os hortos.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).